

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM PSICOLOGIA
MESTRADO EM PSICOLOGIA SOCIAL

FORMAÇÃO E SUBJETIVIDADE:
A experiência de formandos em psicologia

Érika Cardoso
Orientadora: Anita C. Azevedo Resende

GOIÂNIA
AGOSTO DE 2009

ÉRIKA CARDOSO

**FORMAÇÃO E SUBJETIVIDADE:
A experiência de formandos em psicologia**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em Psicologia da Universidade Católica de Goiás, como requisito para obtenção do título de Mestre.

Orientadora: Anita C. Azevedo Resende.

Área de concentração: Processos Psicossociais

**GOIÂNIA
AGOSTO DE 2009**

ÉRIKA PATRÍCIA CARDOSO

**FORMAÇÃO E SUBJETIVIDADE:
A experiência de formandos em psicologia**

Dissertação defendida em _____ de 2009, pela Banca Examinadora
constituída pelas professoras:

Prof^a. Dr^a. Anita Cristina Azevedo Resende
Presidente da Banca
Universidade Católica de Goiás

Prof^a. Dr^a. Sônia Margarida Gomes Sousa
Universidade Católica de Goiás

Prof^a. Dr^a. Maria do Rosário da Silva Resende
Universidade Federal de Goiás

Prof^a. Dr^a. Helenides Mendonça
Universidade Católica de Goiás
Suplente

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	09
CAPÍTULO I – FORMAÇÃO: A RELAÇÃO INDIVÍDUO E SOCIEDADE.....	16
CAPÍTULO II - A FORMAÇÃO DAS HISTÓRIAS: A HISTÓRIA DA FORMAÇÃO.....	33
CAPÍTULO III – O PROCESSO DE SOCIALIZAÇÃO: AS MEDIAÇÕES PSICOSSOCIAIS.....	67
CAPÍTULO IV – FORMAÇÃO E SUBJETIVIDADE.....	92
CONCLUSÃO.....	126
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	128
ANEXOS.....	130

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

TABELAS

Tabela 01 Psicólogos formados por área de estágio na Universidade Católica de Goiás.

QUADROS

Quadro 01 Formandos em psicologia, segundo área de estágio, gênero e idade.

Quadro 02 Formação de psicólogos matriculados segundo as diferentes abordagens da área clínica, de acordo com a faixa de idade e gênero.

ANEXOS

Anexo I Roteiro de entrevista.

Anexo II Termo de consentimento livre e esclarecido.

Anexo III Termo de consentimento de participação.

Ah, tem uma repetição, que sempre outras vezes em minha vida acontece. Eu atravesso as coisas – e no meio da travessia não vejo!! – só estava era entretido na idéia dos lugares de saída e de chegada. Assaz o senhor sabe: a gente quer passar um rio a nado, e passa; mas vai dar na outra banda é num ponto muito mais embaixo, bem diverso do em que primeiro se pensou. Mas -- de dentro de mim: uma serpente. Aquilo me transformava, me fazia crescer de um modo, que dóia e prazia. Viver nem não é muito perigoso?

(João Guimarães Rosa – Grande Sertão Veredas)
A Flor e a Náusea

Preso à minha classe e a algumas roupas, vou de branco pela rua cinzenta.
Melancolias, mercadorias espreitam-me.
Devo seguir até o enjôo?
Posso, sem armas, revoltar-me?

Olhos sujos no relógio da torre:
Não, o tempo não chegou de completa justiça.
O tempo é ainda de fezes, maus poemas, alucinações e espera.

O tempo pobre, o poeta pobre fundem-se no mesmo impasse.

Em vão me tento explicar, os muros são surdos.
Sob a pele das palavras há cifras e códigos.
O sol consola os doentes e não os renova.
As coisas. Que tristes são as coisas, consideradas sem ênfase.

Vomitam esse tédio sobre a cidade.
Quarenta anos e nenhum problema resolvido, sequer colocar
Nenhuma carta escrita nem recebida.
Todos os homens voltam para a casa.
Estão menos livres, mas levam jornais e soletram o mundo,
sabendo que o perdem.
Crimes da terra, como perdoá-los?
Tomei parte em muitos, outros escondi.
Alguns achei belos, foram publicados.
Crimes suaves, que ajudam a viver.
Ração diária de erro, distribuída em casa.
Os ferozes padeiros do mal.
Os ferozes leiteiros do mal.

Por fogo em tudo, inclusive em mim.
Ao menino de 1918 chamavam anarquista.
Porém meu ódio é o melhor de mim.
Com ele me salvo
e dou a poucos um esperança mínima.

Uma flor nasceu na rua!
Passem de longe, bondes, ônibus, rio de aço do tráfego.

Uma flor ainda desbotada
ilude a polícia, rompe o asfalto.

Façam completo silêncio, paralitem os negócios, garanto que
uma flor nasceu.

Sua cor não se percebe.
Suas pétalas não se abrem.
Seu nome não está nos livros.
É feia. Mas é realmente uma flor.

Sento-me no chão da capital do país às cinco horas da tarde e
lentamente passo a mão nessa forma insegura.
Do lado das montanhas, nuvens maciças avolumam-se.
Pequenos pontos brancos movem-se no mar, galinhas em
pânico.

É feia. Mas é realmente uma flor. Furou o asfalto, o tédio, o
nojo e o ódio.

(Carlos Drummond de Andrade, Antologia Poética).

RESUMO

O presente trabalho discute as mediações psicossociais engendradas no processo de socialização dos formandos em psicologia. A constituição da subjetividade se desenvolve a partir das objetivações humanas postas na realidade. Portanto, em um mundo tomado pela lógica capitalista, que o produz e reproduz, no qual os mecanismos da semiformação e da irracionalidade imperam, é fundamental compreender as possibilidades da constituição de uma subjetividade capaz de enfrentar as condições objetivas até então constituídas. A autonomia fica obstaculizada e a própria formação é comprometida. A trajetória da experiência formativa está submetida à forma como as instâncias de socialização são internalizadas pelos indivíduos e, ao mesmo tempo, externalizadas, no processo de formação. Para estudar essa temática, realizou-se uma pesquisa, para apreender os sentidos produzidos pelos formandos em psicologia acerca da formação no seu sentido amplo e, particularmente, a formação em psicologia, que implica na constituição de sujeitos capazes de estabelecer relações conscientes e autônomas com a realidade.

ABSTRACT

The present work discusses about the psychosocial mediations engendered in the socialization process of psychology graduating students. The constitution of the subjectivity is developed from the human objectifications actually made. Therefore, in a world that is taken by the capitalistic logic of production and reproduction, where the mechanisms of the informal knowledge of the unreality leads, it is extremely important to understand the possibilities of a subjectivity constitution that it is able to face the objective conditions then built. The autonomy is hindering and the formation for itself is compromised. The formative experience trajectory is submitted to how the instances of socialization are internalized by the individuals and at the same time outsourced in the building process. To study this subject matter, a research was developed in order to grasp the senses produced by the psychology graduating students about the wider meaning of the formation particularly the self-process in psychology which implies the constitution of an individual apt to establish autonomous and conscious relations with the reality.

APRESENTAÇÃO

O estudo da formação do psicólogo se estabelece a partir do interesse no aprofundamento da temática da formação no seu sentido amplo, que implica tanto nos desafios relativos à profissionalização no contexto dos desenvolvimentos do mundo do trabalho na contemporaneidade quanto na constituição de sujeitos capazes de estabelecer relações conscientes e autônomas com a realidade. Nessa dupla perspectiva é que se postula a importância da temática da formação do psicólogo e a investigação das mediações psicossociais nesse processo.

A presente pesquisa investiga a lógica que se tece na experiência formativa, na sua universalidade, e, ao mesmo tempo, a formação particular do aluno de psicologia, especialmente da Universidade Católica de Goiás. O curso de psicologia desta universidade, nos seus 35 anos de existência, formou, aproximadamente, treze mil psicólogos no Estado de Goiás. Essa condição estabelece a UCG como um *locus*, no qual os processos de formação em psicologia estão suficientemente desenvolvidos, no que concerne ao tempo de curso e a uma experiência material construída em décadas de formação profissional.

Nessas bases, a pesquisa objetivou apreender os sentidos produzidos pelos alunos formandos do ano de 2008, acerca de formação e trabalho do profissional em psicologia. Nessa articulação entre os sentidos produzidos acerca da formação e da atuação do psicólogo, pretendeu-se apreender processos de constituição objetiva e subjetiva, evitando-se tanto o mecanicismo objetivista quanto o subjetivismo abstrato e normativo e, ainda, realizar uma investigação acerca das formas e conteúdos que produzem e reproduzem a experiência formativa. Dentro dessa perspectiva é que se desenvolveu a problematização do tema investigado: Qual é o sentido de formação produzido pelos formandos em psicologia da Universidade Católica de Goiás?

Para realizar a presente investigação, inicialmente, fêz-se um levantamento junto ao CEPSI (Centro de Estudos e Pesquisas e Práticas Psicológicas), buscando caracterizar o perfil do aluno formando, suas áreas de interesse e campos teóricos escolhidos. Esse levantamento permitiu elaborar um mapeamento desses alunos, conforme pode ser verificado:

Tabela 1: Psicólogos formados por área de estágio, na Universidade Católica de Goiás, em 2008/1.

Área	Quantitativo de alunos	Percentual
Clínica	55	53%
Psicodrama	13	24%
Psicanálise	12	22%
Fenomenologia	11	20%
Comportamental	07	13%
Gestalt	06	11%
Cognitivismo	04	07%
Sistêmica	02	03%
Comunitária	20	19%
Hospitalar	15	14%
Organizacional	13	13%
Escolar	01	01%
Total	104	100%

Fonte: CEPSI (Centro de Estudos e Pesquisas e Práticas Psicológicas).

Vale ressaltar que a nomeação das áreas de estágio (tabela 01) se deu de acordo com a nomeação do próprio CEPSI, que serve de base para as escolhas dos alunos concluintes do curso, nos seus campos e abordagens teóricas implicadas no estágio final de conclusão do curso. Sendo assim, os 104 alunos concluintes do curso de psicologia têm entre 21 e 56 anos de idade, sendo predominantemente do sexo feminino (85%). A área de maior concentração de interesse é a clínica, com 53% dos graduandos, sendo 84% do sexo feminino e 16% do sexo masculino. Na área comunitária, concentraram-se 19% dos formandos, com 15% do sexo masculino e 85% do sexo feminino. Na área hospitalar estão matriculados 14% dos formandos, sendo 20% do sexo masculino e 80% do sexo feminino. Na área organizacional, concentraram-se 13% dos formandos, sendo 8% do sexo masculino e 92% do sexo feminino. Na escolar, matriculou-se 01 formando do sexo feminino.

O quadro abaixo apresenta os dados distribuídos segundo as escolhas das áreas de estágio, o gênero e a idade dos formandos em psicologia. As áreas estão divididas em clínica, comunitária, hospitalar, organizacional e escolar. Os formandos escolheram as áreas para realizarem a conclusão do estágio por diferentes motivos. Alguns optaram por determinada área e nela permaneceram até o final. Outros realizaram o estágio em determinadas áreas, com as quais não tinham qualquer afinidade. Sendo assim, serão discutidos, no decorrer do trabalho, os argumentos que sustentam o motivo das escolhas das áreas.

Quadro 1: Formandos em Psicologia, segundo área de estágio, gênero e idade, na UCG, em 2008/1.

Idade	Gênero	Áreas					Total
		<i>Clínica</i>	<i>Comunitária</i>	<i>Hospitalar</i>	<i>Organizacional</i>	<i>Escolar</i>	
21----25	Masculino	02	02	02	01	00	07
	Feminino	24	08	06	07	01	46
26----30	Masculino	04	01	01	00	00	06
	Feminino	10	04	03	03	00	20
31----35	Masculino	01	00	00	00	00	01
	Feminino	05	02	02	00	00	09
36----40	Masculino	01	00	00	00	00	01
	Feminino	06	01	00	02	00	09
41----45	Masculino	00	00	00	00	00	00
	Feminino	01	01	00	00	00	02
46----50	Masculino	01	00	00	00	00	01
	Feminino	00	00	01	00	00	01
51----56	Masculino	00	00	00	00	00	00
	Feminino	00	01	00	00	00	01
Total	Masculino	09	03	03	01	00	104
	Feminino	46	17	12	12	01	

Fonte: CEPSI (Centro de Estudos e Pesquisas e Práticas Psicológicas).

De acordo com o Quadro 01, a área clínica é predominante na escolha dos alunos concluintes, conforme já havia sido constatado pela Tabela 01. Além disso, tomando-se os levantamentos feitos no CEPSI, pode-se observar ainda, como mostra a Tabela 3, a seguir, que, no que concerne ao referencial teórico escolhido para embasar as atividades de estágio, a maior concentração situa-se no Psicodrama, com 24% dos formandos, sendo 92% do sexo feminino e 8% do sexo masculino. A Psicanálise foi escolhida por 22% dos formandos, sendo estes 17% do sexo masculino e 83% do sexo feminino. Já a abordagem fenomenológica foi escolhida por 20% dos formandos, sendo 36% do sexo masculino e 64% do sexo feminino. A abordagem comportamental foi escolhida por 13% dos formandos, sendo 29% do sexo masculino e 71% do sexo feminino. Na Gestalt, concentraram-se 11% dos formandos do sexo feminino; no Cognitivismo, 7% do sexo feminino e, na Sistêmica, a concentração foi de 3% do sexo feminino.

Quadro 2: Formação de psicólogos matriculados segundo as diferentes abordagens da área clínica, de acordo com a faixa de idade e o gênero.

Idade	Gênero	Abordagem Clínica							Total
		Psicodrama	Psicanálise	Fenomenologia	Comportamental	Gestalt	Cognitivismo	Sistêmica	
21----25	Masculino	00	02	00	00	00	00	00	02
	Feminino	10	03	02	01	04	03	00	23
26----30	Masculino	00	00	03	01	00	00	00	04
	Feminino	02	01	01	03	02	01	00	10
31----35	Masculino	01	00	00	00	00	00	00	01
	Feminino	00	02	02	00	00	00	01	05
36----40	Masculino	00	00	00	01	00	00	00	01
	Feminino	00	04	01	00	00	00	01	06
41----45	Masculino	00	00	00	00	00	00	00	00
	Feminino	00	00	01	01	00	00	00	02
46----50	Masculino	00	00	01	00	00	00	00	01
	Feminino	00	00	00	00	00	00	00	00
51----56	Masculino	00	00	00	00	00	00	00	00
	Feminino	00	00	00	00	00	00	00	00
Total	Masculino	01	02	04	02	00	00	00	55
	Feminino	12	10	07	05	06	04	02	

Fonte: CEPSI (Centro de Estudos e Pesquisas e Práticas Psicológicas).

Com base nos dados anteriormente mencionados, elaborou-se um perfil do formando, considerando-se critérios de: campo de atuação, idade, gênero e escolha do referencial teórico dentro da área clínica. A partir desse perfil, foram definidos os critérios de seleção dos 10 (dez) sujeitos que participaram da pesquisa, buscando-se contemplar as variáveis indicadas no mapeamento inicial e estabelecer critérios de inclusão e exclusão de (06) seis alunos que estão estagiando na clínica, que concentra o maior número de formandos e, ao mesmo tempo, contempla as abordagens teóricas a ela referentes: 01 na escolar, 01 formando na hospitalar, 01 na organizacional e 01 formando na comunitária.

Com relação à idade, a maior concentração dos formandos se deu entre 21 a 30 anos, representando uma amostra de 75% dos formandos, sendo 17% do sexo masculino e 83% do sexo feminino. Nesse sentido, a amostra desta pesquisa contemplou as tendências postas no que se refere à idade, por ter uma representação significativa. Por outro lado, no que se refere ao gênero, embora a tendência aponte para o sexo feminino, foi necessário realizar uma escolha aleatória dos nomes, para que se pudesse contemplar ambos os sexos.

Com relação ao referencial teórico, a Sistêmica não entrou na amostra pelo fato de os sujeitos não apresentarem a idade delimitada nesta pesquisa. Os formandos que se dedicaram a tal abordagem se encontram na faixa de 31 a 40 anos.

Assim sendo, foram contatados dez formandos em psicologia com a idade entre 21 a 30 anos, que expressam a maioria dos formandos. Desses, nove responderam à solicitação inicial para participar desta investigação. Seis formandos são da área clínica, por concentrar esta o maior número de estagiários, nas suas diferentes abordagens teóricas e metodológicas; e três são das outras áreas. Assim, foram entrevistados da área clínica: 01 estagiário na área de Psicanálise, 01 no Psicodrama, 01 na Fenomenologia, 01 na Gestalt, 01 na Comportamental, 01 no Cognitivismo. Das outras áreas, que têm um quantitativo menor de estagiários: da comunitária participou 01 formando, 01 da área hospitalar e 01 da área organizacional. O formando que estagiou na área escolar, o único nela matriculado, não aceitou participar da entrevista.

Os formandos da área comunitária e hospitalar aderiram imediatamente à proposta, dizendo que enfrentaram muitas dificuldades no que se refere à realização de suas próprias pesquisas. Muitos sujeitos não aceitaram participar das pesquisas que eles próprios realizaram. Assim, por terem conhecimento dos impasses existentes na trajetória para a realização de uma pesquisa, é que os formandos mencionados anteriormente aceitaram responder o roteiro proposto no roteiro de entrevistas.

Por outro lado, ocorreu uma significativa resistência, por parte dos formandos que realizaram o estágio na área clínica, pois os sujeitos com os quais o estágio é realizado são incorporados imediatamente à clínica-escola, uma vez que são os pacientes que buscam atendimento terapêutico nessa instituição e não o inverso. Consequentemente, os concluintes do curso de psicologia que atuaram na área clínica não se depararam com certas dificuldades durante o estágio. Evidenciaram-se, já de início, as diferenças entre as diversas áreas, implicando a disponibilidade, por parte dos formandos, para participar desta pesquisa.

Assim, foram 09 (nove) formandos os sujeitos que aceitaram responder o roteiro de entrevista: Neruda (Área clínica: Psicanálise), Francisco (Área clínica: Fenomenologia), Karina (Área clínica: Psicodrama), Maria (Área clínica: Gestalt), Luciana (Área clínica: comportamental), Flávia (Área clínica: Cognitivismo), Carla

(organizacional), Poliana (hospitalar), Murilo (comunitária). Os nomes são fictícios.

As 09 (nove) entrevistas foram realizadas a partir de um roteiro seguindo os devidos núcleos temáticos: história da família (profissão e formação dos pais e irmãos, infância), significado de família, escola e outras atividades (esporte, línguas, dança), religião, aproximação entre religião e psicologia, inserção em grupos (pesquisa e outros), meios de comunicação (televisão, internet, música, cinema, teatro, literatura), trabalho, escolha do curso de psicologia e a trajetória no curso de psicologia. Essas entrevistas, semiestruturadas, objetivaram o aprofundamento das temáticas que contemplaram questões pertinentes à formação do psicólogo e, ao mesmo tempo, da sua profissionalização. Definidos esses termos, elaborou-se um roteiro de entrevista para apreender as mediações psicossociais citadas anteriormente. (Anexos I)

A realização das entrevistas foi efetivada após a apresentação de um termo de consentimento livre e esclarecido aos sujeitos, através do qual foram informados que as mesmas seriam gravadas. Depois de terem sido atendidas todas as exigências necessárias, ou seja, um ambiente físico e restrito, arejado e com boa iluminação, buscando garantir privacidade e sigilo a cada sujeito, realizou-se a pesquisa.

O material expresso nas entrevistas gravadas foi transcrito e organizado a partir de núcleos temáticos e categoriais de análise, que apontam mediações para a compreensão do processo de formação do graduando. Busca-se, então, apreender as condições em que são produzidos e reproduzidos os sentidos de formação pelos formandos em psicologia, articulando-se as bases conceituais a partir da teoria crítica, com o objetivo de compreender as mediações psicossociais implicadas no processo histórico até então constituído, analisando-se as contradições inerentes à dinâmica cindida na sua aparência, entre indivíduo e sociedade, e o antagonismo existente entre subjetividade e objetividade.

Foi possível apontar, a partir dos eixos temáticos, as categorias fundamentais, as tendências postas e suas correlações, desvelando-se o sentido que permitiu apreender o significado da problemática pertinente ao tema.. Dessa forma, as categorias presentes referidas à formação estão articuladas intrinsecamente à instituição família, à escola, à religião, à inserção em grupos formais e informais, aos meios de comunicação, construindo um conjunto categorial relacionado mais às questões subjetivas. As outras categorias, como a aproximação entre psicologia e

religião, a escolha do curso de psicologia, trabalho e a trajetória no curso de psicologia, estão implicadas nas contradições entre a subjetividade constituída dos formando e a objetividade.

Para apresentação da investigação realizada, propõe-se, no primeiro capítulo, nomeado “Formação: a relação indivíduo e sociedade”, a discussão do conceito sobre formação, no seu sentido universal e ao mesmo tempo particular, buscando-se apreender as contradições na relação entre os indivíduos que internalizam a materialidade posta e a forma como externalizam a elaboração produzida na realidade. Nesse sentido, faz-se necessário o retorno à família e a outras instituições que constituem o indivíduo, para se apreender a lógica e a construção histórica até então desenvolvidas, o que permitirá o entendimento dos movimentos de produção e reprodução que tecem a formação.

A história de vida dos formandos em psicologia que participaram da pesquisa será apresentada no capítulo posterior, intitulado “A formação das histórias: a história da formação”, que tece a história de vida desses indivíduos, tanto na forma com no conteúdo, com relação à sua experiência formativa. Nesse sentido, as histórias contadas pelos formandos apontam tendências postas, aguçando as facetas sociais e históricas.

O terceiro capítulo, com o título de “O Processo de socialização: As mediações psicossociais”, é articulado no sentido de orientar a análise das categorias que surgem da experiência formativa dos formandos em psicologia. E, por fim, o último capítulo, cujo título é “Formação e subjetividade”, analisou a constituição da subjetividade dos indivíduos que aderem a certas práticas e determinadas teorias, apontando, inclusive, os níveis de identificações implícitos na mesma constituição. O corpo conceitual fundamenta-se no método dialético, buscando desvelar as contradições ocultas no processo, pautada numa análise qualitativa, que permite compreender a relação entre a subjetividade e a objetividade constituída.

CAPÍTULO I:

FORMAÇÃO: A RELAÇÃO INDIVÍDUO E SOCIEDADE

O desenvolvimento da humanidade implica na história das externalizações e internalizações humanas, com condições objetivas e subjetivas, que estabelecem as possibilidades de constituição do indivíduo e da sociedade nas suas dimensões universais, particulares e singulares. Esse processo de constituição recíproca do indivíduo e da sociedade se dá pela mediação de instâncias sociais, ou seja, da internalização dos conteúdos, significados, regras, normas e valores produzidos socialmente e, ao mesmo tempo, da exteriorização constitutiva do indivíduo nessa objetividade social. No entanto, embora referidas reciprocamente, ambas as lógicas, que inauguram a relação indivíduo e sociedade, não são exclusivamente complementares e podem relacionar-se a objetivos contraditórios.

O indivíduo, tal qual o conhecemos, é uma criação do mundo moderno. Sua emergência é contemporânea ao postulado de um procedimento racional, que, desde o iluminismo, se apresentava como promessa de progresso e realização humana. Nesse sentido, a individualidade e a liberdade, atribuídas ao indivíduo, vieram associadas à conquista de sua independência num contexto histórico específico, convertendo-se, processualmente, em liberdade de mercado. Conceber o indivíduo como um ente isolado, autônomo e “livre” das condições objetivas do mundo moderno é, ao mesmo tempo, internalizar os mecanismos vigentes dessa racionalidade, nutrindo ainda mais o modo de produção capitalista:

Está em causa uma subjetividade constituída no contraponto da negação da universalidade do homem em decorrência de um fato fundamental: as objetivações humanas no trabalho, condição do ser homem, não mais são momentos de reconhecimento e afirmação, mas de restrição e isolamento. A criatura parece prescindir do criador, a realidade do sujeito: o todo se autonomiza ante as partes: a realidade renuncia ao conceito, porque não pode ser apreendida nas suas mediações e se fixa na representação; o ego, impotente, incapaz de reconhecer a diferenciação e a identificação crítica, regride ao id e arma aí seu refúgio. A negação da universalidade corresponde, portanto, à redução da particularidade, da singularidade, à mera existência em si: corresponde à negação da particularidade que, na realidade, só existe na sua relação com a universalidade. Não há ilusões: a expropriação da universalidade é a expropriação da singularidade, da particularidade (RESENDE, 2001, p. 529).

Essa razão instituída, que começou a estruturar a vida dos homens, teve desenvolvimento acentuado na transição do feudalismo para o capitalismo,

ganhando formas mais intensas a partir da revolução que se efetivou na Europa, especialmente na França. O iluminismo, ou esclarecimento, representou o auge das transformações culturais iniciadas no século XIV, incentivando a investigação científica, que levou à separação entre o campo da fé (religião) e o da razão (ciência), e determinando profundas transformações no modo de pensar, sentir e agir do homem, enfim, na forma de se compreender a subjetividade e a objetividade humana.

No século XVIII, emerge a realidade histórica do indivíduo tal como o conhecemos, o qual passa a ser o homem singular, autônomo e independente da sociedade do qual é “parte”. Esses acontecimentos históricos demarcaram novos tipos de cenário, relações entre pessoas e modo de produção. O homem foi aderindo a uma realidade estratificada e às idéias abstratas que constituem essa mesma realidade: “Nesse processo, o homem vai sendo submetido a uma realidade fragmentada e aos seus sistemas abstratos, de modo que, tanto no nível do pensamento quanto no da realidade, vai perdendo sua referência de totalidade” (RESENDE, 2001, p.522).

Individualização sem individuação (ADORNO, 1985) é o emblema do homem moderno, ou seja, a individualização remete a essa forma do individualismo burguês, do indivíduo isolado, independente e “livre” para, inclusive, vender sua força de trabalho, aderindo cada vez mais ao modo de produção capitalista.

A coletividade perde espaço para a individualidade e os interesses privados, e não públicos, enfraquecem a relação entre os homens. O não reconhecimento, na realidade, traz, implicitamente, a falta de individuação, materializando, cada vez mais, seu isolamento, o que impossibilita sua constituição enquanto sujeito e o faz viver uma falsa universalidade. A individuação implica, fundamentalmente, na relação com o outro, sem se perder nesse outro. A esse respeito, Adorno (1985) fala sobre as construções da subjetividade, que instaura a realidade objetiva: “Os objetos da fixação são intercambiáveis, como as figuras paternas na infância; qualquer um serve, desde que ela se prenda; o delírio da busca de referência volta-se para tudo sem nenhum referencial (p. 179)”. Nesse sentido, as relações sociais, no mundo moderno, se efetivam na ordem da individualização:

Para reagir a esse destroçamento subjetivo, o indivíduo vive a ilusão da possibilidade de recomposição, que, enganosamente, só poderá ser efetivada nele mesmo, já que, fora de si, na fragmentação da objetividade,

esse gesto não é possível. Esse recuo a si mesmo, à ilusão individualista, coloca o indivíduo no único lugar onde essa recomposição efetivamente não pode ocorrer. Tragicamente, o indivíduo está no lugar onde a recuperação do seu gênero não pode se efetivar, isto é, na ilusão da particularidade, da singularidade, da individualidade, do individualismo. (RESENDE, 1999, p. 168)

Por essa razão é que se faz necessário compreender o processo da identificação, enquanto mecanismo pelo qual o indivíduo internaliza o outro como modelo, enquanto referencial.

Freud (1921) afirma que a vida psíquica, mesmo sendo interna, não poderá ser apreendida se não estiver articulada à existência da realidade externa da dinâmica psíquica do indivíduo. Assim, a identificação é entendida como a mais antiga expressão de um vínculo emocional com outro ser humano. Nesse sentido, a questão da identificação aponta as contradições presentes nesta sociedade, em que o indivíduo é compreendido como independente, autônomo, que tem existência em si mesmo. De acordo com Freud (1921), na relação produzida entre os homens é que se constituem também os nexos da vida psíquica dos mesmos; a identidade é construída na relação com o outro, entre a dimensão psíquica e a dimensão cultural.

Já com Marx (1978) pode-se compreender a configuração desse modo de produção na constituição do indivíduo determinado e produzido sob essas condições. A concreticidade do real permite buscar apreender a noção de uma subjetividade concreta em relação às condições objetivas, enfim, a concreticidade da relação entre o indivíduo e a sociedade. É no movimento do homem em direção ao outro, na existência de um constituindo a existência do outro, que se dá a efetividade humana, ou seja, são as condições materiais postas que possibilitam aos homens se apossarem dos meios existentes, pela atividade, manifestando a vida, um modo determinado desta. Em *Para a Crítica da Economia Política* (1978), Marx remete a esse impasse inerente à sociedade burguesa, que se instaura a partir do mundo moderno.

A totalidade destas relações de produção forma a estrutura econômica da sociedade, a base real sobre a qual se levanta uma superestrutura jurídica e política, e à qual correspondem formas sociais determinadas de consciência. O modo de produção da vida material condiciona o processo geral de vida social, político e espiritual. Não é a consciência dos homens que determina seu ser, mas, ao contrário, é o seu ser social que determina sua consciência (MARX, 1978, p. 128).

Nesse sentido, ao partir da sociedade e apreender o indivíduo como ser

concreto, Marx (1978) indica também a existência da dimensão subjetiva da sociedade, não reduzindo o indivíduo, de um lado, a um simples reprodutor, impotente para enfrentar as condições postas como naturais e imutáveis e, de outro, a um ser autônomo, independente, dono de sua força de trabalho, autodeterminado, sem qualquer implicação com a sociedade:

Quanto mais se recua na história, mais dependente aparece o indivíduo, e, portanto, também o indivíduo produtor, e mais amplo é o conjunto a que pertence. De início, este aparece de um modo ainda muito natural, numa família, e numa tribo, que é família ampliada; mais tarde, nas diversas formas de comunidade resultantes do antagonismo e da fusão das tribos (MARX, 1978, p. 104).

Assim, na sociedade burguesa, o meio para se tecer a vida tem como objetivo a realização dos seus fins privados enquanto necessidade exterior:

Todavia, a época que produz este ponto de vista, o do indivíduo isolado, é precisamente aquela na qual as relações sociais (e, deste ponto de vista, gerais) alcançaram o mais alto grau de desenvolvimento. O homem é, no sentido mais literal, *zoon politikon*, não só animal social, mas animal que só se pode isolar em sociedade (MARX, 1978, p. 104).

A propriedade privada, a fragmentação do trabalho manual e intelectual e a ruptura da relação entre o sujeito e o objeto do conhecimento constituem algumas das condições objetivas fundamentais que possibilitam compreender como esse indivíduo autônomo, que surge com a modernidade, é tomado como livre, independente, como se suas idéias e ideais pudessem ultrapassar os limites da determinação histórica. “O ‘*a priori*’ e a sociedade estão entrelaçados, isto é, a consciência de um defeito, o da limitação do conhecimento, é transformada, para se poder melhor suportá-la, em uma vantagem” (ADORNO, 1995, p.191).

Uma construção histórica de indivíduo autossuficiente, independente e autônomo, significa, para Marx (1978), uma mera abstração, ou seja, uma ilusão, que é legitimada por uma ideologia que obscurece a realidade, para dar continuidade a uma produção incessante e veloz, não havendo nela possibilidade de reconhecimento. Dessa forma, o trabalho e o que é inerente ao processo de formação aderem às leis do mercado. O indivíduo acaba incorporando, como realidade, uma aparente autonomia, pois essa construção o cerca por todos os lados. A propriedade privada, a alienação e a divisão do trabalho são objetividades que, internalizadas, também vão tecer a subjetividade.

Somente no contexto social é que o subjetivismo e o objetivismo, o espiritualismo e o materialismo, a atividade e a passividade deixam de ser e de existir como contradições. A resolução das contradições teóricas somente é provável por intermédio dos meios práticos, por meio da energia prática do homem. Por isso, a sua resolução não constitui, de modo algum, apenas um problema de conhecimento, mas é um problema real da vida, que a filosofia não conseguiu resolver, justamente porque a considerou só como problema puramente teórico. Observa-se aqui a história da indústria e a existência objetivada da indústria é o livro aberto das faculdades humanas, a psicologia humana sensivelmente entendida; até agora, esta história nunca se concebeu em relação à natureza humana, mas só de um ponto de vista utilitário e superficial, uma vez que, no interior do processo de alienação, só era possível conceber a existência geral do homem, a religião, ou a história no seu aspecto abstrato e geral, como política, arte, literatura, como realidade das faculdades humanas e como ato genérico humano. A indústria ordinária, material (que é possível conceber como parte desse desenvolvimento geral, da mesma maneira que é possível considerar o desenvolvimento geral como parte específica da indústria, já que toda a atividade humana até o presente foi trabalho, ou melhor, indústria, atividade autoalienada) mostra-nos, sob a forma de alienação, as faculdades essenciais do homem transformadas em objetos. (MARX, 2002, pp. 152, 153)

Contudo, a relevância em Marx (1978) é a negação dessa realidade instituída como a-histórica. Para ele, a realidade se constitui na história da humanidade e, nesse sentido, é possível viver outra materialidade. Portanto, remete à mediação constitutiva entre o indivíduo e a história de sua sociedade. É no enfrentamento do homem com o outro, na sua luta, criação e domínio da natureza, via processo trabalho, que o indivíduo, assim como suas condições subjetivas e objetivas, é constituído. Nesse sentido, Hobsbawm (2005) aponta que a constituição do indivíduo, sua formação, se dirigirá às solicitações e demandas do mercado, convertendo a atuação do profissional “autônomo” em trabalho alienado, estruturada a partir da racionalidade do modo de produção capitalista:

Em certo sentido, a educação representava, tão eficazmente quanto os negócios, a competição individualista, a carreira aberta ao talento e o triunfo do mérito sobre o nascimento e os parentescos, através do instrumento do exame competitivo. Como de costume, a Revolução Francesa criou a expressão mais lógica dessa competição, as hierarquias paralelas de exames, que ainda selecionam, progressivamente, dentre o quadro nacional de ganhadores de bolsas de estudos, a elite intelectual que administra e instrui o povo francês (HOBSBAWN, 2005, p. 267).

Portanto, para Marx (2002), compreender a contemporaneidade na implicação das relações entre indivíduo e sociedade, indivíduo e cultura, exige compreender a racionalidade que organiza e tece a vida dos homens. No limite, a razão que, a princípio, veio para iluminar, dar luz a um mundo obscuro, esclarecer os homens,

livrando-os do medo e da menoridade, termina por não cumprir suas promessas de autonomia e emancipação.

As ciências naturais desenvolveram uma imensa atividade e reuniram uma quantidade sempre crescente de dados. Mas a filosofia conservou-lhes estranha, da mesma maneira que as referidas ciências continuaram estranhas à filosofia. A sua aproximação momentânea não passou de uma ilusão fantástica. Nasceu o desejo de união, mas faltou o poder para levá-la ao fim. A própria historiografia só incidentalmente se refere à ciência natural, como fator de esclarecimento, de utilidade prática, de grandes descobertas individuais. Mas a ciência natural penetrou de forma mais prática na vida humana por meio da indústria, transformou-a e preparou a emancipação da humanidade, muito embora seu efeito imediato tenha consistido em acentuar a desumanização do homem. A indústria é a relação histórica real da natureza e, por conseqüência, da ciência natural, ao homem, se ela conceber como a manifestação esotérica das faculdades humanas essenciais, poderá igualmente compreender-se a essência humana da natureza ou a essência natural do homem; a ciência natural abandonará então a sua orientação abstrata materialista, ou antes, idealista, e se tornará a base da ciência humana, assim como ela já agora ---- se bem que de forma alienada ---- se tornou a base da vida humana real. Uma base para a vida e outra para a ciência constituem, em princípio, uma mentira. A natureza, assim como se desenvolve na história humana – no ato de gênese da sociedade humana ----- é a natureza real do homem; por conseguinte, a natureza, assim como se desenvolve na indústria, embora também em forma alienada, constitui a verdadeira natureza antropológica. (MARX, 2002, pp. 155, 156)

Ainda a esse respeito, Horkheimer (2000) questionou a razão que instituiu as formas do Iluminismo: “agora que a ciência nos ajudou a superar o medo do desconhecido da natureza, somos escravos das pressões sociais em relação à própria construção de nós mesmos” (p. 186-187). A realidade mostra que os mecanismos, cada vez mais sofisticados, para camuflar a violência instauram a barbárie. Está em causa um retorno do que foi reprimido anteriormente para regular a relação entre os homens. A repressão que inaugura a possibilidade de “civilizar” os homens, ao mesmo tempo, instaura e legitima a violência.

A sensibilidade deve ser o embasamento de toda a ciência. Só é a ciência legítima quando decorre da sensibilidade, na dupla forma de percepção sensível e de necessidade sensível, ou melhor, só quando procede da natureza. A história total é a história da preparação e da evolução para que o “homem” se tornasse o objeto da percepção dos sentidos e para que as necessidades do “homem como homem” se transformassem em necessidades humanas. A própria história constitui uma parte real da história natural, o desenvolvimento da natureza a caminho do homem. A ciência natural acabará, um dia, por incorporar a ciência do homem, da mesma maneira que a ciência do homem integrará em si a ciência natural; haverá apenas uma única ciência. (MARX, 2002, p. 156)

No mesmo sentido, Sigmund Freud, que viveu na transição do século XIX para o século XX, presenciou o tecimento da moral vitoriana de sua época. Sua obra é fundamental para a compreensão da *psique* humana, para além da imediaticidade. Ele postula a tese de que só há civilização através da coerção, da repressão dos desejos mais primitivos dos homens. Portanto, o processo civilizatório exige do indivíduo sacrifício e renúncia, ou seja, o “outro”, que é o fundamento da condição de cada indivíduo ser, podendo aparecer tanto como possibilidade e satisfação quanto como impossibilidade e interdição do desejo. Freud (1939), em suas investigações, aponta nexos constitutivos da formação do indivíduo, indicando a importância de se diferenciar a forma e o conteúdo das internalizações humanas num dado momento histórico e, ao mesmo tempo, no modo de produzir a vida numa determinada sociedade, tecendo uma analogia a partir do mundo judaico e do mundo cristão, diferenciando esses mesmos mecanismos no processo civilizatório:

Não é óbvio nem imediatamente compreensível por que um avanço em intelectualidade, um retrocesso da sensualidade, deva elevar a autoconsideração tanto de um indivíduo quanto de um povo. Esse avanço parece pressupor a existência de um padrão definido de valor e de alguma outra pessoa ou instância que o sustente. Assim, quando a renúncia instintual se dá por razões externas, é apenas desprazerosa, quando ela se deve a razões internas, em obediência ao superego, ela tem um efeito econômico diferente. Em acréscimo às inevitáveis consequências desprazerosas, ela também traz ao ego um rendimento de prazer – uma satisfação substitutiva, por assim dizer (FREUD, [1939]1996, p. 131).

Dessa forma, é possível questionar ideais que foram inicialmente construídos para libertarem os homens e revolucionarem o mundo, que acabaram se transformando em liberdade administrada de mercado, criando mecanismos que atualizam cada vez menos uma satisfação substitutiva. Ou seja, o símbolo é, na sua imediaticidade, a expressão do fetiche.

Adorno (1995) aponta que há um encantamento do sujeito que fundamenta a ilusão do esclarecimento na sua aparência. Nesse sentido, é essencial engendrar o próprio sujeito à sua subjetividade produzida historicamente, tencionando com a universalidade. Assim, seus impulsos não devem ser banidos do conhecimento. Configura-se o impasse entre o processo civilizatório e o retorno à barbárie.

Deve renunciar à ilusão de ser indivíduo, antes de tornar-se indivíduo. A subjetividade deve alcançar a objetividade a fim de poder realizar-se. Este é o ponto fundamental da questão. A crítica arrancou a flor imaginária da cadeia, não para que o homem use a cadeia sem fantasias ou consolo, mas para que ele a arranque e separe dela a flor viva. (JACOBY, 1977, p. 95)

Segundo Adorno e Horkheimer (1985), “a distância com relação ao objeto, que é o pressuposto da abstração, está fundada na distância em relação à coisa, que o senhor conquista através do dominado” (p. 27-28). Nesse sentido, não se consegue devolver ao objeto o que o sujeito dele apreendeu; ele se esvazia, se empobrece, perdendo a reflexão nas duas direções: “como não reflete mais o objeto, ele não reflete mais sobre si e perde, assim, a capacidade de diferenciar” (p. 176).

Algumas tendências já estão apontadas a esse respeito. A confirmação de uma objetividade abstrata, que tem no sociologismo sua expressão, retirando a subjetividade enquanto efetivação da própria objetividade, e também o psicologismo, que se configura em um subjetivismo superficial, imediato e que descarta as condições materiais efetivas que o constituem. Nesse sentido, a psicologia, enquanto psicologismo, concentrou todas as questões no indivíduo, compreendendo a subjetividade enquanto conteúdo manifesto, transformando o que poderia ser subversivo e revolucionário em bom senso, adaptação e conformismo.

Uma psicologia crítica não deve sucumbir; não deve esquecer a loucura de todo e exaltar ideologicamente as virtudes de uma existência humana, que é hoje em dia desumana. Deve ajudar as vítimas: os desorientados, os vencidos, os sem-esperanças, sem glorificá-los. Pouco antes do dispositivo da Lei e da Ordem disparar suas balas contra os presos e os carcereiros da Prisão Estadual de Attica, notou-se o que disse um prisioneiro: aqui somos os únicos homens civilizados. Uma psicologia que não seja nem o cínico instrumento de ajuste nem o sincero, mas vácuo expoente do crescimento e da sensibilidade deve refletir sobre essa declaração.
(JACOBY, 1977, p. 168)

Modelos que buscam uma adaptação ao *status quo* configuram-se na contemporaneidade e resistência, podendo virar sinônimo de patologia ou anormalidade de um indivíduo que não se adapta ao que está posto. O estranhamento à forma de como se produz a vida é que se torna estranho, fora de um mundo de indivíduos saudáveis, úteis, que se adaptam “naturalmente” à estabilidade social consolidada. A barbárie pode ser instituída sob o cânone legal, que constrói um pensamento positivo e já não contém em si nenhuma negação. Assim, a violência pode ser legitimada:

Os conceitos foram aerodinamizados, tornaram-se instrumentos de economia de mão de obra. É como se o próprio pensamento tivesse se reduzido ao nível do processo industrial, submetido a um programa estrito, em suma, tivesse se tornado uma parte e uma parcela da produção. A linguagem tornou-se apenas mais um instrumento no gigantesco aparelho

de produção da sociedade moderna. O significado é suplantado pela função ou efeito no mundo das coisas e eventos. Desde que as palavras não sejam usadas de modo evidente para calcular tecnicamente probabilidades adequadas ou para outros propósitos práticos, entre os quais se inclui o recreio e a distração, arriscam-se a serem suspeitas de alguma espécie de interesse comercial, pois a verdade não é um fim por si mesmo. (HORKHEIMER, 2001, p. 30)

Desmistificar a realidade é desmistificar os valores, a sensibilidade e a razão. É denunciar a semiformação, que implica na impossibilidade de reconhecimento do sujeito na realidade. A formação do psicólogo está relacionada a tal fato, como um processo histórico a ser engendrado e não como um ideal a ser restaurado, que se efetiva concretamente na relação entre os homens. Jacoby (1977), quando retoma Adorno e Horkheimer, aponta essa questão:

“Na medida em que o endurecimento da sociedade reduziu mais e mais os homens a objetos...”, escreveu Adorno, “os métodos que refletem essa situação não constituem um sacrilégio. A falta de liberdade do método serve a liberdade no sentido de que, sem palavras, ela testemunha a falta de liberdade prevalecente. Ou, como escreveram Adorno e Horkheimer, em outro contexto: “A objeção corrente de que a pesquisa social empírica é por demais mecânica, primária e pouco espiritual transfere a responsabilidade daquilo que a ciência está investigando para a própria ciência. A muito criticada inumanidade dos métodos empíricos ainda é mais humana do que a humanização do desumano.” (Jacoby, 1977, p. 82)

Nesse sentido, as condições objetivas em que são produzidos e reproduzidos os sentidos acerca da formação e do trabalho são fundamentais para apanhar as mediações que constituem este processo, no qual estão em causa internalizações e objetivações, que constituem os indivíduos. Para tanto, o material empírico está organizado a partir do entrelaçamento da história de vida e a vinculação com a formação e profissionalização operada no curso de graduação em psicologia.

O argumento que sustenta a escolha do curso revela a lógica e a história que constitui o indivíduo e, ao mesmo tempo, tece a internalização da realidade posta e, conseqüentemente, sua externalização, configurando o desenvolvimento de uma forma específica de formação.

Olha, eu acho que isso daí teria toda a minha história de vida, sabe, eu acho que sem dúvida a escolha pelo curso de Psicologia tem haver no primeiro momento comigo mesmo assim, com o meu mundo interno, com as minhas experiências. E com que posteriormente no final da adolescência. E Psicologia foi um curso que eu me encontrei, eu acho que deriva-se de uma busca por uma maior compreensão da subjetividade humana, sabe, de conseguir acessar com maior profundidade essas experiências humanas e

vivenciar essa troca que acontece dentro da Clínica Psicológica. Não só dentro da Clínica, mas também das demais formas de atuação do psicólogo. Eu acho que sempre essa troca tá embutida no trabalho psicológico. E eu acho que a minha busca com a Psicologia foi essa, assim, desenvolver uma sensibilidade maior pra, de uma forma mais Psicanalítica, realizar um mergulho no inconsciente humano sabe. Sair daquilo que está prontamente colocado e talvez conseguir acessar aquilo que está por de trás das coisas, sabe. O que está por trás do indivíduo, aquilo que está mais relacionado à essência mesmo, a sua interioridade mais profunda. Eu acho que é isso que eu busco na Psicologia. (Neruda)

Eu já tinha o interesse na psicologia, assim, aquele que nasceu lá dentro de casa e aí é essa coisa do dia-a-dia, de discutir essas questões e de achar um livro que fosse mais pra esse lado, e um filme que fosse mais pra esse lado, eu já percebia isso na minha vida. Porque eu já tinha feito terapia, a minha mãe sempre fez terapia a vida inteira, é, minha irmã fazia. Então eu já sabia mais ou menos o que era psicologia, pra onde ela levava e eu gostava. Só que ainda não tinha surgido a intenção de ser psicólogo. E aí a primeira intenção que surgiu foi de fazer o curso de administração. Hoje em dia eu não sei nem te dizer exatamente por que. Assim, o quê que me, se é que alguma coisa me fascinava nisso, eu nem sei dizer. Aí eu.....e fazendo administração, eu percebi que a administração não tinha graça nenhuma, pra mim, e que eu ia ter que abandonar o meu amor pelos números e a minha facilidade que eu tinha com os números, pra entrar na questão abstrata, porque era só na questão abstrata que eu achei que eu fosse realmente me satisfazer. Eu encontrei na psicologia uma missão, assim. Porque eu não gosto.....eu era muito revoltada, eu sempre fui, hoje em dia está mais tranquilo. Porque com o mundo do jeito que estava, com as pessoas do jeito que estava, eu achava que isso podia ser tudo diferente, que podia ser tão melhor, porque que não era. E aí.....isso assim, estando aqui do meu lado ou lá longe no fim do mundo, pra mim me incomodava, eu achava um absurdo. A educação, meu Deus, como é que as pessoas não aprendem as coisas direito e ficam perdendo tempo, decorando as coisas (risos). É por aí. Surgiu da minha revolta. Eu vi na psicologia um jeito de parar de reclamar, de viver a minha vida e de fazer alguma coisa, mesmo que fosse trabalho de formiguinha pelo mundo. Então é uma forma de tirar o peso, uma forma de deixar de ser revoltada e realmente por a mão na massa. (Karina)

A instituição família é fundamental na constituição de referências e identificações, construindo a identidade dos sujeitos, determinando assim as suas escolhas na vida.

Por quê? Eu acho que foi eu acho assim que tem um pouco haver com a minha irmã e também, talvez tem um pouco haver comigo também. A minha irmã sempre quis fazer psicologia, só que ela passou em direito e meu pai queria assim que ela fizesse direito.

E eu procurei psicologia assim porque era um curso que eu pensava: não tem muita matemática. (Maria)

Eu acho que a história de vida da gente faz a gente fazer opções. É.....hoje eu acho que fiz psicologia pra superar a existência assim junto com meu pai. A vida junto com ele, todas as coisas que a gente passou. Então eu queria assim. Na desculpa de ajudar os outros, ajudar a mim mesmo, sabe. Hoje eu acho que a psicologia é por isso. Mas eu sempre falei que era pra ajudar as pessoas, ajudar elas se encontrarem, pra melhorarem. Mas se você for ver no fundo, no fundo, não né. Tem, tem um algo a mais. E eu acho que esse algo a mais foi esse. (Carla)

Com relação às categorias relacionadas à experiência formativa tecidas durante o curso, os sentidos foram produzidos no que concerne à compreensão dos métodos, à articulação entre a prática e a teoria, ao entendimento e à diferenciação dos referenciais teóricos, à delimitação e aos limites das áreas de intervenção do profissional formado em psicologia, ao conhecimento sobre o mercado de trabalho e também das obrigações e direitos do psicólogo, remetendo, inclusive, às questões éticas no que diz respeito à atuação do mesmo.

No que concerne à compreensão dos métodos, os formandos evidenciaram a existência das mínimas condições objetivas e subjetivas para a elaboração referente ao entendimento das demarcações epistemológicas que orientam a *praxis*. A questão do método passa pela relação mediada entre o abstrato e o concreto, entre o que é subjetivo e a objetividade, entre as condições materiais e a internalização dessas mesmas condições.

Dos métodos? Bom, é claro que me remete a questão de enfiar a psicologia dentro dos moldes da ciência. Quando você fala em método, eu penso. Algum dia, alguém pra que a psicologia virasse ciência enfiou o abstrato dentro dos métodos que serviam pras coisa que não eram de forma alguma abstrato. Mas eu também tenho junto com....., então aí me lembra comportamental, laboratório, ratinho e uma forma de pesquisar na psicologia que eu não desvalorizo, mas que eu também não acho que é a única. Que eu vejo como algo que é.....existem outras ciências, outras formas de fazer ciência possível, outras formas de produzir conhecimento que são possíveis. (Karina)

Você fala das abordagens?

Eu vi isso em psicologia geral e experimental. Então, durante esse período dessa disciplina, foram estabelecidos realmente esses métodos. Eles situavam a partir de Watson, que foi o primeiro teórico que começou a categorizar essa disciplina e depois partindo pra Skinner.. Então é esse método, ele era um método científico baseado em causalidades, baseado em causas e em efeitos. A fenomenologia então o método dela é estudar o indivíduo a partir de suas vivências. Então não se tem experimentação, se tem conhecimento do novo. Então a gente apreende aquela situação sempre de forma diferente, não tem repetição, não tem repetição de dados como no behaviorismo. Então o que acontece, abre um leque maior de conhecimento em cima do indivíduo. Porque o indivíduo muda constantemente. Como a fenomenologia abre esse leque pra mudança, pra essa subjetividade, eu acho que ela tem uma vantagem um pouquinho por cima do behaviorismo. Sempre por cima de dados empíricos vai tentar explicar algo que amanhã já se torna outra coisa. Então essa preocupação com o novo pra mim é interessante na fenomenologia. Um outro método que eu vi também foi a psicanálise, psicanálise que foi a teórica I. Foi só um apanhado, uma breve explicação do que seria a psicanálise, do que Freud descobriu depois que Lacan discordou dele e introduziu alguma coisa também na psicanálise. Então eu entendi. (Francisco)

As questões metodológicas que sustentam a formação do psicólogo expressam a dificuldade de vinculação entre a prática e a teoria; há ainda a sobreposição da primeira sobre a última. Os formandos apontaram a necessidade de tencionar e apreender a *praxis* psicológica.

Na prática é bem diferente da teoria (risos). Mas assim, eu aprendi muita coisa de teoria, mas assim eu acho que na prática que eu vim aprender mais da teoria, entendeu. Acho que foi na prática que eu fui assim mais associar com a teoria. Só que assim eu não vejo tanta coisa ligada não. Acho que sempre tem assim as exceções, sempre na prática a gente tem que tá mais atento às coisas, não é bonitinho ali igual na teoria, sabe. A gente lê, não é isso é aquilo pronto e acabou. Vai ser desse jeito, vai dar certo, é desse jeitinho aqui. E não é, na prática a gente vê que é bem diferente. Embora tem uma ligação, a teoria acaba sendo assim acho que um suporte, uma base. Mas eu acho assim pelo fato de eu ter escolhido a área clínica, eu acho que a teoria que eu estudei mesmo na área clínica que prevaleceu mais pra mim. *Mas tudo tem uma ligação sim. Acho que tem que ter* (risos). Foi no estágio, só no estágio eu fui perceber. No meu trabalho também dava pra fazer ligação, tinha algumas coisas que dava pra fazer uma relação. Assim, pra mim fazer essa relação eu acho que eu tinha que conhecer um pouco de cada coisa. Igual quando falava assim da teoria na área do trabalho, eu tinha que tá nessa área organizacional pra poder aprender. (Luciana)

Fraca. Ainda mais que eu não fiz estágio. Eu acho que pra algumas pessoas que foram atrás de pesquisa e estágio, talvez, seja, tenha sido mais forte. Bom eu vejo que eu aprendi muito. Apesar de terem sido as atividades mais difíceis de fazer, como as entrevistas que tinha em desenvolvimento ou alguma outra coisa nesse aspecto. A maioria, é questão de, acaba sendo a questão de pesquisa. Entrevistar alguém, ou, não entrevistar,..... eu digo assim: era mais a questão de colher dados do que de intervenção. Intervenção eu acho que eu não tive nenhuma oportunidade, mas de colher dados eu tive. Fazer entrevista, fazer isso, fazer aquilo. É, foi quando eu mais aprendi, com certeza. Apesar de ter sido, algo assim, se você me perguntar se eu queria fazer mais, eu não queria não. Mas eu achava muito difícil mesmo, mas foi onde eu aprendi muito. Mas é muito pouco, muito fraco, muito.....Tanto que a psicologia toma outra cara depois que a gente vem fazer um estágio curricular. (Karina)

No que concerne às condições de diferenciação dos referenciais teóricos durante o processo formativo, os formandos apontaram as dificuldades, as limitações e também as possibilidades de conhecerem e se reconhecerem a partir do que foi apresentado pelos professores durante o curso. Nos relatos, há sempre recorrência das brigas entre os professores que apresentam as abordagens com o objetivo de demarcarem seus territórios, defendendo seus referenciais teóricos e não o conhecimento sobre os referenciais teóricos.

A isso fica muito claro, né. Porque é uma guerra de abordagens, né. Então fica muito claro. Tem as áreas e as abordagens, né. Pra mim foi um conflito, muito tempo, essa questão de abordagens. Porque aí você fica presa no

que é.....o que é.....comportamental, a linha e os pontos chaves. Ai os pontos chaves, muitas vezes, você fica sabendo, porque o pessoal da psicanálise tem ali os critérios de desaprovar a outra abordagem. (Carla)

Bem eu tenho um conhecimento como eu já disse de um pouco de cada abordagem. Mas eu vejo que elas têm pontos de encontro também. E isso não é priorizado, esses pontos de encontro. (Francisco)

Karina se refere às posturas rígidas dos professores com relação à apresentação das abordagens. A forma de apreensão do conhecimento “mais aberta”, segundo a formanda, se deve muito aos seus próprios méritos, inclusive quando ela afirma que discorda de ideias e de posturas, mas não de abordagens:

Então eu discordo de postura de profissionais ou de autores que fechem uma questão em cima de algo abstrato, isso aí pra mim é impossível (risos), porque eu acho que a gente, o fenômeno psicológico é algo assim que a gente só pode apreciar, a gente só pode ter uma ideia. Então eu acho muita petulância você fechar alguma coisa. Então se um autor ou um professor começar a fechar, pra mim ele já vai perdendo muito, e aí fica complicado. É, ou então, e eu concordo.....Bom, mas mesmo dentro das abordagens em que os autores são mais fechados eu ainda consigo encontrar algumas coisas. Então eu tenho uma visão muito própria, eu não tenho muito, eu não entrei de cabeça em algo. Eu durante muito tempo fui é, na faculdade, porque eu tinha muita facilidade com as questões positivistas, com o modo positivista de encarar as coisas, eu fui, quase que fui comportamental por algum tempo, mas nunca deixar de ler, e de ter um certo carinho pelo que Freud tinha escrito ou de entender o que outra pessoa tinha escrito. Então a minha postura sempre foi essa, mas eu não aprendi isso dentro da faculdade. Era uma postura minha, porque dentro da faculdade na verdade era complicado às vezes assistir aula de tanto que algumas pessoas realmente fechavam a concepção. Quando eu fiz pesquisa em psicologia o foco foi mais aberto, mais esse foco é de encontrar formas de pesquisar a questão psicológica e não de forçar a questão psicológica a um método que é de outra ciência. (Karina)

Concomitantemente, seguem as descrições no que diz respeito ao entendimento das demarcações das áreas de atuação implicadas no processo de formação em psicologia.

Eu acho que eu tenho clareza. Eu sei que tem a clínica, a organizacional. Eu sei que a organizacional é uma coisa e a psicologia do trabalho é outra. Sei que a psicologia da educação é uma coisa e a psicologia escolar tem uma área de atuação e que a psicologia da educação é uma área de tudo, de interesse. É eu acho que é tranquilo, eu acho que sim. (Karina)
Está definido. Eu tenho conhecimento de algumas. (Francisco)

A contradição se faz presente e atualiza a ausência de delimitação das áreas e suas especificidades.

Eu pensei assim: não, eu quero fazer estágio lá na jurídica. Daí mas que área que é? Comunitária. Mas eu odeio comunitária. Como assim é da área comunitária? Porque daí a comunitária se divide em jurídica e bla, bla, bla. Então o exemplo de que não ficou claro (risos), nem um pouco claro. E porque eles consideram assim. É da área comunitária e aí dentro da área comunitária você tem a jurídica. Mas isso só depois que você descobre. *Agora a clínica é perfeitamente definido, porque é o que você mais tem de exemplo na faculdade.* Então quer dizer, pelo que o professor passa, você acaba sabendo o que é, e tudo mais. Quando os professores falavam desses projetos.....eu falava: ai, não dá. Foi aí que eu tive a surpresa, quando eu fui descobrir que a jurídica ta dentro da comunitária aqui na católica. Mas a organizacional ta bem delimitado. Da organizacional, sim. Então eu achava assim. Que tinha, que as áreas aqui de estágio não era dividido entre escolar, clínica, organizacional e comunitária. Eu achava que dependia do seu orientador, que não existia esses blocos e dentro desses blocos os subblocos assim. Eu, a meu ver, era mais uma questão assim. O cara trabalha com psicanálise, não ta: mas aí você quer trabalhar com psicanálise, procura um orientador psicanalítico. Mas aí você quer trabalhar com a psicanálise na clínica ou na hospitalar, entendeu. Aí não, você chegava num supervisor de psicanálise que daí ele te encaminhava pra alguém que trabalha com psicanálise no hospital ou psicanálise na clínica ou psicanálise na organizacional. (Murilo)

Tenho conhecimento da.... você fala da área de aplicação mesmo, né? Psicologia hospitalar, psicologia clínica, psicologia jurídica, psicologia do esporte que aqui em Goiás é um pouco apagado também. Mas tem psicologia forense que é dentro da jurídica né, que vão abrindo realmente leque é.... psicologia...., psicologia da gravidez dentro da clínica. Então tem um leque enorme. Dentro das categorias tem as subcategorias. Realmente ta se abrindo muito, psicologia animal, comportamento animal. (Francisco)

Anteriormente, já foram justificados os determinantes para a escolha do curso de psicologia, a compreensão dos métodos, a articulação entre teoria e prática, o entendimento das diferentes teorias e áreas de atuação desse campo do saber, que é a psicologia. Posteriormente, será analisada a importância que os formandos atribuem à pesquisa, à participação em grupos de pesquisa e também à inserção em grupos que discutam aspectos políticos da sociedade como um todo, relacionando-se particularmente à profissão.

Retomando o conjunto das análises no que se refere à compreensão dos métodos em que a tendência posta foi o não entendimento do mesmo:

Olha eu acho que a pesquisa é realmente o que constitui a academia como tal. Eu acho que a pesquisa ela vai contribuir exatamente pra aquilo que a gente vem colocando que é a questão ética também, a questão profissional, o sujeito delimitar o que ele pode fazer e principalmente como que ele vai fazer isso. Delimitar a Metodologia, como que ele vai acessar seus conteúdos, conseguir trabalhar isso de uma forma racional, lógica sem ficar se perdendo muito por questões mais generalista e que não dizem muito de nada. Você é através de um pensamento, não necessariamente positivista, mas de um pensamento mais rigoroso, você delimitar um determinado foco, e investigar aquilo dentro das limitações que uma investigação focal tem. Então nesse sentido, eu acho que a pesquisa acadêmica ela é fundamental

pra qualidade do profissional, que vem a ser ou não um profissional acadêmico, ou um mestre ou um doutor no futuro. Mas um profissional que concebe e que sabe claramente que a prática psicológica é uma prática científica, não tem nada de aleatório, não tem nada de solto, são teorias muito bem amarradas. (Neruda)

Ela seria é questão de ser neutro, esse critério de ser neutro que é inclusive do positivismo, ela teria esse problema. Mas eu penso assim, que perde muito, porque a gente não pode desprezar o que é bom. E é ela muito rica no sentido de pesquisa. De conhecer o que aquele contexto ta falando realmente, não é o que eu acho. Por que eu posso achar, de ver, eu posso achar o que realmente ta acontecendo, mas eu posso achar a partir do meu ponto de vista e o meu ponto de vista ele serve pra mim, ele não serve pra fazer uma intervenção. Principalmente que a intervenção é para ajudar aquele, aquele contexto, ele não é, ele não vem de encontro Como que eu falo? Ele não vem de encontro com as próprias questões nossas. Eu penso assim, que ele é um novo conhecimento. A pesquisa ela traz um novo conhecimento. Talvez, um pouco do que você tem, daquilo que do que aquele ambiente tem, do que aquele contexto tem, do que aquela pessoa é. Mas ela traz um novo conhecimento, que ele é maior do que você acha. (Poliana)

A fala de Murilo, apresentada a seguir, aponta a inacessibilidade no que se refere às questões colocadas no comitê de ética. De maneira distinta, esse formando foi o único que produziu o sentido referente à dificuldade em se realizar pesquisa relacionada a esse comitê. O formando realizou seu estágio matriculado na área comunitária, embora, em sua concepção, tivesse que estar matriculado na área jurídica, mesmo esta última não existindo enquanto área, nesta instituição de ensino. Sendo assim, a área jurídica é uma subárea da comunitária.

Pra produção de conhecimento é fundamental. Só que o principal empecilho é o comitê ético. Ao meu ver. A recomendação que a gente recebeu no começo do semestre foi o que: não, éprocura o comitê ético pro artigo poder ser publicado. E muitas revistas só aceitam publicação com a carta de recomendação do comitê ético. Então como tem assim essa, essa, sei lá, essa inacessibilidade frente ao comitê ético, fica impossível ,talvez, publicar o artigo numa revista de renome, uma coisa assim. (Murilo)

Foi recorrente, na fala dos formandos, a atribuição de um valor significativo à produção do conhecimento. Mas, por outro lado, a participação em grupos de pesquisa foi mínima.

Não, não. Porque como eu trabalhava. Então eu não tinha tempo pra eu dedicar mesmo. Porque a maioria do tempo eu tava trabalhando durante o dia. Então eu fazia mais o curso durante a noite. (Flávia)

Também não, eu nunca tive tempo de participar de pesquisa. Eu tive vontade, mas não tive tempo. Eu sempre trabalhei o dia inteiro. (Luciana)

No que se refere ao envolvimento com outros grupos durante o processo formativo, a tendência se atualiza no sentido em que os formandos buscam o conhecimento isolando-se do grupo, potencializando, assim, uma formação mais individualista. Nesse sentido, é com essa forma e com esses conteúdos que se constitui também a formação dos psicólogos, voltada para a afirmação do indivíduo, alimentando a sua ilusória “autossuficiência” e independência do grupo.

Com relação a debates políticos, eu vejo muita falta de conhecimento, muita falta de esclarecimento por parte tanto da universidade quanto por parte dos grupos que eu convivi. Então as pessoas, elas não estão muito por dentro da política não. Aqui dentro pelo menos com relação ao meu grupo, alguns colegas, a gente não conversa sobre política não. Agora sobre... sobre a sociedade em si, a gente fala, só que esquece um pouco a política, mas faz parte disso também. É esquecido. (Francisco)

Não existia e não existe. É uma coisa que eu não, assim não sei se repudio. Mas não me agrada e não tem o menor sentido. Tipo aquela galera que acampa ali na frente para reduzir a mensalidade, e o pessoal que faz proposta do C.A e não sei o que. É meio que, puts, é balela assim. (Murilo)

E, finalmente, os sentidos produzidos no momento de conclusão do curso, que trazem questões referentes à psicologia enquanto profissão, ao conhecimento do mercado de trabalho. Os formandos compreendem a profissão enquanto categoria isolada e ainda dão ênfase somente à atuação específica na área clínica.

E, talvez, no ponto mais profundo, se qualquer pessoa pode vir a ser um psicólogo. Como que faz isso. Todos têm capacidade de ser um psicólogo? Eu na minha, no meu pouco conhecimento, eu diria que não, que nem todas as pessoas podem vir a ser Clínico em psicologia. Bacharel sim, pesquisador sim, mas Clínico não. Haveria de ter aí uma, um critério mais rigoroso. (Neruda)

Assim, o conhecimento dos formandos em psicologia sobre a objetividade produzida e reproduzida no mercado de trabalho é insignificante.

Isso eu não tenho, não tenho. Apesar de estar num momento que a gente já vai entrar nisso, a gente tinha que ter essa preocupação, só que a gente não é preparado pra isso. Então a universidade ela não traz isso pra gente, essa informação. Acho que isso é uma falha, teria que trazer essa informação. (Francisco)

Não, muito pouco. (Flávia)

Nesse sentido, foi recorrente, nos relatos dos formandos, o desconhecimento

com relação ao mercado de trabalho. Mas, ao mesmo tempo, no momento posterior à conclusão do curso, falaram dos seus projetos, pontuando as possibilidades de atuação como psicólogos.

Bem o meu projeto no momento é a especialização. Tem projeto de fazer especialização e juntamente com a especialização já me inserir no mercado de trabalho. A possibilidade que eu estou tendo agora no momento é na área clínica, de dependentes químicos. Isso é uma possibilidade, que no caso, foi uma oferta que eu já tive. Então o meu projeto é esse, de dar continuidade, de fazer uma pós-graduação e depois fazer o mestrado. Eu quero partir também para os stricto sensu. (Francisco)

Eu tenho especialização (risos) pra não ter que pensar muito ainda. É eu considero que a clínica pra mim tá um pouco,.....vai ter um certo intervalo agora. Porque eu já sei como é a experiência da clínica, é algo que eu quero, mas é algo que eu vou desenvolver aos poucos. Eu vou entrar de cabeça agora na psicologia escolar, que é onde eu estou fazendo essa especialização e eu quero arranjar um estágio ou talvez até já um emprego, não sei o que vai surgir. Mas eu vou entrar pra essa área. E através de, da entrada nessa área eu vou aos poucos..... Construindo também a minha carreira clínica. E tenho muito interesse também na questão de dar aula, na questão acadêmica. (Karina)

Por fim, essas foram às análises das categorias referidas ao caminho percorrido durante a formação em psicologia, no que concerne aos aspectos mais profissionalizantes, atualizando as contradições lógicas e históricas implicadas neste processo.

Nesse sentido, as questões referidas às singularidades, às particularidades e às universalidades presentes nas histórias dos formandos em psicologia devem ser analisadas posteriormente. A família, o trabalho, a religião, a cultura, a linguagem e outros, são elementos fundamentais para que os nexos constitutivos da subjetividade, postos na sociedade, sejam entendidos.

CAPÍTULO II:

A FORMAÇÃO DAS HISTÓRIAS: A HISTÓRIA DA FORMAÇÃO

As narrativas das histórias de vida dos formandos revelaram as experiências formativas por eles vividas. Os alunos que participaram dessa pesquisa podem ser tomados como emblemas dessa experiência, elucidando as possibilidades formativas representadas em seus processos de socialização, especialmente mediados pelo curso de graduação em psicologia. O desenvolvimento desse trabalho evidenciou o perfil dos formandos em psicologia da Universidade Católica de Goiás, que é demarcado por uma dinâmica social e histórica muito peculiar, em sua trajetória particular e individual, e, ao mesmo tempo, em sua universalidade.

São histórias de vidas que se esculpam num determinado tempo e espaço, configurando o entrelaçamento das condições materiais produzidas tanto na sua objetividade quanto na sua subjetividade. Nesse sentido, buscou-se analisar, a partir dos sentidos produzidos pelos formandos em psicologia, questões peculiares à formação, que se desenvolvem a partir de instâncias formativas, como a família, a escola, a religião, os meios tecnológicos e culturais e, ao mesmo tempo, o trabalho e a profissão. Assim, evidencia-se a articulação entre as possibilidades de constituição do indivíduo e da sociedade nas suas dimensões universais, particulares e singulares.

As histórias desses formandos desvelam a tessitura da formação, tanto no seu conteúdo manifesto quanto no seu conteúdo latente, entrelaçando as categorias de análise contidas no roteiro de entrevista. Segue a apresentação dos participantes. Os nomes são fictícios.

1) Karina

Karina realizou seu estágio na área clínica, escolhendo o Psicodrama como referencial teórico. Com relação ao curso de psicologia, ela estudou em vários turnos e concluiu o mesmo em 6 anos. Tem 26 anos e é solteira. No momento, mora com a mãe, o padrasto e a irmã, mais jovem que ela dois anos e meio. Seus pais se separaram há, mais ou menos, 10 anos. Karina morou na fazenda até os cinco anos de idade, no interior de Minas Gerais.

“O fato de ter morado na fazenda por esses cinco anos eu acho que tem muita influência no como eu sou hoje, eu sempre vejo algumas diferenças com relação a mim e a grande maioria das pessoas que eu conheço, e que eu atribuo a isso. Eu acho que eu tive até os cinco anos uma vida assim muito saudável, assim, extremamente, de muita harmonia, muito contato com pai, com mãe, com a minha irmã, contato positivo com pessoas em geral, os empregados da casa, com pessoas que às vezes morava por perto. Família nas férias. Assim o contato com a natureza também, eu tenho uma calma sempre, que eu acho que vem muito disso. É, foi um trauma pra mim. Quando eu me mudei pra cá eu sei que entrar na escola foi muito difícil, me acostumar com ter novas crianças em volta, foi muito complicado se eu me lembro bem também. O social sempre foi algo complicado e eu acho que com raiz nisso assim, é algo que me marca. No primeiro momento o social é difícil por conta de ter saído da fazenda e vir morar na cidade e depois em vários, nos mais variados ambientes. Pra mim sempre foi mais fácil lidar, estar num ambiente com menos pessoas, de quem, e até criar intimidade com alguma pessoa que eu não conhecia antes, mas criar intimidade pra mim é fácil. Agora manter um relacionamento social mais superficial pra mim sempre foi muito difícil. Aprofundar eu não acho difícil, mas manter um relacionamento.....Por exemplo ,na faculdade você estava falando da questão de turma, pra mim sempre foi muito difícil. É manter um relacionamento.....às vezes eu conhecia alguém e conseguia ficar bem amiga e levava pra frente. Agora manter um meio termo, eu nunca soube fazer isso. Então é nesse aspecto que eu falo.”

Os pais de Karina são formados em veterinária e atuaram na profissão quando moravam na fazenda. Posteriormente, começaram a trabalhar no comércio.

“Bom os meus pais, eles é, os dois fizeram veterinária, fizeram um curso superior, veterinária. E, é trabalharam por algum tempo nisso, porque o meu pai tinha fazenda, então os dois trabalhavam. Na fazenda eu morei, na fazenda até os cinco anos. E nesse tempo eles trabalhavam na profissão deles, mas pra eles mesmos, não, nunca atenderam, nunca fizeram isso. Usaram os deixando a veterinária de lado e hoje ela tem uma confecção. E o meu pai, ele continuou, continuou por mais um tempo usando os conhecimentos dele de veterinário. Só que hoje em dia não, hoje em dia ele é comerciante. Algum tempo depois minha mãe já começou a se interessar por, a colocar em prática o interesse que ela sempre teve em moda. Então ela, e hoje ela foi aos poucos crescendo nesse aspecto, pessoas sempre foram muito próximas uma das outras: “Mas é, sempre foi um ambiente muito harmonioso, principalmente quando eu era criança e logo que os meus pais deixaram de conseguir ter uma harmonia dentro de casa, eles se separaram. Hoje eu moro com a minha mãe e o meu pai mora em Caldas Novas. É com minha irmã também por muito tempo a gente era identificada. As pessoas chegavam pra minha mãe e falava: a vocês não brigam? Suas filhas não brigam? Que coisa esquisita é essa! A gente era muito companheira. Então eu acho que uma das coisas que marcam é isso. A gente sempre foi muito é, uma família muito reflexiva, assim, de pensar as coisas. Meu pai e minha mãe têm ambos essa postura. Então eu diria que de certa forma eu já fui criada desde pequena um pouco psicóloga. Apesar da profissão deles não ter nada a ver, sempre foram voltados um pouco pra esse lado. A minha irmã mora com a gente. A minha mãe tem um relacionamento estável já uns oito anos, não chegaram a oficializar, mas é como se fosse casada. E ele há seis meses, ele sempre freqüentou muito em casa, mas há seis meses ele está realmente morando lá. E como, mas não é em tempo totalmente integral porque ele fica muito tempo na fazenda também. Então ele passa duas semanas lá e duas semanas na fazenda, algo assim.”

Sua mãe arcou com a despesa das filhas depois da separação.

“É.....eu sempre tive, eu sempre fiz complementos, eu sempre ajudei a minha mãe informalmente, ou na confecção ou em casa. Assim, o nosso acordo era assim. Eu te sustento, mas você me dá uma mão. Porque ela sustentava eu e a minha irmã sozinha. O acordo dela com o meu pai foi em termos de ficar com algumas coisas, mas não receber pensão. Então assim, mas ela sempre sustentou a gente. Ela queria que a gente terminasse a faculdade sem ter a obrigação de se sustentar. Então assim: até vocês terminaram a faculdade eu pago, mas aí vocês me dão uma mão. Ou em casa, às vezes, era mais ou menos por semestre, a gente ia mudando a organização. Então às vezes em casa eu fazia a questão de casa, eu fazia o supermercado, de organizar as coisas que tivesse faltando, dona de casa, o trabalho dela que ela organizaria em casa, eu fazia. Ou então em algumas épocas a gente tentou mais assim a fazer algum trabalho dentro da confecção mesmo, assim, de parte administrativa, alguém que ela tava precisando, alguém que saiu. Aí eu ia lá substituir, umas coisas, uns arranjos assim.”

Já no que se refere ao seu pai, Karina diz que ele sempre foi uma pessoa muito instável e quase não marcava presença, nem no sentido financeiro nem no de compartilhar a vida com as filhas.

“Eles se separaram e fizeram um acordo mesmo pra que ele depois não ajudasse. Foi uma forma assim. Ele teve herança, ele tinha uma herança grande, mas nunca conseguiu, nunca conseguiu é.....aprender a ganhar dinheiro, digamos assim, sabe. Sempre foi muito instável emocionalmente. Começava uma coisa e parava, fazia era perder dinheiro. E foi perdendo dinheiro até que uma hora ele virou e falou assim: olha, eu vou comprar essa confecção pra você que é a área que você está, e eu vou te dar mais isso, isso e isso, e aí você cuida das meninas, porque eu,..... não dou conta,.....eu não tenho capacidade pra isso.”

Karina começou a estudar aos cinco anos de idade, quando a família saiu da fazenda e veio morar na cidade. Ela sempre estudou em escola particular.

“Então eu vejo que, apesar de que num primeiro momento pra mim foi realmente muito difícil me acostumar com tudo que mudou, foi por causa da mudança pra dentro da cidade, ainda sim eu me adaptei, e eu acho que eu tive uma tranquilidade nesses, principalmente nesses primeiros anos de escolas, que até que quando eu precisei sair dessa escola que só tinha até a quarta pra passar pra quinta. Eu tive uma, eu fiz a segunda eu acho que o pré e a segunda, o pré e a primeira série em Caldas Novas, eu me mudei pra lá por questão do meu pai ficar mais perto da fazenda e mais perto da família consequentemente. A gente passou dois anos morando lá. Não tive queda de rendimento e nem.....eu acho que continuou mais ou menos.....A escola eu considero que não era tão boa, eu não tenho tantas memórias boas do ambiente escolar lá como eu tenho daqui, essa primeira escola, mas porque eu depois eu voltei pra essa primeira escola de novo. Mas também não era ruim não, era legal. Só era um pouco, era muita disciplina, sabe. E apesar de não ser uma coisa que me atingia tanto, porque eu não era indisciplinada, pra mim era uma coisa tranquila, mas me incomodava um pouco.

Karina sempre fez outras atividades relacionadas à dança e começou também a fazer natação.

Com relação à religião, Karina diz que sua avó paterna sempre impôs os preceitos católicos a toda à família.

“É.....o maior representante de religião, eu considero desde quando eu sou pequena, a minha avó mãe do meu pai, a minha avó paterna. Ela é, pra ela tudo isso é muito forte, ela tem uma ligação com a igreja mesmo, instituição da igreja católica. E ela sempre fez questão de, fez questão assim, a ponto de impor mesmo que a gente através dos meus pais, como muitas vezes com o apoio deles, mas eles faziam mais por ela, que a gente fizesse todas as coisas da igreja, a gente aprendeu, eu e minha irmã, a gente aprendeu todas as formas de rezar e a gente tinha livrinho que ela dava e a gente lia. Enfim, tudo que era de praxe fazer pra uma criança entrar numa religião ela fez com a gente.”

Mas ela não aderiu às imposições feitas.

“E depois é, depois mais tarde refletindo e estudando algumas coisas sobre a igreja católica eu definitivamente decidi que ia até fazer tudo que ela queria só pra não contrariar, e crismei e fiz tudo. Mas eu não me considero católica, eu forma de explicar isso, assim, mas muito com base no ser humano mesmo. Eu acredito numa força nossa que a gente não conhece não considero nem que eu acredite numa força maior assim. Eu tenho uma. Mas uma força muito, até biológica, uma coisa assim muito, materialista talvez. Sabe, em termos de ser algo sólido mesmo. É, e aí é por aí. Eu confio, eu acho que o meu Deus seria a natureza. Eu confio muito no poder do ser humano e deixo essas outras coisas. Eu não, pra mim eu não acredito não.”

Relatou também que seu pai não era muito adepto das questões religiosas.

“...que era de praxe fazer pra uma criança entrar numa religião ela fez com a gente. No meu pai eu sempre notei uma descrença. E assim, ele, nunca foi forte pra ele isso. Nunca foi de dizer exatamente o que ele pensava, acho que eu não sei nem se ele sabe exatamente o que ele acha, que ele já refletiu sobre isso, mas eu nunca, ele nunca teve uma, não tem uma força nesse aspecto não, sabe. Acho que a religião não tem muita força pra ele não. E minha mãe, assim, porque ajá de um modo um pouco diferente do da minha avó, já por uma questão familiar, de união e tudo, eles são católicos também e em assim, se apóiam mesmo nisso.”

Karina reportou que, durante o curso de psicologia, não participou de qualquer grupo, sendo sua atuação sempre mais isolada.

“Não. Eu sou até um pouco alienada, assim. Jornal, política, sociedade, eu não tenho muita paciência, eu vejo muita coisa negativa e eu não tenho é tolerância mesmo. Então eu me afasto um pouco, eu me torno um pouco

alienada. Então não. Discussão, grupo dentro da faculdade, até, não quase nada. De me retirar um pouco disso por falta de gosto, por falta de. Eu acho que principalmente por falta de tolerância. Porque eu acho tudo isso muito complicado. Eu acho tudo muito. Bom eu acho que eu faço mais se eu conseguir conscientizar as pessoas delas mesmo dentro do consultório ou de outra forma numa escola e tudo, eu acho que eu vou estar fazendo um movimento muito mais útil do que as lutas que eu vejo acontecendo. Então eu não me, não me..... não é algo que me..... não me envolvo.”

Karina diz não apreciar muito assistir aos programas televisivos. Ela vê com maior frequência os seriados da TV fechada, por causa da língua inglesa, que, segundo ela, é bom ouvir, para afinar seu inglês. Um ano antes de entrar no curso de psicologia, morou na Nova Zelândia.

Sua relação com a internet, segundo ela mesma, é para ampliar o contato com os amigos que fazem parte do seu cotidiano. Karina aprecia muito ouvir música.

“Eu uso música pra tudo assim, pra trazer um sentimento ruim à tona, pra comemorar alguma coisa, uso muito. Eu ouço quase todos os tipos de música, eu não separo muito. O que me pega mais é a letra. É, e eu gosto muito de ritmos dançantes, uns ritmos assim que têm umas batidas mais fortes, bem suingadas assim, umas coisas africanas.”

Sua relação com o cinema é pra relaxar, distrair e também para o relacionar a algum acontecimento em sua vida.

“Eu geralmente eu gosto de usar os filmes também pra ver o meu limite e a minha opinião sobre as coisas. Um dos filmes que eu gostei muito também foi do brokeback mountain que é dos, da homossexualidade. E assim pra ver se eu me coloco em situações, e vejo o que eu acho e o que eu sinto. E eu adorei assim. Geralmente quando eu descubro, quando um filme me faz descobrir alguma coisa sobre mim que eu não sabia, aí pra mim é um filme ótimo.”

Com relação à leitura, Karina diz não ter muito o hábito de ler.

“Eu me considero um fracasso em relação à leitura. Acaba que.....eu não tenho o hábito de ler, eu até gosto, mas eu não tenho o hábito, porque eu acho que não foi uma construção familiar e tudo. Então assim, é, eu não acho hora pra ler. Às vezes eu estou morrendo de vontade de ler um livro que alguém me deu ou que eu comprei, e eu não acho hora, falta de hábito mesmo. E sempre a psicologia tinha tanta coisa pra ser lida, que os meus outros livros não tinham direito (risos). Então ficou uma situação assim (risos), eu leio pouco. Eu tenho um de mitologia, que eu tenho ele há muito tempo, já li quase todo. É..... a Profecia Celestina, eu li uma vez, que era uma história meio.....que combina um pouco com a questão que eu falei de religião, essa minha concepção mais assim..... mais sei lá, não sei como definir isso. É um suspense, adorei, esse eu li mesmo, sentei e li quase que num dia só. Era muito interessante. Eu li é..... um livro do

Dalai Lama, esse eu li também.....Li algumas histórias que eu não me lembro agora. É suspense, Agatha Christie, eu li uns três. Porque o suspense não precisa achar muito hora, não tem jeito de parar de ler (risos), aí eu leio. Tem um, esse é um pouco ligado com psicologia, mas não é pra psicologia que eu li, acabei lendo como lazer, que é da Clarissa Píncola. Ela fala sobre.....é.....mulher lobo, como que é o título?.....Você não conhece esse não ? Na porção animal da mulher, é muito por aí. Ela conta histórias, histórias é..... um pouco baseadas da teoria junguiana, é por aí.

Karina reportou que, na sua família, há outra psicóloga, que é sua madrinha, prima do seu pai.

“Ela mora em São Paulo e a gente se encontra geralmente nas férias. E ela, ela trabalha sim. Ela trabalha, mas na área social, acho que ela atende também, atende grupos. Mas até muito pouco tempo eu não sabia nem qual que era a orientação dela, mesmo assim em termos de teoria. Eu vim, a saber, quando eu conversei algo com ela. Pra falar a verdade até agora eu não sei. Porque eu acho que não é algo que ela dê um nome, sabe. Então ela, quando eu entrei, depois que eu entrei pra fazer o estágio no psicodrama e comentei com ela: a tia, não, eu estou atendendo, é no psicodrama que eu estou atendendo. – Menina eu adoro psicodrama! - Haa se ta brincando (risos). Foi engraçado. E ela tinha me dado um livro, inclusive, com orientação de Jung. Aí eu falei: ela deve ser psicanalista com orientação Junguiana, alguma coisa assim. Mas, eu nem sabia, mas a gente sempre conversou sobre as coisas, sobre a questão psicológica das coisas e da profissão. Mas, engraçado eu nunca soube da abordagem dela.”

2) Neruda

Neruda optou por fazer estágio na área clínica, tendo como orientação teórica a psicanálise. Ele tem 23 anos e é solteiro. Nasceu no interior de São Paulo, onde viveu até os 08 anos de idade. Posteriormente, mudou-se para Goiânia. Neruda iniciou o curso de psicologia e, após um ano, trancou a matrícula. Começou, então, a fazer filosofia na Federal, mas não gostou. Paralelamente, fazia estágio na creche da Federal. Depois de um ano, retornou para o curso de psicologia, levando 06 anos e meio para concluí-lo. Sua mãe é quem paga as mensalidades da graduação, pois ele, no momento, não trabalha.

No que concerne à família, Neruda tem um irmão mais novo, do casamento do seu pai com sua mãe. Do primeiro casamento do seu pai, ele tem mais 03 irmãos, que moram em Campos do Jordão. Neruda tem pouco contato com esses irmãos. Após o falecimento de seu pai, há, mais ou menos, 03 anos, é que houve uma maior aproximação entre eles.

Inclusive após o falecimento do meu pai á mais ou menos dois, três anos atrás, foi que eu tive um contato mais próximo com esses irmãos, porque nós saímos de São Paulo e mudamos pra Goiânia e perdemos esse contato.

Seu irmão mais novo, que mora em Goiânia, está cursando ciências aeronáuticas e trabalha em uma empresa de telecomunicação. Com relação à formação de seus pais, segundo ele, foi muito básica.

A minha mãe fez as primeiras séries apenas do primário e o meu pai eu acho que chegou no ginásio, então nenhum deles chegou ao ensino superior e nem a concluir o ensino médio.

Seus pais sempre foram comerciantes.

Nesse período a gente tinha uma sorveteria aqui na Vila Nova inclusive. Depois nós vendemos a sorveteria e passamos para um restaurante e hoje aposentados.

Neruda mora, atualmente, nos fundos da casa da mãe e seu irmão mora com ela, na mesma casa.

Bom, hoje eu moro no fundo da casa da minha mãe, assim. É separado, mas to ali com ela. Já morei período sozinho, em outros lugares, com amigos em república assim, mas hoje eu moro no fundo da casa da minha mãe, numa casinha separada, mas é bem junto ali. Meu irmão mora com ela e o meu pai é falecido.

Segundo Neruda, ele teve uma infância livre, com muito carinho e cuidado dos pais, mas, ao mesmo tempo, marcada por suas brigas recorrentes.

Olha muitas coisas me marcaram na infância. É...Mas dentre elas podemos de repente separar as marcas positivas das negativas. As negativas é que havia algumas brigas entre os meus pais, de agressão física mesmo, sabe, do meu pai assim com a minha mãe. Isso com o tempo foi se transformando, mas isso na 1ª infância, isso deixou algumas marcas assim bastante relevantes sabe. Eram agressões sentidas por uma criança de uma forma até às vezes exageradas, porque uma criança não consegue ter a exata proporção das coisas. Ela fica ali muito tocada, sensibilizada dentro dessa situação, nesses contextos. Então essa talvez fosse uma marca positiva que me causou algumas cicatrizes assim mais profundas. Quanto às marcas positivas outras tantas. É...Tive sempre um carinho muito grande dos meus pais, tanto do meu pai quanto da minha mãe, tanto cuidado muitas vezes até exagerado, sabe. Mas, e principalmente apesar deles não terem tido essa formação superior, os estudos não terem sido completados, eles sempre privilegiaram acima de tudo o melhor estudo possível. A vida inteira. Quando eu morava no interior, eu tinha uma vida de criança do interior. Então eu tinha minha bicicletinha, sumia com essa bicicleta, desbravava tudo, sempre pratiquei muito esporte.

Neruda vem de uma família muito católica.

“Eu fui criado em toda a minha vida em escola católica. Então eu tenho essa tradição católica arraigada dentro das minhas representações, aí, sabe. É uma coisa que eu não nego, apesar de eu ter assim me tornado um tanto mais cético, mas ainda percebo essa tradição me constituindo assim. Isso é muito importante. A minha mãe ela, ela é uma pessoa muito religiosa assim, até meio neurótica quanto à religião católica. O meu pai era católico também, mas menos praticante, um sujeito mais reservado assim. Só que a minha mãe tem essa característica do brasileiro que eu acho magnífico assim, ela sempre frequentou muitas religiões, sabe. Espiritismo, terreiro de candomblé, terreiro de umbanda. Alguns anos pra cá, ela parou. Ficou só com o catolicismo mesmo. Então ela frequentou esses lugares. Depois na minha adolescência eu frequentei alguns terreiros também, alguns espaços assim, sabe. E eu acho magnífico essa constituição assim, dessa tríade cultural que nos constitui enquanto brasileiros. Essa cultura afro, essa cultura indígena e a cultura européia, que hoje num estado de miscigenação, torna até uma religião meio indiferenciada, um catolicismo permeado dessas heranças africanas, permeado também desses resquícios indígenas, sabe.

Neruda, durante sua formação em psicologia, sempre esteve envolvido com grupos.

Com relação aos meios de comunicação, Neruda diz não gostar muito de cinema e de assistir à televisão; quanto à internet, ele reportou que a usa para manter contato com pessoas amigas que estão distantes, recorrendo muito ao e-mail e como fonte de pesquisa. Sua paixão é pela música, tanto que já trabalhou como músico.

Eu trabalho com música também. Música pra mim é... Eu já vivi de música uma época, tocando à noite. Hoje eu não vivo mais, deixou de ser as minhas prioridades, mas é ainda uma prioridade entre as demais da vida. E a minha relação com a música é algo muito importante pra mim, sabe. Eu acho que ela. Eu tive contato com a música desde muito pequeno, quando eu era bem criancinha mesmo, com 3 anos de idade eu já tocava bumbinho lá na banda da cidade do interior, sabe. Depois comecei a tocar violão e teclado. E hoje o meu instrumento de trabalho mesmo é a bateria, mas tem alguns outros meios de estudo, que é o violão e a flauta transversal.

No que se refere à literatura, Neruda aprecia livros como “Cem anos de solidão”, revelando um gosto mais afinado no que diz respeito à leitura.

Neruda, no momento, não está trabalhando e organiza, anualmente, um congresso. No início do ano, passou num concurso para psicólogo, em outra cidade.

3) Francisco

Francisco estagiou também na área clínica, sendo sua abordagem teórica a fenomenologia. Tem 28 anos e é solteiro. Nasceu em Goiânia e morou em várias

idades do interior do estado de Goiás. Concluiu o curso de psicologia em 07 anos, porque trancou a matrícula por 02 anos. Seu pai é quem paga a faculdade. Francisco mora com os pais e os dois irmãos mais novos, e tem outro irmão por parte de pai, com o qual quase não se relaciona.

Tenho mais dois irmãos que moram na família, mas tenho um irmão fora. Dois irmãos moram com a gente, faz parte do mesmo pai e mesma mãe e um é do meu pai, mas é fora do casamento. Então são 04 irmãos no total, homem.

Francisco é o primeiro filho, o mais velho. Um de seus irmãos é advogado e trabalha num escritório de advocacia. O outro está terminando o curso de administração de empresas e, no momento, estagiando. Francisco não mencionou nada a respeito do seu outro irmão por parte de pai.

Seu pai é formado em direito e sempre trabalhou na polícia militar. No momento da entrevista, estava se aposentando como coronel dessa mesma instituição. Já sua mãe é do lar, tendo concluído o ensino médio.

Segundo Francisco, a família quase não tem contato, o que atribui às inúmeras ocupações diárias de cada um.

É... A família pra mim na verdade é tudo. Só que a gente não está num tempo que a gente reúne assim igualmente. Cada um está tomando um rumo. Então a gente tá separando mais um pouco. Eu vejo meus pais mais na parte da noite. Eu fico o dia inteiro fora. Meus irmãos também ficam fora. A gente encontra mais é à noite e final de semana. Final de semana a gente sempre sai juntos. A família.

Francisco diz sentir muita dificuldade em sair de casa e construir sua vida em outro lugar que não seja esse.

Eu digo assim. Família tem uma representação muito grande pra mim. Ela representa, foi ela a minha primeira instituição de socialização, foi a família pra mim. E realmente eu sou muito apegado com eles, tanto que é que eu ainda nem saí de casa assim ainda. Eu tenho uma namorada que sempre me cobra casamento e cobra essa minha independência da família. É uma coisa que eu tô passando por essa dificuldade. Eu tenho dificuldade de desvencilhar assim dele.

Francisco estudou em várias escolas da rede privada, em cidades diferentes.

Bem isso é um pouco... um pouco complicado. Mas eu vou tentar passar aqui um pouco. É porque como meu pai era militar, ele sempre deslocava de uma cidade para a outra. Então desde o meu nascimento a gente sempre mudou de cidades e dentro da cidade a gente mudava também de

casa devido ao trabalho, devido à segurança da gente, da família dele e dele também. Por causa de perseguições. Porque na vida militar tem toda essa questão, também. Então por todas estas cidades eu passei por escolas diferentes também. Às vezes uma escola era mais perto de casa onde eu morava então eu passava pra ela. Então meu ensino fundamental, primário realmente foi muito conturbado por causa dessas mudanças. A hora que eu estava formando vínculo era quebrado.

Francisco também fazia outras atividades.

Eu já fiz muita coisa. Porque já passei por regiões diferentes, cidades diferentes. Então eu já fui escoteiro, já fui..., já fui jogador também de futebol que inclusive foi quase uma profissão mesmo, quase me profissionalizei. Foi até os dezenove anos. Eu fui atleta também de caratê, fui atleta de atletismo também. Então eu passei por muitos esportes diferentes, futebol de salão também. Eu sempre, eu quis fazer esporte. Meu pai é um atleta também.

Francisco reportou que sua família sempre foi muito religiosa, principalmente sua mãe e seus avós maternos. Já seu pai aderiu à maçonaria.

Meu pai que já é mais assim um pouco, mas mesmo assim, mais ele tem a crença dele, ele é cristão, acredita em Deus e tudo. Só que ele não tem aquela frequência, aquela permanência, aquele segmento na religião. Inclusive ele é maçom. Então a maçonaria também ajuda a pessoa se formar em cima da religião. Então é por isso que puxa um pouco ele pro lado da religião.

Segundo Francisco, ele sempre foi católico, seguindo todos os rituais da igreja católica, mas, após o ingresso no curso de psicologia, começou a aderir ao espiritismo.

A religião católica era uma imposição mesmo, não era opção não. Da família e do grupo que eu convivia também. Da minha mãe e do meu pai. Como eles são, fazem parte disso. A minha avó era muito religiosa e passou isso pra ela. A mãe do meu pai também passou pra ele. Então eles realmente empurravam a gente para o lado da religião católica e depois eles deram a liberdade, eles não cobraram quando a gente já formou uma opinião assim diferente disso, eles não discordaram não, eles concordaram em seguir uma religião que melhor se adequasse pra gente. Antes da faculdade eu seguia a religião católica, seguia mesmo, frequentava, fazia parte de todos aqueles rituais deles, fiz todas aquelas etapas lá de crisma, primeira comunhão, tudo aquilo. Só que saindo da universidade, agora eu já, eu já modifiquei um pouco a minha visão. E eu estou mais voltado para o espiritismo. Então eu comecei a frequentar também o espiritismo, e comecei a seguir também, ta certo. Hoje eu não sigo, mais eu digo hoje, é hoje mesmo eu não sigo mais com aquele ardor de antigamente, mais ainda tem uma afinidade com eles. E procurei também buscar conhecimento em cima disso, eu estudei um pouco o espiritismo, essa doutrina espírita. Então é, hoje eu digo que eu sou um espiritualista.

Francisco também recebeu um convite para ser maçom, que ficou postergado para o ano seguinte.

A maçonaria funciona na forma de convite. Então é quando eles veem que a pessoa tem uma certa afinidade, tem um certo grau de conhecimento, um certo grau de instrução mais elevado, aí eles chamam a pessoa, eles fazem o convite. Aí a pessoa tem a opção de aceitar ou não. Então no momento eles já fizeram o convite, só que não é pra agora, pra esse momento. Vai ficar ainda pro ano que vem. Não pelo fato de já ter formado não. Mas eu creio que seja pelo meu pai mesmo, eu creio que seja por ele.

Segundo Francisco, ele não participou de grupos, dentro da faculdade, que discutiam política ou que abordassem outros temas.

Com relação aos meios de comunicação e, especificamente, à televisão, Francisco diz gostar muito dos programas da TV fechada, que abordem questões relativas à natureza.

A televisão eu pego um pouco de tudo. Eu gosto de programas que abordam temas da natureza como Discovery, é nacional geographic, eu sou muito apegado à natureza mesmo. Eu gosto mais é desses canais que passam sobre esses assuntos, que passam esses assuntos pra gente. Agora com relação a TV aberta eu não tenho muito contato, eu não gosto muito. É porque eles, eles trazem uma visão assim distorcida da realidade pra gente, apesar da TV fechada também trazer, mais eles trazem mais, eles trazem mais essa carga. Eu vejo muita manipulação da política em cima desses canais abertos. Então eu dou prioridade pro canal fechado. Só que esses canais abertos também eu pego, com é... eu me divirto assim no sentido de , eu ... utilizo como lazer mesmo. Assisto filmes, assisto novelas. Agora os telejornais eu dou prioridade pro canal fechado, tem uma opinião assim, mais independente. Apesar de eles terem uma influência política também gigantesca, o canal fechado, mais eles têm uma independência um pouquinho maior que o canal aberto. O aberto ele é totalmente voltado, totalmente obediente à política, totalmente.

Francisco gosta muito de ouvir música, dando preferência às mais antigas.

Música, você falou num assunto que eu mais gosto (risos). Eu sou muito ligado com a arte, em específico a música. Então, música eu escuto mais são os flash back dos anos 80, e realmente é a questão dessa melancolia da época, dessa época repressiva e tudo. Ela ficou marcada pra mim, porque eu vivi um pouco também disso. Então até hoje, eu sou mais apegado com essas músicas antigas, eu não dou muito valor nessas músicas novas, atuais de nenhum gênero, inclusive, eu dou valor nas antigas.

No que se refere ao cinema, Francisco gosta de ver filmes românticos, comédias românticas e filmes de terror.

O cinema, eu já gosto muito é de romance, de comédia romântica, de comédia e de terror. Esses são os gêneros então que eu gosto. Eu vejo que o cinema também é uma expressão desse vazio. Então, tem muita coisa, muita dificuldade que a gente passa na vida cotidiana que os filmes traduzem isso, em forma de arte. Tem muito lixo também. Mas a gente vê que é diferente da música. Ela expressa, ela dá possibilidade desse contato visual, também, da gente. A música fica mais no sentido auditivo. Aí o cinema, ele traz esse contato visual e auditivo também. Então é um mecanismo a mais. E o gênero eu gosto mais é o de comédia romântica. Eu vejo que faz parte disso que a gente tá passando hoje. Então a gente vê na maioria dos filmes essa busca desse, essa busca não, esse, como poderia dizer, é... uma substituição pra esse vazio existencial, pra alguma coisa que ainda não se sabe o que, mais eles não estão conseguindo realizar isso. Isso faz parte da história, faz parte do processo que a gente está vivendo hoje. Eu vejo assim. Como eu já te falei antes a TV aberta pra mim é lazer. Agora a TV fechada e mais pra conhecimento mesmo. Já os filmes eu não vejo pra relaxar, eu vejo só pra fazer um... só pra mim refletir sobre ele. Então filme, eu vejo desta forma. Não vejo como lazer não. Pra mim não. Eu vejo como, eu sempre vejo o filme pra mim refletir sobre aquilo, pra mim aprender alguma coisa com aquilo. Meu lazer mesmo é a música.

Francisco diz gostar de teatro, mas, ao mesmo tempo, relata ter pouca opção em Goiânia.

Teatro eu fui algumas vezes. Aqui em Goiânia no Martim Cererê. No teatro Goiânia eu nunca fui. Eu acho que o teatro aqui em Goiás ele não é muito divulgado, não é muito explorado. Então não é por falta, por falta de gosto não. Porque eu gosto também um pouco. É por falta de opção, não tem opção.

No que se refere à leitura, Francisco recorre aos livros para aprender e não como um recurso de relaxamento.

Leitura também eu não utilizo como lazer. Eu utilizo mais como aprendizagem mesmo. Então dentro da psicologia eu estudei realmente muita coisa.

Fora da psicologia, Francisco gosta de ler suspense e outras formas de literatura.

"O suspense me atrai. Só que eu não tenho o hábito assim de ler. Isso me atrai, mas eu acho que é uma questão de tempo também. Então eu fico muito dedicado a curso, muito fiel ao curso e deixo de lado isso um pouco. A minha leitura agora é só relativa ao curso, somente isso. Antes da faculdade eu lia romance espírita. Lia bestseller também norte-americanos e é claro que traduzidos, porque não sei ler, não sei o inglês, não compreendo bem o inglês, também gibis. Eu lia muito essas coisas.

Por fim, Francisco, no momento, não está trabalhando, mas, durante sua formação em psicologia, trabalhou em uma empresa de telecomunicações.

Eu trabalhava numa empresa de telecomunicações até o ano passado. Aí por razões de término aí do curso, eu preferi abrir mão disso e terminar o curso. E eu era um entrevistador, eu fazia seleção. Eu sempre tive muito, muita afinidade com essa área, área organizacional. Hoje estou desvencilhando um pouco dela. Mas antes eu tinha muita afinidade. Então eu passei por algumas empresas de telecomunicações. Uma foi como estagiário. Agora a outra foi como efetivo. E o foco do meu trabalho era realmente seleção. Só que na época eu não tinha ainda a formação. Porque hoje eu tenho o bacharel, 45E. Na época eu não tinha ainda a formação em psicologia. Então, é não se pode, é antiético. Então eu trabalhava no sentido de selecionar as pessoas apenas numa primeira etapa do processo. Não concluir o processo. O processo era concluído pelo profissional. Então eu fazia parte disso.

4) Luciana

Luciana escolheu estagiar na área clínica, optando pela comportamental como referencial teórico. Ela tem 23 anos e é solteira. Luciana nasceu no Pará, onde viveu até os quatorze anos. Formou-se em cinco anos e meio e estudava no noturno, por trabalhar durante o dia.

Quando Luciana chegou a Goiânia, junto com seu irmão gêmeo, para concluir o ensino médio, foi morar com a tia. Depois que terminaram o terceiro ano, foram morar em um apartamento, só os dois. Após dois anos, vieram os outros três irmãos. No total, são cinco irmãos.

Na verdade a minha mãe teve três gestações (risos) e cinco filhos, teve dois casais de gêmeos. Eu e o meu irmão que já é formado somos os mais velhos. Aí tem uma irmã de dezoito anos e os outros de dezessete, os outros dois.

Seu irmão gêmeo formou-se em Agronomia pela Universidade Federal de Goiás, há seis meses, e foi morar com o pai, no estado do Pará. A irmã do meio, com dezoito anos, está cursando direito em uma instituição privada. E os gêmeos caçulas estão terminando o ensino médio. Atualmente, Luciana mora com os três irmãos mais novos.

Seu pai sempre foi pecuarista e não fez curso superior. Já sua mãe fez curso técnico em enfermagem, mas, no momento, não trabalha. Segundo Luciana, seus pais se separaram há algum tempo, mas, mesmo assim, a família sempre foi muito unida.

Família, assim eu acho que, pelo menos a minha família, sempre foi muito unida. A minha mãe sempre foi assim uma mãe presente. O meu pai não foi assim tão presente não, ele sempre dedicou mais ao trabalho. Mas assim, a

minha mãe sempre foi presente, muito rígida, muito certa, entendeu, na educação, sempre educou muito bem a gente. Sempre foi unidos, e ela sempre, ele, tanto a minha mãe quanto o meu pai sempre fez de tudo pra gente poder estudar, pra gente poder formar. Então isso aí foi sempre o que eles sempre colocou em primeiro lugar. E hoje os meus pais são separados, tem quatro anos mais ou menos. A minha mãe já casou e o meu pai também já casou e cada um mora em cidades diferentes. E eu e os meus irmãos moramos aqui em Goiânia. O que formou foi embora pra cidade do meu pai, no Pará, foi pra trabalhar. O meu pai mora no Pará e a minha mãe também, só que moram em cidades diferentes.

Luciana relatou que, no momento, está namorando uma pessoa que mora fora do país e que ainda não a conhece.

A gente tá namorando pela internet porque ele mora longe, ele é americano. Só que ele vem muito aqui, os pais dele tem fazenda aqui, em Roraima.

Luciana estudou, até os treze anos de idade, em escola pública, na cidade onde morava, no interior do estado do Pará. No ensino médio, quando veio morar em Goiânia, somente no terceiro ano começou a estudar em escola particular.

Eu acho que, pelo fato de, assim o estudo, o ensino lá no Pará é um pouco precário. Então assim eu acho que pelo fato de eu ter estudado lá, escola pública, então assim não deu aquele suporte, aquela base necessária pra eu chegar no ensino médio. Então no ensino médio eu sofri até. O ensino médio eu estudei o primeiro e o segundo ano em escola pública e o terceiro que eu fui pra escola particular. Sofri, chorei, nossa senhora, eu tenho pavor até hoje quando eu passo em frente à escola. Então assim, até o segundo ano eu não tinha muita base assim que muitas pessoas de colégio particular tinham. Quando eu vim pro terceiro ano que foi desenvolvendo, eu era muito inibida, tinha vergonha de tudo, não fazia pergunta, sabe. Ai depois que eu entrei nesse colégio que foi mudando mais, foi melhorando. No entanto o meu irmão passou na Federal e ele estudou só nesse colégio, o terceiro ano só nesse colégio e eu na Católica. E a gente sempre estudou juntos. E os meus pais nunca cobraram o fato dele ter passado na Federal e eu não.

Com relação às despesas da faculdade, Luciana reportou que arca com a metade e seus pais ajudam com a outra metade.

Agora eu trabalho, mas eu pago a metade e os meus pais a metade. E agora terminou.

No que concerne à religião, Luciana reportou que sua família sempre foi muito católica. Ela vai, de vez em quando, à igreja.

A minha família é muito católica, muito. Só que eu vou assim de vez em quando (risos). Mas assim isso vem lá do lado dos meus avós maternos. Aí

vem as minhas tias que são muito católicas, minhas não, algumas são e as outras acho que é católica, mas também igual a eu, vai assim, uma vez. Mas o meu avô e a minha avó e uma tia minha é extremamente católica, vive praticamente na igreja. Mas a gente cresceu com esse suporte, essa base, do catolicismo. A gente segue esses valores.

Luciana, durante sua formação em psicologia, não participou de qualquer grupo, porque, segundo ela, não havia tempo, devido ao trabalho.

No que se refere aos meios de comunicação, Luciana diz não gostar de assistir à TV. Mas música ela aprecia. Geralmente escuta forró e as músicas da banda Calypso. Cinema ela também curte. Gosta muito de ir ao cinema. Sua preferência é por filmes psiquiátricos. Gostou muito do filme "As horas". Luciana nunca foi ao teatro.

Com relação à leitura, gosta mais de ler livros relacionados à psicologia.

Eu gosto de ler só coisa de psicologia mesmo. Casos clínicos, é livro da comportamental cognitiva, esses transtornos, só essas coisas que eu gosto de ler, essas coisas que me interessam. Agora eu estou pensando em ler um livro, eu vou comprar (risos), eu ouvi falar e eu falei assim: eu acho que eu vou comprar. Ele chama: Mulheres ousadas chegam mais longe. Algo assim. Eu vou comprar. Vamos ver se eu leio nas férias (risos). Mas eu gosto mesmo é de coisa mesmo de psicologia, isso me interessa mais.

Finalmente, Luciana falou sobre seu trabalho.

Eu trabalho até hoje. É o meu primeiro emprego, e eu estou nele até hoje (risos). Eu trabalho com crianças e adolescentes que sofre abuso sexual. Sou funcionária pública. Aí eu tenho quatro anos que eu trabalho, foi o meu primeiro trabalho e eu estou nele até hoje. Quando eu cheguei em Goiânia, quando eu vim eu tinha quinze, quatorze, quinze anos. Eu fiquei morando com a minha tia. Aí depois quando eu entrei na faculdade eu fui morar sozinha com o meu irmão, aí eu comecei a trabalhar eu acho que com dezenove, com dezenove anos. E foi por indicação, foi uma tia minha que conseguiu pra mim. Eu tinha interesse, foi assim, eu falei assim: eu nem pensava em trabalhar. Aí um dia eu falei assim: a mãe, eu quero começar a trabalhar, eu vou começar a trabalhar. Aí ela falou: então vai. Aí eu não tinha.....como era mais ou menos era nessa área, mais ou menos não, é nessa área. Aí a minha tia falou assim: olha eu consegui um lugar assim pra você. Você quer? E eu falei: quero.

5) Maria

Maria fez estágio na área clínica, escolhendo a gestalt como abordagem teórica. Ela tem 24 anos e casou-se em 2007. Nasceu e sempre morou em Goiânia. No momento, mora com o cônjuge. Concluiu o curso de psicologia em cinco anos e meio, pois trancou a graduação por seis meses. Conseguiu a bolsa filantrópica da

universidade, e seus pais sempre ajudaram a pagar o restante.

Maria tem uma irmã mais velha, que, no momento, trabalha com artesanato, mas fez direito até o 7º período, em uma instituição particular, por insistência do pai.

A minha irmã ela mexe com artesanato. Ela fez, assim, ela fez acho que o 7º período ou 6º ou 7º de direito na Salgado. Aí ela não quis não, porque ela odeia o direito (risos), nossa ela odeia, sabe. Eu fico até com dó dela, porque o sonho do meu pai é ter uma filha advogada. Tipo assim, eu acho que é o que ele queria ser. Porque o meu pai ele não fez, faculdade, mas ele fez um curso técnico, sabe, de contabilidade na época. Mas eu acho que ele queria ser advogado, na verdade (risos).

Seus pais concluíram o ensino médio e sempre trabalharam no comércio.

O meu pai ele fez 2º grau, ensino médio, e a minha mãe também. Só que eles não formaram e nem nada. Eles são comerciantes. Meu pai, assim, ele começou, ele tinha uma fábrica de salgados e ele mandava, pra fora, entregava, sabe, e lanche na rodoviária, essas coisas que ele tinha uma fábrica. Aí ele parou e mexeu com turismo muito tempo. E aí ele comprou um ônibus e mexeu muito tempo com turismo, fazia turismo do Maranhão, um monte de cidade, sabe. São Paulo, Minas, um monte, Ceará, essas coisas tudinho. Aí ele pegou e mexeu com isso e aí ele descrençou do ônibus, que tudo era muito caro, tipo o pneu do ônibus (risos) era muito caro, tudo que tinha no ônibus..... por exemplo estragava uma pecinha era um absurdo, sabe. Aí ele também parou, mas ele tem também é.....ele aluga barracão, sabe. Barracão de aluguel, porque o quintal lá de casa é grande. Aí o meu pai teve um monte de quarto de aluguel, aí ele recebe. Aí ele mexe com salgado porque ele comercializa, ele tem um lanchinho, tipo, ele vende pra fora e tem uns quartos de aluguel, barracão. A minha mãe ajuda ele em casa, a minha mãe por exemplo, faz recheio de salgado, essas coisas. Sempre, coitada, minha mãe nunca trabalhou fora, trabalha em casa.

Maria relatou que sempre conversou com seus pais, mas nunca se aprofundou nas conversas.

A gente sempre conversou, assim, eu não converso assim, muito das minhas assim, intimidades não, eu não gosto (risos), eu não gosto das minhas intimidades, eu não gosto. Mas assim, eu sempre tive um convívio bom, sabe, com a minha família. O meu pai, eu gosto muito do meu pai. Meu pai, tipo, até hoje ele faz um monte de coisa pra mim. Se eu falar assim: pai, me leva ali do outro lado da cidade, ele vai. Sempre foi assim. Eu acho que eu fui até muito dependente em relação aos meus pais, sabe. Eu acho que eles criaram a gente assim como, eles passaram muita dificuldade quando eles eram assim mais novos. Tiveram que trabalhar porque eles eram do interior e veio pra cá, pra Goiânia, pra morar sozinho, sabe.

Segundo Maria, a pessoa com a qual se casou é que sustenta a casa. No

momento, ele está fazendo um curso técnico, em uma instituição pública, e trabalha em uma empresa de telecomunicação.

Ele é técnico em telecomunicação. Aí tipo, o salário que eles dão, dá pra sustentar a gente. E também dá porque a empresa dele paga tipo, gasolina pro carro (risos), paga o carro (risos), paga muita coisa.

Família, segundo Maria, é a base de tudo:

Em relação à minha família eu acho que é a base de tudo. Todo mundo fala isso, lógico (risos). Mas assim os meus pais eu não tenho o que reclamar, porque, nossa eles fizeram muita coisa por mim, só pagar um curso desse assim, eu acho assim, que eu devo muito pra eles, sabe. Que um dia assim, se eu tiver condições, tomara que eu tenha, porque eu estudei cinco anos e não é à toa. Eu vou querer recompensar, sabe, quando eu tiver ganhando dinheiro assim eu vou querer ajudar meu pai e a minha mãe assim. Eu não acho assim que eles precisam tanto, porque eu acho que eles tinham uma dívida grande era com a minha faculdade, sabe. Porque agora que eles não vai ter essa dívida, vão ter que pagar esse dinheiro assim, digamos.....É lógico que eu tenho a bolsa, mas tem outros gastos e tem o da matrícula que a bolsa não cobre. E agora que eles vão viver do aluguel deles. Porque tipo assim, o meu pai ele fez os barracões e então tá garantido a aposentadoria deles. E eu até penso assim que quando eu tiver a minha casa eu vou procurar uma casa com um quintal muito grande (risos) pra todo o dinheiro que eu tiver eu vou construir também um monte de barracão (risos), sabe, é bom, é uma maneira fácil de ganhar dinheiro, sabe. Muito fácil. Se tá desorientado e não tem onde arranjar dinheiro, aí de repente vem o seu aluguel e você já ganha o dinheiro fácil, fácil na sua mão.

Com relação à escola, Maria sempre estudou em escola conveniada, para a qual, segundo ela, seu pai pagava uma taxa irrisória por mês. Começou a estudar aos sete anos de idade.

Eu entrei na escola na verdade com seis anos. Só que eu dava, eu não gostava de estudar, detestava estudar e eu dava uma birra todos os dias na porta do colégio (risos). Aí meu pai foi e me tirou e me colocou com sete anos de idade. Aí depois quando ele me colocou com sete anos eu gostei. E nunca tomei bomba, minhas notas eram sempre muito altas, sempre as das melhores da sala, sabe. Eu acho assim que eu até gosto de estudar, mas às vezes eu ainda fico confusa. Eu não sei se gosto de estudar ou se eu fazia ou que eu tinha que tirar nota boa pra agradar o meu pai ou a minha mãe, sabe. Mas acabou que eu até gostei, eu nunca dei problema pra os meus pais." Quando criança, Maria não fazia outras atividades. Relatou que recentemente iniciou um curso de pintura, mas não gostou. "Não eu fiz aula de pintura, mas eu já tava com que? Com dezessete anos. Mas a aula de pintura na verdade eu ganhei da minha sogra, porque ela mexe com pintura, sabe, ela pinta, tem tipo uma loja que de mexe com moldura, sabe, essas coisas assim, dá aula de pintura, dá aula assim lá. Aí eu não gostei, eu fiz acho que uns três quadros e desisti, não gostei. Acho que não é pra mim, sabe, eu acho que não é pra mim.

Quanto às questões pertinentes à religião, Maria diz que sua mãe sempre foi muito religiosa e, de certa forma, impunha essa condição às filhas.

Nossa, religião a minha mãe, a minha mãe tadinha ela era católica fervorosa. Daquelas que fica repetindo oração o tempo inteiro (risos), sabe, rezava e ficava repetindo, repetindo, repetindo, dava até agonia. Mas assim, quando a gente era pequeno ela levava a gente na igreja e tal. Mas aí depois ela invocou com o espiritismo. Aí ela tinha que ir no médium, sabe, que elas coisas do médium de abaixar e tudo (risos) e isso era uma canseira, porque ela obrigava a gente ir, e eu detestava ir. Porque eu era criança, queria ficar em casa, assistindo um filme, vendo televisão e a minha mãe queria que eu fosse nesses lugares com ela. Aí toda vez quando eu chegava lá o médium mandava, abaixava a entidade nele, lógico. Aí ele mandava ficar em frente a nossa senhora rezando, sabe. Aí ele falava que nossa senhora da Aparecida ela me escutava muito. Aí eu pegava e fazia isso, porque criança, faz tudo o que os outros querem. Aí depois quando eu fui crescendo: não eu não quero mais não. Aí foi bom, porque eu não queria ir mais ir, sabe. Mas aí agora a minha mãe é evangélica, não ela não é evangélica, ela simpatiza pela religião evangélica. Mas ela transita entre a católica e a evangélica, sabe, eu acho que ela não achou ainda assim (risos) o que ela quer.

Já seu pai só não adere à religião evangélica.

Maria não participou de qualquer grupo durante sua formação.

Também não, piorou, eu não gosto. A gente sempre sabe, dessas coisas, mas eu nunca tive interesse, sabe, de ir atrás disso.

Com relação aos meios de comunicação, Maria relatou que gosta de assistir aos programas televisivos.

Eu gosto de assistir filme. Jornal, eu assisto só o jornal Nacional, porque eu não gosto dos outros. Fantástico de vez em quando. Novela, só a novela a última a das oito, e é raramente porque eu não gosto também muito (risos). Eu gosto muito é de assistir MTV (risos), mas gostava mais quando eu era criança. Agora eu não gosto tanto. Mas assim, em relação à televisão que eu gosto mesmo é ver seriado. Eu gosto de ver policial e de assassinato, de suspense, tudo que tem suspense eu adoro. Eu gostava de ver linha direta também (risos), eu gosto dessas coisas, não sei porque, esse tipo de coisa me atrai, sabe.

Mencionou que gosta muito de ouvir música, principalmente MPB, Raul Seixas, Ney Matogrosso e Cazuza. Gosta também de músicas internacionais, como The Doors, Janes Joplin e outros referenciados na entrevista. Sua relação com a internet é bastante limitada, a qual, segundo ela, é algo muito chato. Diz gostar também muito de cinema. Citou alguns filmes de que gostou, como “O Enigma da

Pirâmide”, “As Pontes de Madison” e “Closer”. Maria relatou que, um dia, vai fazer faculdade de cinema.

Eu até quis fazer faculdade de cinema, sabe, eu quero na verdade fazer faculdade de cinema, um dia, quando eu descansar e quando eu tiver ganhando muito dinheiro (risos), porque eu queria ser cineasta (risos).

Depois que começou a fazer o curso de psicologia, Maria passou a ler muito os livros relacionados à gestalt. Quanto a outras leituras, cita referências de Machado de Assis e outros que leu antes de entrar na faculdade.

Por último, Maria trabalhou somente por uns três meses depois que adentrou a universidade, como vendedora de sandálias.

6) Flávia

Flávia também estagiou na clínica e escolheu o cognitivismo como eixo teórico. Ela tem 24 anos e é casada. Tem uma filha de 10 meses. É natural de Goiânia, cidade onde sempre morou. Concluiu o curso em seis anos e meio, porque trancou a matrícula por um tempo, depois do nascimento de sua filha, que ocorreu quando iniciou o estágio I. Ela também não pegava todas as disciplinas necessárias da grade do curso de psicologia. Flávia foi contemplada com a bolsa filantrópica e, antes do casamento, era seu pai que ajudava a pagar a faculdade.

Bom eu trabalhava, mas não era emprego fixo não. Trabalhava e estudava. Eu trabalhava na área de modelo, eu trabalhava como modelo. Fazendo fotos, comerciais. Então assim, eu tinha o meu dinheiro. Sempre eu fui um pouco mais dependente dos meus pais, independente. Então durante dois anos fui eu quem paguei a minha faculdade com o dinheiro que eu havia guardado com esse trabalho. E depois eu procurei o recurso da bolsa, porque o meu pai me ajudava um pouco. Eu tinha esse dinheiro reservado, mas eu ainda precisava da ajuda dele. Então ele não pagou a minha faculdade toda, ele me ajudou com um pouco. Aí quando o dinheiro que eu tinha guardado pra pagar a faculdade tava acabando, aí eu procurei o recurso da bolsa e consegui a bolsa filantrópica que eu tenho até hoje. Que é a bolsa da Católica.

Depois de casada, quem passou a ajudá-la foi o marido. Flávia tem um irmão com 21 anos, que está cursando zootecnia, em uma instituição privada, e uma irmã de tem 23 anos, formada em administração de empresas, mas que ainda não trabalha. Seu pai trabalha a 23 anos na mesma empresa, não tendo chegado a fazer curso superior. Sua mãe vende roupas e também não tem curso superior. Já a

peessoa com quem Flávia se casou é formada em engenharia da computação e proprietária de uma empresa, em uma cidade no interior de Goiás.

Segundo Flávia, sua relação com a família sempre foi muito boa e ficou melhor ainda depois do seu casamento.

O meu relacionamento com os meus pais é maravilhoso. Que assim eu sempre fui muito aberta principalmente com a minha mãe. Tudo o que acontece comigo até hoje eu conto pra ela, eu ligo pra ela pra contar, mesmo depois de casada. Então ela é assim ela é por dentro da minha vida de tudo o que acontece comigo. Desde assim, o meu casamento, como com a minha filha, os meus estudos. Então assim, eles estão a par de tudo. E o meu pai, o meu relacionamento com o meu pai, veio assim, já era bom, porque o meu pai é um pouco fechado. Ele não é muito de conversar com a gente, assim, de dá conselho, essas coisas. E melhorou depois que eu me casei. . E o meu relacionamento com os meus irmãos, com o meu irmão, sempre foi muito bom. Com a minha irmã era meio complicado, porque a gente brigava muito. Mas, aí depois que a minha filha nasceu o nosso relacionamento mudou demais também, melhorou muito, muito mesmo. E assim, o meu marido até fala que a relação dela comigo melhorou, e ela, e ele se surpreendeu com ela com relação à minha filha. Com o cuidado que ela tem com a minha filha, a preocupação que ela tem com ela. A preocupação que ela tem comigo, coisa que ela nunca tinha demonstrado, durante esse tempo todo que a gente convive e tal. Então assim, o meu casamento, eu acho que o meu casamento e o nascimento da minha filha melhorou muito o relacionamento com a minha família, entendeu.

Flávia diz também que seu relacionamento com a filha é maravilhoso, embora tenha tido algumas complicações durante a gravidez.

Ai, é maravilhoso (risos). A minha gravidez foi ótima. Assim tive alguns problemas por causa da faculdade. Eu tive uma complicação, durante a gravidez, que eu quase perdi ela. Mas graças a Deus hoje ela está aqui. E assim a minha relação com ela e desde que eu soube que eu estava grávida. Nós estávamos programando pra eu ficar grávida em agosto. Agosto, setembro do ano passado. Pra ela pode nascer esse ano. Porque aí eu me formava, aí ela nascia esse ano. Mas aí ela veio pra nascer em agosto. Mas tudo bem. Já estava sendo planejada. Então já é bom (risos). Então assim, ela foi muito desejada, muito bem vinda. Tanto assim do, da, a parte da minha família e a parte da família do meu marido. Por nós dois também. O tanto que assim durante a minha gravidez foi ótima a minha relação com o meu marido também. E depois que ela nasceu, assim, foi maravilhoso. E hoje assim, eu falo que a minha relação com ela é assim, é reflexo da minha relação com ela ainda dentro da minha barriga, entendeu, ainda durante a minha gestação. Aí como hoje eu fico a maior parte do tempo aqui na faculdade, quando eu chego em casa, aí ela me beija, me abraça, chama por mamãe. Então assim, é maravilhoso. Eu amo a minha filha. E assim tem essa troca, entendeu, de carinho, de amor.

Flávia sempre estudou em escola particular, mas, segundo ela, não era muito estudiosa. Relatou também que sempre mudou muito de escola, por causa de sua irmã.

Então eu mudei muito de escola (risos). Eu mudei muito de escola. Mas foi porque a minha irmã, ela era assim meio encrenqueirinha com escola, então quando ela implicava com uma escola aí a gente tinha que mudar. E o meu pai mudava todo mundo. Porque ficava mais fácil. Não mudava só ela.

Flávia fez jazz por algum tempo, no mesmo lugar em que seus pais praticavam esporte.

Flávia é evangélica e seus pais também. Já seu marido não tem religião.

Eu sou evangélica. Meus pais são evangélicos e o meu esposo não é não. O meu esposo na verdade ele não frequenta igreja nenhuma. Mas ele tem a crença dele. Me respeita muito. Quando ele quer ele vai na igreja comigo também.

Durante sua formação, ela não se envolveu com grupos.

Não, não. Eu nunca, eu nunca gostei de me envolver com essas coisas não (risos).” Também não foi possível participar de pesquisa. “Não, não. Porque como eu trabalhava. Então eu não tinha tempo pra eu me dedicar mesmo. Porque a maioria do tempo eu tava trabalhando durante o dia. Então eu fazia mais o curso durante a noite.

No que se refere aos meios de comunicação, Flávia relatou que não é muito adepta dos programas televisivos. Gosta mais de assistir ao jornal e a filmes. Sua relação com a internet é limitada à pesquisa. Contou também que gosta muito de ouvir música gospel, por ser evangélica.

Também gosta muito de cinema, mas, depois que sua filha nasceu, quase não foi mais. Curte quase todos os gêneros. Com relação ao teatro, falou que não é comum assistir a peças que estejam em cartaz.

Flávia sempre recorreu aos livros da comportamental e da área organizacional. Reportou também que não é muito adepta da leitura. Procura ler apenas o essencial.

No que concerne à ocupação, Flávia relatou que trabalha desde os 10 anos de idade.

Eu trabalhei como modelo mesmo. Eu não trabalhei em outro lugar nenhum. Eu trabalhei desde os dez anos até os vinte um ano de idade antes de me casar. Que eu optei por casar e estudar. Porque eu tinha que optar ou por continuar trabalhando nessa área ou por estudar ou por casar, entendeu. Então era uma das três. Não podia ser nem duas, nem as três. Porque é uma área que é assim, que você envolve muito, tem que ter tempo disponível o dia todo.

Contou que eram seus pais que a acompanhavam ao trabalho.

Eua minha mãe fala que desde que eu nasci eu já fazia pose pra câmara fotográfica (riso). Então eu sempre gostei muito de foto. E quem me levou foi os meus pais mesmo. Foram eles que me levaram. E eu pedi também, porque eu gostava muito. Já a minha irmã começou, mas não continuou. Ela só fez o curso comigo, na época, eu com dez anos e ela com nove. Mas, ela não seguiu, não quis. E eu fiz o curso com dez anos e já durante o curso eu já comecei a trabalhar.

Por fim, após o casamento, ela começou a trabalhar na empresa com o marido.

Depois que eu me casei eu comecei a trabalhar com o meu marido na empresa dele, entendeu. Trabalhei lá até quando eu fiquei grávida. Aí quando eu fiquei grávida por conta da complicação que eu tive, que eu tive que ficar de repouso e tudo. Aí eu parei de trabalhar, entendeu. Parei de trabalhar e ele que tava pagando a minha faculdade. Como é até hoje, porque eu não trabalho. Então quem paga a minha faculdade até hoje é o meu marido.

7) Murilo

Murilo realizou estágio na área comunitária. Ele não soube precisar o referencial teórico que orientou seu desenvolvimento, no trabalho final do curso. Ele tem 22 anos e é solteiro. Nasceu no interior de São Paulo, onde morou até os cinco anos de idade. Concluiu o curso em cinco anos e meio, porque pegou disciplinas optativas além do necessário. O pai de Murilo foi quem pagou a faculdade durante toda a sua formação.

Murilo mora com os pais e o irmão mais novo. Seu pai cursou química e trabalha em uma empresa, como gerente de controle de qualidade, na sua área de formação. Sua mãe começou o ensino superior aos 35 anos. É formada em engenharia ambiental e, no momento, está trabalhando em uma empresa de produtos recicláveis. Seu irmão, de dezenove anos, está cursando ciências aeronáuticas, em uma instituição privada.

O relacionamento familiar, segundo Murilo, sempre foi muito distante, sem muita conversa.

A gente sempre foi meio ausente assim de pais. Na em São Paulo era mais frequente assim. Então minha mãe ficava em casa e meu pai ia trabalhar. Daí, quando o meu pai mudou pra..... pra Goiânia pra trabalhar na Arena, no começo da Arena, é..... minha mãe também teve vontade de sair pra trabalhar. Então ela foi pra....., montou uma lojinha no centro, na

rua 3. E depois começou a trabalhar nessa farmácia na rua 3. Então assim, era sempre, a gente os via de manhã, na hora de ir pra escola ali, ou na hora de almoçar, assim. Então era sempre assim. Não, na hora de ir pra escola, 7 h, 8 h, de manhã, de manhã e na hora do almoço e no final da tarde. E aí no final da tarde, quando eles chegavam, do trabalho, era, sentava ali todo mundo no sofá, meu pai vendo TV, minha mãe fazendo uma janta, e a gente brincando. Então assim, o contato afetivo com eles não existia muito. era meio picado por conta do horário de trabalho. Então era um contato mais com o pessoas da minha idade, o pessoal do prédio e tudo mais. À tarde, tinha a empregada. Mas também não tinha muito contato assim, de cuidado, vamos dizer assim. Nem de conversar. A nossa família sempre foi de pessoas mais fechadas assim. Então não tem, não cria muito vínculo com pessoas de fora e nem tem muito com as pessoas de dentro, vamos dizer assim. Quando a gente saiu de São Paulo eu tinha uns cinco, seis anos, eu acho. Foi a partir daí que a gente começou a separar mais. Porque émeu pai e minha mãe eles nasceram no interior de São Paulo. Então é meio aquela cultura é.... sei lá, aquela cultura brasileira assim, do interior mesmo. O homem sai para trabalhar e a mulher fica em casa cuidando dos filhos. Então daí no começo do casamento tal, tal, tal, se manteve essa cultura. Depois, de, de seis, sete anos depois eles já mudaram assim. Daí minha mãe teve essa vontade de sair pra trabalhar, pra ir pra rua.. Deu no que deu. E nos viemos pra Goiânia porque meu pai trabalhava na Cintra em Santos e aí o chefe dele foi transferido pra Corpigo, assim transferido não, chamaram ele pra trabalhar na Corpigo e ele trouxe o meu pai junto.

Com relação à escola, Murilo relatou que sempre estudou em escola particular e, por algum tempo, em escola religiosa. Quase não fazia amizades por onde passava. Era de poucos amigos. Fez algumas atividades paralelas.

Eu fazia natação, capoeira, fiz futebol um tempo, mas nunca, nunca fui de grupo assim. Era meio que.....até no futebol assim não tinha amizade, era: e aí tal, tal, tal, ia lá, jogava e tchau.

No que se refere à religião, Murilo reportou que sua educação foi católica, embora ele não aderisse a essa religiosidade.

Eu não sou ateu, porque ateu é você não acreditar em nada e ser agnóstico assim. Tem alguma coisa, o que, não sabe. Minha criação foi católica, de ir a igreja aos domingos. Quando eu ia passar férias com minha avó e tal. E minha mãe fez eu fazer primeira eucaristia e tudo mais. Mas a partir do momento que eu tive opção de escolha, como assim fazer ou não crisma, ou continuar indo ou não na igreja, eu cortei. Então, relação com religião não existe assim. Eu acho que nunca tenho uma opinião formada ou consolidada sobre isso. Mas eu acho que não, aqui e agora e pronto, não tem aquela transcendência, aquela coisa toda, não funciona, não faz parte.

Murilo também não participou de nenhum grupo durante a sua formação.

Não existia e não existe. É uma coisa que eu não, assim não sei se repudio. Mas não me agrada e não tem o menor sentido. Tipo aquela galera que acampa ali na frente para reduzir a mensalidade, e o pessoal que faz proposta do C.A e não sei o que. É meio que, puts, é balela assim.

Os meios de comunicação, no que se refere à TV, Murilo costuma assistir os seriados da TV fechada. Jornal, futebol e outros programas ele acompanha pela internet. Já a música ele gosta muito de ouvir.

Música sempre. Desde criança assim, a minha relação com a música era muito forte. Era não, é muito forte ainda. Quando eu era menor eu escutava muito os assim, os discos do meu pai, os vinis. MPB4, samba. Tinha o que era divulgado. Ele gostava de música clássica, sempre tava ali acompanhando música clássica. Maria Bethânia. Tinha os sertanejos também que a minha mãe gostava, que o meu pai gostava também e o pop.

Inclusive, Murilo foi integrante de uma banda por dois anos. Ele também gosta muito de cinema, mas assisti a quase todos os filmes no computador.

Eu sempre fui meio.....No começo eu gostava de filme de terror e de mistério, tipo de adivinhar quem é que matou o fulano e quem é o assassino. Daí foi evoluindo pro drama, pro policial e hoje já é aqueles filmes tipo humor negro assim. Não chega a ser aquela comédia escrachada. Mas aquela comédia atirada, de ato falho e essas coisas.

Com relação ao teatro, Murilo diz que não tem o costume de frequentar. Às vezes, vai para fazer companhia. No que se refere à leitura, Murilo procura ler alguns livros sobre psicologia. Às vezes, faz outro tipo de literatura.

Livro é uma coisa diferente, não dá pra você ficar em frente ao computador, você nunca vai conseguir ler um livro todo em frente ao computador, vamos dizer assim. É bom sublinhar, eu gosto muito de destacar e tudo mais. Dentro da psicologia, eu leio muita coisa sobre psicanálise, Nietzsche que tá muito relacionada à psicanálise. Muita coisa sobre personalidade, muita coisa sobre leitura corporal, muita coisa sobre.....basicamente sobre o que você destrinchar uma pessoa só olhando e não conversando. Fora da psicologia eu costumo ler o que está em pauta, vamos dizer, os bestseller. Eu não sou de ir em sebo e ficar caçando livro não. É do tipo, o pessoal fala: esse livro é bom, não sei o que, aí eu vou e leio. A esse é bom e aí eu vou e leio. Mas assim, de procurar e ir a fundo, não. Livro não. Filme e música, sim. Agora livro, não. Eu acho que Memórias Póstumas, eu achei muito massa assim. Tipo, foi um..... Machado de Assis é um cara que eu gosto muito de ler, porque ele conversa, ele mantém, é uma escrita diferente, um tipo de narrativa diferente. Mas assim, só. E também não muito assim. A é aquela coisa assim. É legal.

Murilo, no momento, não está trabalhando. Está concentrado na conclusão do estágio. Anteriormente, trabalhava em um escritório de advocacia.

8) Poliana

Poliana concluiu o estágio matriculada na área hospitalar. Segundo ela, sua supervisora é da abordagem comportamental. Concluiu o curso em 06 anos, por ter se afastado por 01 ano, quando entrou no estágio I. Foi contemplada com a bolsa filantrópica durante quase todo o curso.

Quem me mantém na Universidade são os meus pais. Eu consegui bolsa, eu estudei, só esse último semestre agora que eu não fiz com bolsa, eu tinha a bolsa filantrópica. Mas pra conseguir, eu passei num processo seletivo. E pra eu trabalhar eu precisava ser formada. Então eu entrei com recurso que a gente forma quando a gente ta devendo só o estágio II, você pode entrar com esse recurso que tem aqui na Faculdade. Então eu entrei e coleí grau. Mas só que aí você não tem mais aquele número de matrícula pra faculdade mais. Aquele registro seu acaba. Aí então eu perdi minha bolsa pra eu conseguir esse emprego, eu pensei, eu pensei assim, por mais que eu perdesse a bolsa era mais vantagem pra mim eu, eu perder a bolsa e ficar com o emprego do que o contrato. Então eu tranquei minha matrícula, entrei com esse recurso. Aí eu coleí grau antes de fazer o estágio II por causa desse emprego e aí eu perdi a bolsa. Então assim quem pagava era o meu pai, mas era pouco. Agora que ficou muito eu aí vou ajudar ele porque eu estou trabalhando. Então só nesse semestre mesmo que eu vou ajudar. Não vou conseguir pagar tudo, mas a maior parte, pelo menos uns 70% da mensalidade eu vou conseguir ajudá-lo.

Poliana tem 24 anos e é solteira. Nasceu em uma cidade no interior de Goiás. Tem mais dois irmãos do sexo masculino. Ela é a filha do meio. Seu irmão caçula está fazendo cursinho para ingressar na universidade. Com relação ao outro irmão, ela não faz referência. Seu pai não tem curso superior e, no momento, está fazendo graduação pela internet. Já sua mãe é formada em letras, mas não atua na profissão. Trabalha como assistente social na prefeitura da cidade onde seus pais moram. Atualmente, sua mãe está cursando serviço social.

E agora que ela está fazendo Serviço Social, porque pra aproveitar. Porque já que ela trabalha há 20 anos nessa área, então ela aproveitou e está fazendo , o curso de serviço social.

Poliana mora com o irmão mais jovem e uma amiga da mesma cidade de origem, que também está fazendo faculdade. Todos vieram para Goiânia com o objetivo de estudar. Ela sempre estudou em escola particular, na cidade onde morava.

Sempre foi em escola particular. As escolas particulares lá em Araçu eram baratas , porque a cidade não é tão grande, acho que tem 40.000 habitantes. Então você sempre que se você pedisse a Diretora pra pagar

mais tarde, ela permite. Meu pai e minha mãe eles sempre foram assim de tentar conseguir o melhor de estudos pra gente, pra mim e pros meus irmãos. Então a minha mãe nunca me colocou numa escola pública. Aí depois eu fui pro objetivo, só que eu mesmo que não....., se eu tivesse me dedicado mais, eles me deram mais do que eu dei pra eles.

Poliana também relatou que fez várias atividades paralelas.

O tempo que eu mais fiz atividade foi quando eu tinha 11 anos. Eu fazia tudo que tinha de recursos. Eu fazia..... fazia aula de música, fazia inglês, fazia natação. Aí eu não sei o que aconteceu que eu fui parando. Teve um tempo também que a gente deu uma quebrada (risos). Aí eu tive que deixar as coisas que eu fazia, mas sempre, sempre que eu tinha oportunidade eu fazia, sabe. Eu parava inglês e depois começava de outro jeito, achava um curso mais barato e ia atrás.

Com relação à religião, Poliana reportou que seus pais são pastores e que essa condição sempre “influenciou” muito sua vida.

Meus pais são pastores. Aí desde pequena sempre é..... me levavam, pra igreja e tal. Aí quando eu vim pra Goiânia, que eu morei sem eles, eu saí um tempo da igreja eu quebrei meu vínculo, e tipo desisti, dei um tempo. Mas aí depois aquilo retornou e assim, aliás, até mais forte. Foi parece que foi a minha oportunidade de ter certeza que aquela escolha tinha me conquistado. Então, antes de eu vir pra Goiânia, talvez, fosse uma escolha deles. Mas aí depois eu vi que quando eu tive a oportunidade de conhecer uma vida é ... longe da igreja. Sem aquela fé, sem acreditar que você pode orar, sem acreditar que Deus pode te ouvir ou sem ler a Bíblia. Sem participar, sem aquilo participar de você. Eu tive um tempo assim. Aí depois eu parecia sentir saudade. Aí eu parecia me sentir feliz voltando. Aí eu voltei por mim mesmo, pelo menos eu acredito. É lógico que tem a influência deles. Mas eu tive oportunidade de escolha depois que eu vim morar sozinha.

Poliana relatou também que participou, de forma indireta, de alguns grupos de amigos.

Na Faculdade em si não. Quem me instigou assim para isso foram alguns professores, que eram mais questionadores, que colocavam a gente pra refletir e pensar, o que eu estou contribuindo pra disciplina, o que eu estou fazendo comigo. Mas em relação a grupos assim de amigos, não. Eu era amiga assim do povo mais pobres, das meninas mais riponquinhas, mas meio que acabava todo mundo voltava pra sua própria vida mesmo. Não era assim: “ ah eu vou assumir o CA ou eu vou tomar a frente de uma briga política.” Não chegava a esse ponto. Teve gente que defendia tudo, em não ter preconceito, mas é, sabe, que tem, quem adere até certo ponto, mas segue sua própria vida. Esses eram os meus amigos.

No que concerne aos meios de comunicação, Poliana diz não ter muito tempo para assistir à TV, pois o trabalho consome quase todo o seu tempo. Da internet, ela diz não gostar muito, mas recorre muito a esse meio, inclusive para investigar a vida do namorado.

Eu uso. Só que assim eu tenho preguiça (risos). Na verdade eu uso mais assim, porque meu namorado, sabe, as vezes, se ele vai entrar, eu entro pra falar com ele ou alguma amiga. Orkut, também assim pra pesquisar um pouco a vida dele (risos). Talvez ele manda alguns recadinhos assim que eu não queria (risos). Mas assim, agora eu tenho, nossa eu tenho muita preguiça! Eu por exemplo, eu entro na Internet até porque agora eu tou sem tempo. Eu tava fazendo o meu artigo. Agora, eu entrava, era pra enviar para um colega, pra professor, eu usei muito esses dias. Eu sei o que seria de mim se não fosse esse meio. Mas eu tava na verdade trocando mesmo. Eu enviava o material em vez de ir na casa da pessoa pegar, trocando material muito por e-mail. Como eu tava, eu não entregava nos dias, eu fazia muito o artigo no final de semana. Então a professora: eu vou te mandar é sábado à noite. Aí eu mandava também por e-mail. E eu já entrava off-line pra ninguém conversar comigo sabe. Eu já fui, quando eu descobri eu empolguei (risos). Eu já entrava off-line, porque eu não tinha tempo. Eu já fui no início assim quando eu descobri, eu achava assim. Conversar com o povo eu gostava muito naqueles bate-papos, mas depois eu nem lembro assim de.....bate-papo. Então nossa eu não gosto de jeito nenhum, mas eu acho chato ... não.

Com relação à música, Poliana relatou que não tem muito conhecimento sobre bandas e cantores. Mas gosta de estudar a estrutura da música, tanto que já fez piano e canto erudito.

Eu assim, eu falar , eu , eu não conheço, eu tenho que confessar que eu não conheço muitas bandas, eu não conheço vários cantores entendeu, mas eu gosto muito de música. Assim mesmo de reparar tudo que tem na música, tipo de conhecer a estrutura da música. Eu já estudei no Veiga Vale que é uma escola de música, três anos de, e eles ensinam a gente estudar como se fosse Você entende de música? Um pouco. Estudar a estrutura como se fosse estudar matemática na música. Mas a gente não fica estudando a banda não sei o que , a gente não estuda desse jeito. Então eu gosto muito nesse sentido, de entender. Mas se eu falar pra você a intensidade que eu gosto, você vai pensar: ela conhece tudo. Aí eu tenho que confessar que realmente eu não conheço. Mas eu já me dediquei bastante pra música. Eu já fiz piano, já fiz canto erudito. Ninguém gostava. Mas eu amava era o meu sonho, também não sei te explicar, aconteceu que de uma hora pra outra, era um sonho que eu tinha desde criança. Aí quando eu vim pra Goiânia com 15, com 18 anos, eu entrei nessa escola lá e eu fiquei apaixonada de estudar. Sem mentira nenhuma, assim de estudar mesmo todo tempo que eu tinha no mundo. Parava pra almoçar, sabe, aquela coisa apaixonada sabe, era o meu namorado sabe, tanto que eu amava. Aí depois eu desencantei, eu não sei, foi de uma hora pra outra. Aí já tem seis anos que eu desencantei. E eu não sei explicar, não sei de verdade, porque que eu desencantei. Eu acho que eu ... não sei (risos). E assim eu sou assim, queria mesmo se eu ouvisse alguém tocar, eu nossa sabe, olhava mesmo, dava vontade até de chorar, de tanto que aquilo era o meu desejo, mas depois eu vi que eu não queria não.

Com relação ao cinema, Poliana diz gostar muito de assistir a filmes românticos e que tenham mensagens que ela possa aproveitar para a psicologia, embora não tenha muito tempo também para ir ao cinema. Reportou que nunca foi ao teatro.

Finalmente, Poliana está trabalhando com adolescentes, mas não como psicóloga e, sim, como assistente social.

É o que te falei do processo seletivo que eu te falei, eu passei, é só contratos. Aí era pra ser psicóloga e pra trabalhar com Pró-jovem e adolescentes. Aí tem um acompanhamento com os profissionais, uma pedagoga, um condicionador físico é E aí eles levaram uma psicóloga lá, abriu uma vaga, aí eu fui. Só que é, como eu entrei, aí eu fiquei uns dias na Secretaria antes de começar o projeto. E quando o projeto começou, a mulher lá não quis mais me dispensar (risos) .E falou: você vai ficar aqui comigo. Aí eu lá, presa lá, com ela. Até eu arrumar um outro emprego. Então assim eu passei, mas eu não estou atuando como Psicóloga, eu tou fazendo mais o trabalho de Assistente Social . Mas sendo bom, porque eu estou aprendendo muito ,de. Porque eu sou tímida ou era mais. Então lá eu tive que rebolar, entendeu, sem ninguém ter dó de ninguém, você tem que mostrar serviço, é várias situações ao mesmo tempo. E tem também que lhe dar com o povo, o povo daquela cidade, o povo lá é muito pobre. Então você tem que ter aquele jeito de falar com eles e ao mesmo tempo ajudar, mas também não pode ajudar demais, tem um limite. Sabe, você vai adquirindo uma malícia assim e ao mesmo tempo que você vai, aquela, a gente tem essa péssima idéia de ser bom demais, que ajuda todo mundo. E depois você vê, que o bom não é bom é nada. Então assim, eu tou aprendendo muito, sabe. Do limite do que você ser Assistencialista, sabe, ou de você não ser paternalista mesmo, sabe. E ao mesmo tempo de ser uma pessoa ética. Aí eu tou aprendendo isso. Tá sendo rico pra mim. Mas hoje eu queria uma coisa assim, mais na área mesmo. Vamos ver até quando que vai (risos). É o meu primeiro trabalho.

Anteriormente, Poliana trabalhava com música. Era integrante de um coral.

9) Carla:

Carla estagiou na área organizacional e não soube precisar o seu referencial teórico. Ela tem 22 anos e é solteira. Nasceu em uma cidade do interior de Goiás, onde viveu até os 17 anos. Segundo Carla, ela veio morar com o irmão em Goiânia para estudar e trabalhar. Posteriormente, surgiu o namorado. Eles moravam em uma república. Relatou também que foi contemplada com a bolsa filantrópica, mas essa bolsa não cobria todos os créditos necessários para que concluísse o curso em 5 anos. Dessa forma, Carla mencionou que não tinha condições de pagar o restante, pois seu salário não dava para custear a faculdade e, ao mesmo tempo, suas outras despesas. Por esse motivo, concluiu o curso de psicologia em cinco anos e meio.

Cinco anos e meio. Porque eu era bolsista de filantropia, e não cobria todos os créditos a bolsa de filantropia. E eu não tinha condições de pagar. Então com isso assim eu sempre procurava um trabalho alternativo pra conseguir pagar essa diferença, mas, não dava. Porque 20 créditos ainda sobrava o que, trezentos reais pra eu pagar por mês. E eu não tinha esse dinheiro. Então os meus créditos foram ficando. Então por final, eu já estava trabalhando. Deu tudo certo. E aí só um período a mais.

A formação da mãe de Carla se estendeu até o ensino fundamental. Atualmente, ela é funcionária pública, exercendo o cargo de auxiliar geral. Segundo Carla, foi sua mãe quem sempre sustentou a família. Ela teve convivência com o pai até os 12 anos.

O meu pai, eu convivi com ele até uns 12 anos de idade. Ele era uma pessoa muito complicada, nunca teve um trabalho fixo e ficou até essa época assim por conta da minha mãe. Minha mãe que sempre manteve a casa. E ele tinha muitas mulheres, e ele teve outra família, e eu perdi o contato com ele. A minha mãe é funcionária pública. Ela é auxiliar de serviços gerais. Trabalha em Anápolis até hoje. E foi quem sustentou eu e meu irmão. Quando eu falei que eu fazia, que queria fazer psicologia, ela é uma pessoa de muita fé. Ela falou: você vai fazer. E todo mundo descreditou, falou que não ia dar certo, que não tinha possibilidades. E ela falou: não, vai e vai sim. E aí a gente tentou bolsa de empresas e não teve como. E aí eu fiz o processo da bolsa de filantropia. E aí no terceiro mês de faculdade, eu consegui a bolsa. E aí a gente negociou porque tava devendo essas outras parcelas. E aí eu vim morar na república, porque eu não tinha condição de ir e voltar todos os dias pra Cristianópolis. Porque na república você não paga, você paga uma taxa de treze reais por mês. Eu morei lá os cinco anos e meio da minha faculdade. Saí, tem um pouco mais de três meses. E enfim, e deu certo, (risos) graças a Deus.”

Anteriormente, Carla morava com a mãe, a avó e o irmão, em Cristianópolis.

“A família era pequena. Porque eu, minha mãe e o meu irmão e minha avó que não morava conosco mas, sempre nos visitava, minha avó materna. Mas foi um elo muito forte, é um elo muito forte. Meu irmão ta em Minas Gerais, mas ta morrendo de saudade. E eu vou quase todo final de semana ver minha mãe. Ela é hiper presente, ela participa de tudo. Ela veio pra minha apresentação final. Então é assim. É uma família muito pequena, mas, que eu considero muito forte, sabe. Que superou um tanto de coisa. E assim, eu vejo como sucesso (fala engasgada) onde a gente ta hoje, sabe. Não em termos só de dinheiro, mas, de ter enfrentado uma série de coisas. E a minha mãe ta assim radiante, ela tem dois filhos formados, e ela não tinha condição econômica, financeira nenhuma.”

Carla tem um irmão com 24 anos. Ele fez graduação e mestrado em física na Universidade Federal de Goiás. No momento, está fazendo doutorado em Universidade também federal, em outro estado. Seu namorado está concluindo o curso de engenharia em uma instituição pública. Segundo Carla, ele também não tinha condições de pagar uma instituição privada e se manter, ao mesmo tempo.

Eu conheci ele no terceiro ano do ensino médio em Cristianópolis. E ele estudava na escola pública e eu jogava basquete e ele também. Assim, nós conhecemos lá. EleAí eu passei no vestibular, ele também não tinha condições, não passou. Ele faz na UFG. Aí eu fiquei um ano aqui e ele um ano lá. Aí ele estudou esse um ano o dia todo e ele passou pra

engenharia elétrica na Federal e veio. Ele morava na república também. Tinha uma família lá. Só estendeu. Ta concluindo já também.

Carla sempre estudou em escola pública e, segundo ela, até a 8ª série era uma aluna muito aplicada. Depois que começou a fazer basquete, sua produção escolar ficou abaixo da média.

Eu sempre estudei em escola pública. E eu era muito aplicada assim quando mais jovem. Eu acho que até a 8ª série (risos). E depois eu me apaixonei pelo basquete e eu só queria só jogar, jogar, jogar, jogar, fugia da aula pra jogar. Jogava à tarde, de manhã. E assim, mas tinha aquela coisa. Que..... meu irmão é muito inteligente, meu namorado era muito inteligente. A Carla tem que procurar alguma coisa na sua vida. Eu não gostava muito de estudar não. E não sou uma pessoa tão concentrada. Mas, eu sabia que alguma coisa eu queria pra mim. Eu sou muito de querer independência, e eu não gosto de ficar atrás. É aquilo muito é estímulo pra eles também. Então a escola pública tem as suas desvantagens....., eu considero que tem as suas desvantagens. Mas tem a sua vantagem enquanto vivência, assim de, de.....é.....eu acho que te dá base não a base pra conhecimento, pra entrar numa faculdade particular ou pública. Mas te da assim é.....realidade, realidade social, sabe. De você ter de superar, de ter pessoas com tanto ou mais dificuldades que você. Então eu gostava, isso pra mim não era nada que prejudicava não. E ta, tem que passar no vestibular. Aí no último ano, que eu fui resgatar. Lá no terceiro nos meados, aí eu fui estudar, porque eu queria, porque queria passar. Aí tentei na UNB, não deu certo. Porque eu não estudei o suficiente. E aí passei na Católica. Aí eu falei: agora eu tenho que conseguir uma bolsa, porque eu tenho que estudar (risos). E consegui. E já na faculdade, mudou muito porque aquilo ali era, era a razão, a minha carreira estava ali. Eu não gostava de física, eu não gostava de matemática, mas de psicologia. E aí eu parei de jogar.

As outras atividades de Carla eram basquete, vôlei e futebol.

“Só o basquete. Era o que tinha na escola. Então assim passei pelo vôlei, pelo futebol, pelo um fiasco, de (risos). Aí no basquete eu me encontrei (risos) e fiquei até sair do ensino médio assim. E aí na faculdade por causa dessa, de.....desse foco em estudar, de ter que dar certo, essa determinação que eu tomei pra mim. Aí eu deixei de jogar. Então hoje eu só jogo pra brincar mesmo.

No que se refere à religião, Carla diz que sua família, principalmente sua mãe e sua avó são muito católicas. Por outro lado, a própria entrevistada relatou que, embora tenha passado por todos os rituais da igreja católica, não aderiu a ela. Mas relatou também gostar de frequentar a igreja, de vez em quando, por causa do grupo familiar e dos amigos.

Minha mãe é católica fervorosa, praticante. E eu fui criada na igreja católica, fui batizada, fiz 1ª comunhão, crisma e tudo. Hoje eu não frequento nem

uma igreja. Às vezes eu vou ,mas, não por uma questão minha. Mas e pra acompanhar mesmo. Eu considero, eu vejo a importância só que eu não concordo com tudo, entendeu. Mas assim, eu considero todas as questões de igreja, eu acho importante. Não só da igreja Católica, mas das outras. Mas eu acredito mais em filosofia, eu acredito mais, muito em energia. Eu acredito nas pessoas. A minha mãe, a formação dela é muito assim da igreja católica correta, de não poder desviar. E eu não acho que é assim não. Eu acredito que tem pessoas aí, de boa vontade ainda, que são diferentes. O meu namorado também não frequenta igreja nenhuma. A família dele é evangélica. O meu irmão não frequenta porque ele é lerdo (risos). Mas ele também não tem nada contra. Não, pelo menos ele diz que não. Eu conheço pessoas de religiões diferentes assim. A gente frequenta, já frequentei outras igrejas, mas nunca tomei nenhuma como prática, como formação pra mim não. Depois, isso já tem uns três anos. Mas assim, se eu estou no final de semana em Cristianópolis: vamos na missa? Eu vou à missa. Meu namorado às vezes vai à igreja dos pais dele e eu vou também. Vão tem nada muito rígido não. É uma questão de companhia. E que eu acho muita coisa bonita, sabe. Eu gosto da comunidade. Eu fui criada em muitas comunidades assim. Na república, do bairro da minha família em Cristianópolis, que é uma comunidade muito unida também. Então eu gosto desse ambiente.

Carla mencionou que sempre gostou muito de participar de grupos de discussão, mas não tinha muito tempo, por causa do trabalho.

Não, não. Eu participei muito de monitoria. Sempre me interessei, mas nunca participei. No máximo que eu participei foram cursos na casa de juventude. Eu participei, fiz cursos na casa de juventude, onde eles tratam de questões assim. Mas nunca ingressei em nada. Até acho que deveria, tem tudo a ver comigo. E nunca, não sei bem por qual motivo, que eu acho que pelos..... pelas demandas que foram surgindo, eu nunca ingressei. Foi uma correria, foi uma correria essa faculdade. Meu Deus. Mas eu vejo que tem tudo a ver comigo, sabe. Agora eu estou no momento de falar assim. Nossa agora eu vou fazer o que eu gosto. Porque até então as prioridades foram: dar conta de formar, dar conta de pagar..... e aí assim, não sobrava, não sobrava, não sobrava. Teve época de eu fazer estágio em Aparecida, ficar o dia todo, ir pra lá, voltar, ir direto pra faculdade e voltar pra casa. Chegava detonada (risos). Eu fiz um ano estágio em Aparecida. Eu era assim, o que aparecia era isso aí mesmo. Não tinha essa questão: de a não sei se dou conta. Não teve, sabe esse privilégio. Eu acho muito bom que não teve. Hoje eu acho que eu estou mais forte, não é qualquer coisa que vai me derrubar não (risos). Mas é assim, muitas vezes eu queria fazer alguma coisa e não dava, simplesmente não dava. E aí hoje eu me pergunto: e agora o quê que eu vou fazer, agora eu posso (risos). Por exemplo, eu tenho muito interesse nem psicanálise. Eu comecei uma vez a fazer análise, mas logo eu já não tinha mais como pagar, porque o custo de uma análise é muito auto. E eu gosto, acho interessante. É comunidade, sabe. Grupos, eu adoro trabalhar com grupos, eu adoro trabalhar em.....com grupos. Mas uma coisa assim de você fazer não por uma obrigatoriedade, sabem, mas por uma questão voluntária mesmo. É pela troca que é, que eu acredito que seja (risos). E eu nunca fiz nada disso, e eu sei que eu gosto (risos). Isso eu descobri (risos).

Com relação aos meios de comunicação e, particularmente, à TV, Carla diz não apreciar muito os programas televisivos. Segundo ela, por ter morado em

república e, conseqüentemente, a televisão ser coletiva, tinha dificuldade de acesso aos programas exibidos. Dessa forma, preferia não assistir à TV.

Eu e a TV não temos relações muito boa não. Eu não sei o quê que é isso. Eu desenvolvi alguma coisa. Na república, não tinha TV no quarto. Aí tinha uma TV só na sala de televisão, e era uma dificuldade. Se pensa cem pessoas brigando por canais diferentes. Então, aí eu quase que não assistia. Aí eu, hoje se eu fico assim duas horas na frente da TV, me dá dor de cabeça.

No que se refere à internet, Carla reforça o argumento de que não é muito adepta a certos meios tecnológicos.

Eu acho que a tecnologia, como eu te falei, a tecnologia não me capturou, viu. Então assim, hoje eu me esforço pela necessidade. Assim, de ter de fazer um trabalho na faculdade. É como as empresas tudo já é muito informatizada, então eu aprendi na marra. Eu tive que me esforçar. Hoje eu olho, mas eu vejo internet assim: há pouco tempo eu fiz o meu MSN, nem orkut eu tenho (risos). É uma vergonha. Que todo mundo pergunta: qual é o seu orkut? Eu não tenho. Mas, hoje eu tento, nem sei se é atualizar, porque eu me acho, que eu sou uma pessoa que procura se atualizar, sabe. Eu gosto de ler. Eu gosto de estar informada, eu gosto de saber de tudo que está acontecendo. Mas realmente, eu não tenho muita relação com a tecnologia não. Eu tenho que me esforçar pra isso, sabe. Eu gosto do livro. Eu gosto de páginas antigas. Eu gosto de apalpar. Eu sou muito assim. Só que eu vejo necessidade. Eu estou procurando assim, a quebrar com isso (risos). É uma barreira realmente.

Carla gosta muito de música, mas relata mais as preferências do seu namorado, que, segundo ela, é músico.

O meu namorado, ele é um músico. Ele ama música. Ele. Então assim, ele gosta de música de qualidade, que pra mim realmente é muito depre. Eu não dou conta não (risos). Até os nomes que eu nãoele gosta de quarteto, a capela. É umas músicas muito triste. Então assim, quando eu quero agradar ele eu tenho que fazer uma pesquisa. Ele gosta de coisas assim que eu nem sei dizer muito. Agora eu, eu gosto de MPB, eu gosto de música popular brasileira, eu gosto do Toquinho daqui. Se que eu só assim. Se colocar um forró eu danço e.....o que eu não gosto muito é de fank. Assim, realmente eu não gosto não. Mas pra falar o que eu escuto quando eu chego em casa, eu escuto MPB. O meu namorado toca, toca muito bem. Ele de vez em quando tira algumas músicas pra mim, porque ele sabe que eu não dou conta dessas músicas muito triste. Aí ele me agrada. Ele tira o que eu gosto (risos). Ele toca, ele toca muito bem.

Carla gosta muito de assistir a filmes. Ela costuma assistir ao que está em cartaz, dando preferência aos filmes românticos. Ela menciona novamente o gosto do seu parceiro em relação ao estilo de filme, buscando evidenciar a diferença que existe entre eles.

A vou, vou só pra assistir o que tai mesmo, sabe. Sai algum filme e não sei o que, eu vou, não sei o que, eu vou. Eu gosto muito de filme assim. Eu só consigo assistir TV no cinema. Eu gosto de tantos filmes. Mas no geral assim..... A o último que eu assisti foi aquele: P S eu te amo. É um filme romântico. Eu adoro esses filmes assim, quando mela mesmo. Mas eu fiquei encantada, era bem assim bobo. Meu namorado falou: não, não vou assistir isso não. E eu falei: vai, vamos assistir esse. Da outra vez foi você que escolheu. E eu não tenho uma boa memória. Porque as pessoas que tem, assistem filmes, geralmente tem uma boa memória pra filme. Então eu não tenho, mas eu gostei, pelo muito do que eu vi. E a estória, era uma estória de amor também. Só que assim nem trágica., mas eu gosto dessas filosofias, sabe. Tudo que envolve uma estória bonita e uma forma bonita de falar, eu gosto. Então assim, esses filmes que ta lá de drama, de é.....gosto de chorar,gosto, nossa, acho bom, sinto bem. Agora meu namorado gosta de ação, de suspense, terror, é outro estilo. Ele é muito diferente de mim, muito e eu não sei. Até hoje a gente dá muito certo. Eu acho que eu gosto do diferente. Deve ser por isso. Mas o estilo é outro. Eu gosto de falar de coisas bonitas e ele não tem paciência com essas coisas. Não, pra que falar disso tanto. E eu já sinto prazer com essas coisas(risos).

Carla reportou que gosta muito de teatro, mas não tem nem muito tempo nem dinheiro para investir nessa área.

Aeu fui poucas vezes. Eu gosto muito. Eu fui, no último espetáculo que eu fui, foi o Quasar de dança, que faz um pouco de teatro também. Só que eu ainda acho assim, que em termos de custo é um pouco complicado. Qualquer espetáculo que você vai é trinta reais, quarenta reais. E assim, não é de costume não, sabe. Adoro. Quando tem oportunidade, quando....., é um agrado, sabe. Assim, os dois agrados, três agrados do ano é esse (risos).

No que se refere à leitura, Carla falou que não tem muito o hábito de ler. Mas costuma ler os livros mais atuais, que estão na mídia. Com relação à psicologia, diz recorrer às obras de Freud. Também gosta muito de ler filosofia.

Já li muito. Hoje eu sou lerda viu. A deixe eu me ver. O último livro que eu li chama inteligência social. Tem a ver com área organizacional, mas é um outro tipo de inteligência que ele está estudando. Eu gosto muito.....do, assim, de auto.....da literatura contemporânea mesmo. Pra mim é atrativo. Não é nem porque eu avalio que seja melhor não, sabe. Quando eu vou numa livraria, as vezes eu busco o que ta realmente saindo. Eu não to tão assim.....eu não tou ainda naquela sabe, sabe.....eu já li tanta coisa e agora eu avalio e seleciono o que que eu vou ler. Eu ganhei esses dias aquele livro do.....aquele que fez o último filme. É um livro bem conhecido.....do código da Vinci.....como que é o nome dele?.....Ele saiu no, ele fez um filme também. Ele fez o livro..... Então eu li esse. Assim, quando eu ganho, mas se for pra mim escolher, a filosofia impera, sabe. Eu gosto de contos, gosto de histórias mirabolantes. E o de psicologia é o de praxe mesmo, sabe. O que você tem que ler pra faculdade, eu li. A filosofia é diferente. Eu gosto. Aí é diferente. Aí eu vou lá na biblioteca, aí eu caço. Aí eu vejo o que que é interessante. O último que eu li foi do Com..... de Tristão e Isolda. O nome dele é o mito do amor romântico. Não sei se voce já ouviu falar? Mas assim eu já gosto,

entendeu? Eu gosto de Freud. Então eu fico lá pegando todas as obras de Freud (risos). E leio. As pessoas riem e falam, mas eu gosto, eu gosto, sabe. O que te atrai, atrai. Então todo mundo pode falar o que for do Freud, que eu gosto de ler. Então nem falo, nem comento mais que leio, porque todo mundo cai matando. Mas eu gosto.

Finalmente, Carla relata que, se hoje trabalha na área organizacional, não foi por escolha, mas por necessidade. Recentemente foi contratada como analista de recursos humanos por uma empresa de médio porte, atuando com psicóloga organizacional. Anteriormente, era estagiária nessa mesma empresa.

A, não foi uma opção não. Não sei se você viu, mas foi assim, eu precisava.....Se fosse pra mim escolher o quê que eu teria feito na psicologia eu acho que eu teria trabalhado com grupos, eu acho que eu teria trabalhado com a comunidade, mas numa abordagem assim relacionada à psicanálise. Se fosse pra mim fazer, escolher. Mas como eu te falei eu precisava trabalhar, eu precisava pagar. Aí eu consegui o primeiro estágio na área escolar. Depois eu consegui na área de educação pro trânsito. Aí, depois eu consegui na área organizacional. E aí fui desenvolvendo nessa área e as coisas foram acontecendo. Não foi tanto aquela coisa assim: a eu tudo planejei pra ser assim. Agora eu tenho uma coisa pra mim. Se eu vou fazer algo, eu vou fazer muito bem feito, eu gosto. Epra mim esse negócio de levar de meia boca é muito pobre, é muito pouco. A vida, eu acho que não é pra isso não. E aí as coisas foram dando certo na área organizacional, sabe. É.....se eu tenho que fazer, eu vou fazer e não vai ser mais ou menos. E foi onde saiu, surgiu a contratação, na Dunas. Depois a Lola me chamou pra vim pra cá. Eu acho que ela apostou muito em mim, sabe. Ela, ela fez muito por mim, pra mim desenvolver. Hoje eu sinto a necessidade de aliá isso, de buscar da psicologia, de buscar das minhas vontades, sabe. De fazer, de associar. Porque eu sei a dificuldade também de você trabalhar, de você ter de se sustentar trabalhando na área clínica. Por exemplo, nas outras áreas, a gente vê a dificuldade que é. Então hoje eu quero buscar e associar isso. E quem sabe depois fazer algo que eu goste mais ainda. Porque hoje eu gosto da área organizacional (risos).

Posteriormente, serão desdobradas as categorias referentes ao processo de socialização constitutiva dos indivíduos. As mediações psicossociais revelaram as tendências postas no processo de formação implicadas numa dada subjetividade.

CAPÍTULO III:

PROCESSO DE SOCIALIZAÇÃO: MEDIAÇÕES PSICOSSOCIAIS

Neste capítulo, buscou-se apreender a constituição do indivíduo na sua relação com a sociedade através das mediações e processos psicossociais implicados no processo de socialização. Certamente, aí estão em questão diferentes nexos e estruturas. Mas é possível destacar a família, a cultura, a linguagem, a identidade, o trabalho, que constituem a formação.

As condições objetivas em que são produzidos e reproduzidos os sentidos acerca da formação são fundamentais para apanhar as mediações que constituem esse processo, no qual estão em causa internalizações e objetivações, que constituem os indivíduos, passando pelas instituições formativas.

Para entender a partir de quais determinações se deu a produção de sentido, foram relatadas, anteriormente, as histórias de vida dos formandos em psicologia, sujeitos participantes desta pesquisa. Os sentidos e significados produzidos articulam dimensões sociais e culturais, que são apresentadas por meio de dois núcleos. O primeiro se refere às mediações psicossociais implicadas no processo de socialização, apresentadas neste capítulo. O segundo refere-se às questões vinculadas às experiências produzidas no processo de formação em psicologia, sendo estas analisadas no próximo capítulo.

Portanto, a análise das categorias que emergiram das entrevistas apontam as mediações constitutivas do processo formativo dos indivíduos, buscando atribuir sentido ao que ocorreu durante a formação no sentido amplo.

A família é uma instância fundamental de mediação na constituição do indivíduo, nas suas dimensões universais, particulares e singulares. Desde o nascimento, o indivíduo inscreverá sua história singular nas condições particulares que encontrará, para isso, no mundo em que vive e a partir das relações com os outros. Nesse processo, constituem-se sua subjetividade, sua identidade social e sua inscrição na objetividade histórica.

Nesse sentido, as relações, os processos e as estruturas constitutivas da criança emergem já das experiências no núcleo familiar e, posteriormente, se deslocam para outras instâncias formativas. Isso implica dizer que o ser humano necessita de espaços de sociabilidade, que intermedeiam sua inserção na realidade social, posto que, ao nascer, ele já se depara com a materialidade de uma dada

sociedade. Os processos de socialização mediarão a relação de reciprocidade entre indivíduo e sociedade, e constituirão a ambos.

A vida humana é essencialmente e não por mera causalidade, convivência. Com essa afirmação, põe-se em dúvida o conceito de indivíduo como unidade social fundamental. Se o homem, na própria base de sua existência, é para os outros que são os seus semelhantes, e se unicamente por eles é o que é, então sua definição última não é a de uma indivisibilidade e unicidade primárias mas, outrossim, a de uma participação e comunicação necessárias com os outros. Mesmo antes de ser indivíduo, o homem é um dos semelhantes, relaciona-se com os outros antes de se refletir explicitamente ao eu, é um momento das relações em que vive, antes de poder chegar, finalmente, à autodeterminação. (ADORNO E HORKHEIMER, 1956, p.47)

Segundo Adorno e Horkheimer (1973), a família é constituída na objetividade social, no processo histórico e, ao mesmo tempo, é socialmente mediada na sua interioridade. Assim, a família, em sua dinâmica, se desdobra em processos contraditórios. Por um lado, a família tem o caráter de manter a lógica que tece as relações em outros grupos, inclusive as relações de troca que alimentam o mundo do capital. Por outro, existe como possibilidade de acolhimento e refúgio do indivíduo no que se refere à defesa frente às forças hostis presentes na sociedade, que aponta formas de controle cada vez mais sofisticadas. Ao mesmo tempo, segundo Adorno (1956, p. 133), a família instaura a repressão necessária das pulsões dos homens no desenvolvimento do processo civilizatório:

“Na verdade, a família não só depende da realidade social, em suas sucessivas concretizações históricas, mas também está socialmente mediatizada, mesmo em sua estrutura mais íntima.”

Nesse sentido, a família é a base do oferecimento de condições e possibilidades, às crianças, da internalização das regras e valores sociais presentes na sociedade. A família medeia, assim, tanto a adaptação ao *status quo* quanto as contraforças necessárias ao enfrentamento da realidade.

A tolerância frente às agressões, colocada com muita razão pelo senhor como pressuposto para que as agressões renunciem a seu caráter bárbaro, pressupõe, por sua vez, a renúncia ao comportamento autoritário e à formação de um superego rigoroso, estável e, ao mesmo tempo, exteriorizado. Por isso, a dissolução de qualquer tipo de autoridade não esclarecida, principalmente na primeira infância, constitui um dos pressupostos mais importantes para uma desbarbarização. ((ADORNO, 1995, p. 166)

Isso significa dizer que a criança, ao nascer, não possui os mecanismos que a adaptem, de imediato, às normas já consolidadas. A criança, ao nascer, pode representar uma intimidação à condição vigente, pois a satisfação dos impulsos hostis materializaria, no limite, a destruição da civilização e um retorno à barbárie. É esse um dos fundamentos pelos qual a família é definitiva nos processos de sociabilidade de cada sujeito, em particular, e da universalidade humana.

Precisamente por isso, a família está submetida a uma dinâmica de caráter duplamente social. Por um lado, a crescente socialização - "racionalização", integração, de todas as relações humanas, na sociedade de troca plenamente desenvolvida, tende a comprimir e negar ao máximo o elemento irracional e natural-espontâneo, desde o ponto de vista da sociedade, no ordenamento familiar. Por outro lado, o desequilíbrio entre o indivíduo e forças totalitárias da sociedade intensifica-se de tal modo que, com frequência, o indivíduo é coagido a procurar uma espécie de refúgio, recolhendo-se em microgrupos do tipo da família, cuja persistência autônoma parece incompatível com o desenvolvimento geral. A tendência de desenvolvimento que põe em dúvida a família parece dar ao indivíduo, pelo menos temporariamente, novo apoio. (ADORNO E HOKHEIMER, 1956, p.133)

Assim, essa primeira instância de socialização é responsável privilegiada da constituição mais radicada e definitiva do sujeito. Adorno (1995) afirma que a família é essencial para a formação psíquica, tanto nos seus aspectos conscientes como inconscientes. É nela também que a autoridade toma proporções constitutivas na vida dos homens, construindo relações passivas e, ao mesmo tempo, ativas, de um indivíduo frente ao outro.

Determinadas manifestações de autoridade, que assumem um outro significado, na medida em que já não são cegas, não se originam do princípio da violência, mas são conscientes, e, sobretudo, que tenham um momento de transparência inclusive para a própria criança; quando os pais "dão uma palmada" na criança porque ela arranca as asas de uma mosca, trata-se de um momento de autoridade que contribui para a desbarbarização.(ADORNO, 1995, p. 167)

Essa impressão definitiva, marcada pelas formas de sociabilidade vivida na família, emerge das experiências singulares e pode ser tomada pelas histórias dos graduandos em psicologia. Aí são reveladas tendências referidas aos nexos que constituem o processo de formação dos mesmos. A trajetória do processo formativo delimita as formas e os conteúdos das instâncias de socialização, constitutivos nesse mesmo processo, e apontam para os fundamentos estabelecidos no interior

da família, onde tanto as regras, as normas que constituem a sociabilidade humana, quanto a possibilidade de proteção e acolhimento que essa instância de socialização representa, se explicitam na dinâmica familiar, decisiva na formação psíquica de todos os indivíduos no mundo moderno:

[...] o que ocorre nela plasma a criança desde a sua mais tenra idade e desempenha um papel decisivo no despertar de suas faculdades. Assim como a realidade se reflete no meio desse círculo, a criança que cresce dentro dele sofre sua influência. A família cuida, como uma das componentes educativas mais importantes, da reprodução dos caracteres humanos, tal qual os exige a vida social, e lhes empresta, em grande parte, a aptidão imprescindível para o comportamento especificamente autoritário, do qual depende amplamente a sobrevivência da ordem burguesa. (HOKHEIMER, 1990, p. 215)

As histórias relatadas pelos formandos em psicologia revelam os vínculos com suas famílias e expressam os sentidos constituídos nas relações que aí se desenvolvem.

Eu acho que família pra mim é tudo. Eu acho que é a base, é a estrutura de todo ser humano. (Luciana)

O que é família pra mim? Não sei. Eu acho que é intimidade, eu acho que é segurança, acho que é vínculo muito profundo assim. (Karina)

Nesse sentido, a família, por ser fundamental no processo constitutivo do indivíduo, aponta a importância também de se apreender outras mediações, que estão implicadas na sua própria dinâmica, para se compreender a formação dos graduandos em psicologia. O grau de instrução dos pais é um desses nexos e vai constituir, de maneira efetiva, as condições de possibilidades dos processos de sociabilidade no contexto familiar. A maioria dos pais dos formandos só estudou até o ensino médio, mas criou condições para que seus filhos cursassem o ensino superior. Dessa forma, a família cumpre a função de possibilitar a educação dos seus, preservando, assim, a existência do indivíduo e, ao mesmo tempo, do próprio grupo familiar.

O meu pai ele fez 2º grau, né, ensino médio, e a minha mãe também. Só que eles não formaram e nem nada. (Maria)

Com relação à formação dos meus pais, eles tinham a formação muito básica. A minha mãe fez as primeiras séries apenas do primário e o meu pai eu acho que chegou no ginásio, então nenhum deles chegou ao ensino superior e nem a concluir o ensino médio. (Neruda)

Foi recorrente também os pais dos formandos ajudarem financeiramente seus filhos a concluírem a graduação, até porque um número significativo deles não trabalha, o que aponta o grupo familiar mediando a possibilidade de viabilizar melhores condições aos seus, conforme o que é exigido por outras instâncias de socialização postas nesta sociedade. Por outro lado, as condições efetivas do indivíduo entrar no mercado de trabalho são adiadas. Nesse sentido, a família articula os mecanismos de preservação do indivíduo e, ao mesmo tempo, do grupo familiar.

No momento eu não trabalho. Aí por razões de término aí do curso, eu preferi abrir mão disso e terminar o curso. (Francisco)

Meus pais queriam que a gente terminasse a faculdade sem ter a obrigação de se sustentar. (Karina)

As tendências apontadas nas falas dos graduandos em psicologia revelam as mediações para apreender a importância da família na constituição dos indivíduos nesta sociedade. Assim, o grupo familiar oferece elementos para a adaptação à realidade, ou seja, ao que ela exige do indivíduo. Isso implica, inclusive, em instaurar as condições materiais que permitiram aos formandos em psicologia buscarem recursos, de certa forma diferenciados dos que se efetivaram com seus pais. As formas e os conteúdos engendrados na família podem articular a adaptação ao existente e, também à transformação da materialidade que constitui essa realidade.

O entrelaçamento do universal e do particular faz com que o indivíduo, na sua singularidade, não se insira de forma imediata na totalidade social, mas através de instâncias que intermedeiem as relações sociais. Sendo assim, a família, a escola, a religião, a indústria cultural, a arte e outras instâncias formativas articulam a relação indivíduo e sociedade, que se constituem reciprocamente.

Além da família, a escola também é uma instância de socialização fundamental, que constitui a formação do indivíduo e sua relação com a sociedade. Posteriormente, seguir-se-ão as categorias de análise que evidenciam o processo de socialização secundária, organizadas e estruturadas a partir de outra racionalidade, visando atender às necessidades que vão para além do grupo primário.

A escola como instância de educação é um *locus*, que constitui o indivíduo na formação do seu eu e de sua relação com a sociedade. A educação é, de forma mais ampla, um processo que se inicia na família, uma vez que a internalização das regras, valores e costumes ocorre inicialmente em tal instância. Por outro lado, ainda durante os primeiros anos de vida, o indivíduo se insere em outras formas de socialização, que têm como finalidade educar, transmitir conhecimentos sistematizados, conceitos e valores desta sociedade, a saber, a escola. Dessa forma, a criança vive um processo qualitativamente diferente daquele produzido na família, no qual a criança internalizará outros conteúdos, padrões e valores, tecendo novas mediações.

A socialização secundária possibilita à criança a percepção do outro e o seu mundo, expandindo-se para diferentes esferas subjetivas, que ampliam as relações sociais para além da esfera familiar, ou seja, o campo de convivência toma outras proporções. Assim, a autorreflexão possibilita tencionar a ação e o pensamento, que produz a expansão da consciência, ou ainda, a escola, embora apresente a importância da adaptação às relações sociais até então consolidadas, não articula apenas a mera transmissão de conhecimentos e a reprodução de pessoas bem adaptadas às condições materiais. Possibilita também, inclusive, o estranhamento que permite questionar e transformar a realidade até então constituída.

Para Adorno (1995), a educação no sentido amplo é de fundamental importância para os indivíduos, pois é um processo que possibilita a formação, a maioria aos mesmos. Possibilita, inclusive, a abertura para a experiência, que, segundo o autor, se fundamenta em um processo autorreflexivo, no qual a relação sujeito e objeto instauram a constituição do primeiro mediante a internalização do segundo e, ao mesmo tempo, a formação do sujeito mediante a objetividade. A experiência nesse sentido é um momento de abertura do ser humano frente ao objeto, abertura ao empírico, que engendra a constituição do mesmo.

Dessa forma, a escola também amplia os espaços e o tempo para a sociabilidade humana, o que significa que essa instância formativa não deve ser reduzida a uma relação que produz meramente o conhecimento de conteúdos formais, mas tece formas e conteúdos que transformam, reciprocamente, o indivíduo na apreensão e na relação produzida com a realidade. Na socialização escolar, foi possível aos formandos em psicologia ampliarem seus mundos de convivência, conhecendo realidades diferenciadas daquelas vividas na família.

Então, eu estudei lá a minha vida inteira, desde, eu entrei na escola na verdade com seis anos. Só que eu dava, eu não gostava de estudar, detestava estudar e eu dava uma birra todos os dias na porta do colégio (risos). Aí meu pai foi e me tirou e me colocou com sete anos de idade. Aí depois quando ele me colocou com sete anos eu gostei. (Maria)

Eu sei que entrar na escola foi muito difícil, me acostumar com ter novas crianças em volta, foi muito complicado se eu me lembro bem também. O social sempre foi algo complicado e eu acho que com raiz nisso assim, é algo que me marca. Então eu vejo que, apesar de que num primeiro momento pra mim foi realmente muito difícil me acostumar com tudo que mudou, foi por causa da mudança pra dentro da cidade, ainda sim eu me adaptei, e eu acho que eu tive uma tranquilidade nesses, principalmente nesses primeiros anos de escola. (Karina)

Ficou evidente que a maioria dos formandos em psicologia estudou em escola particular:

E sempre estudei em escola particular. (Flávia)

Sempre foi em escola particular. (Poliana)

Foi recorrente também, nas falas dos formandos, a prática de outras atividades.

A vida inteira eu joguei futebol, eu sou apaixonada em futebol. (Luciana)

Sempre fiz dança, eu acho que foi uma constante. (Karina)

A socialização secundária, momento em que a criança diferencia o outro e seu mundo, articula outras proporções, se universaliza numa dada particularidade histórica, constituindo uma subjetividade que possibilita a ampliação de sua convivência para além da relação familiar. Novas descobertas se inserem na sua realidade, seu grupo de convivência se expande e as experiências são tecidas a partir das relações produzidas na escola, em outras instâncias de socialização.

Na tensão entre o indivíduo e a sociedade, a divergência do universal e do particular implica, necessariamente, que o indivíduo não se insere de forma imediata na totalidade social, mas através de instâncias intermediárias. (ADORNO E HORKHEIMER, 1956, p.61)

O processo de educação não se restringe à família e à escola, mas se amplia para outras esferas de socialização, na relação existente em toda a sociedade. Os conhecimentos produzidos pelo grupo social fundam e determinam uma visão de

mundo, pois o indivíduo se constitui em relações sociais. Nesse sentido, compreender a religião enquanto instância formativa se faz necessário, pois cada indivíduo é a manifestação daquilo que internalizou em nome de tais determinações.

Freud, em sua obra “O Futuro de uma Ilusão”, constrói a tese de que a civilização humana só é possível por meio da coerção, do recalque de impulsos instituais, pois as barreiras internas desse mesmo recalque são constituídas de interdições externas produzidas historicamente. Esse mecanismo é fundamental porque o processo civilizatório representa para o indivíduo um ‘pesado fardo’, que lhe exige sacrifícios e renúncias dos desejos.

Nesse sentido, a conquista da sociabilidade humana, que tece com a universalidade dentro de uma particularidade histórica, implica no entendimento da existência do outro, que pode comparecer tanto como possibilidade de satisfação quanto como interdição do desejo. Além disso, ter que compartilhar com outras pessoas seu espaço, seu tempo, os bens materiais e afetivos produzidos pelo trabalho e ainda a fúria das forças da natureza, tudo isso provoca uma reação de hostilidade do indivíduo para com a civilização. Assim, o indivíduo é constituído como um ‘inimigo da civilização’, e esta deve se ocupar em criar meios para se defender dessa constante oposição hostil, que se atualiza a cada criança que nasce.

É digno de nota, por pouco que sejam capazes de existir isoladamente, sintam, não obstante, como um pesado fardo os sacrifícios que a civilização deles espera, a fim de tornar possível a vida comunitária. A civilização, portanto, tem de ser defendidas contra o indivíduo e seus regulamentos, instituições e ordens dirigem-se a essa tarefa. Visam não apenas a efetuar uma certa distribuição; na verdade, têm de proteger contra os impulsos hostis dos homens tudo o que contribui para a conquista da natureza e a produção de riqueza. (FREUD, [1927] 1996, p.16)

Partindo desses pressupostos, o superego é a instância psíquica que representa o embate na relação indivíduo e sociedade, pois é no desenvolvimento dessa instância, que se dá a partir tanto do Id quanto do ego, que ocorre a constituição das leis que regulam os valores sociais, responsáveis pela coerção dos instintos e, conseqüentemente, da manutenção da vida em comunidade, pois deixam de ser somente externos, alheios e indiferentes ao sujeito, passando a ser também internalizados, constituindo parte da formação psíquica.

Acha-se em consonância com o curso do desenvolvimento humano que a coerção externa se torne gradativamente internalizada, pois um agente mental especial, o superego do homem, a assume e a inclui em seus mandamentos. Toda criança nos apresenta esse processo de transformação; é só por esse meio que ela se torna um ser moral e social. Esse fortalecimento do superego constitui uma vantagem cultural muito preciosa no campo psicológico. Aqueles em que se realizou são transformados de opositores em veículos de civilização. (FREUD, [1930]1996, p. 21).

Dentro dessa concepção, o homem é um animal que se humaniza nessa relação com a natureza, com outro homem e com os limites que aqueles dele exigem, condição não impertinente à possibilidade da vida em civilização enquanto conquista da humanidade. Por outro lado, essa mesma conquista se pauta no recalque dos desejos e as possibilidades de felicidade e liberdade individual acabam tornando-se restritas, em nome da sobrevivência do grupo. Indivíduo e civilização, embora possuam, na aparência, interesses incompatíveis, constituem uma relação de reciprocidade e, portanto, de unidade, sendo a renúncia da satisfação individual em nome do todo, o que torna essa relação possível. E é na existência do mecanismo psíquico do recalque que essa renúncia se efetiva, embora o desejo recalçado não signifique desejo anulado.

A civilização humana, expressão pela qual quero significar tudo aquilo em que a vida humana se elevou acima de sua condição animal e difere da vida dos animais -- e desprezo ter que distinguir entre cultura e civilização, apresenta como sabemos dois aspectos ao observador. Por um lado, inclui todo o conhecimento e capacidade que o homem adquiriu com o fim de controlar as forças da natureza e extrair a riqueza desta para a satisfação das necessidades humanas; por outro, inclui todos os regulamentos necessários para ajustar as relações dos homens uns com os outros e, especialmente, a distribuição da riqueza disponível. As duas tendências da civilização não são independentes uma da outra; em primeiro lugar, porque as relações mútuas dos homens são profundamente influenciadas pela quantidade de satisfação instintual que a riqueza existente torna possível; em segundo porque, individualmente; um homem pode, ele próprio, vir a funcionar como riqueza em relação a outro homem, na medida em que a outra pessoa faz uso de sua capacidade de trabalho ou o escolha como objeto sexual; em terceiro, ademais, porque todo indivíduo é virtualmente inimigo da civilização, embora se suponha que esta constitui um objeto de interesse humano universal. (FREUD, [1927] 1996, pp. 15, 16)

Dessa forma, é na relação desse indivíduo constituído de uma realidade psíquica, que deseja que busca prazer, que sonha, mas que, ao mesmo tempo, se confronta com uma realidade que encontra contorno ao desenho desse prazer, que se instaura o conflito, característica humana, demasiadamente humana, de acordo

com Freud. E é a esse indivíduo de conflitos que Freud lança seu entendimento. No entanto, esse entendimento não tem a pretensão de encontrar respostas ou cura, mas sim a compreensão do que é, no limite, a profundidade do que é mais obscuro em um ser humano. Nesse sentido, a religião representa também a internalização das normas, das regras que interdita o desejo, pois o desenvolvimento do homem articula a coerção externa, que vai sendo paulatinamente internalizada e forma, assim, o superego, que assume e inclui entre os seus mandamentos. O Deus das religiões, sendo o representante do pai, presentifica as projeções mais íntimas do desejo humano, daquilo que o homem idealiza enquanto perfeição para si e em si mesmo não encontra.

Quando o indivíduo em crescimento descobre que está destinado a permanecer uma criança pra sempre, que nunca poderá passar sem proteção contra estranhos poderes superiores, empresta a esses poderes as características pertencentes à figura do pai; cria para si próprio os deuses a quem teme, a quem procura propiciar e a quem, não obstante, confia sua própria proteção. Assim, seu anseio por um pai constitui um motivo idêntico à sua necessidade de proteção contra as consequências de sua debilidade humana. É a defesa contra o desamparo infantil que empresta suas feições características à reação do adulto ao desamparo que ele tem de reconhecer --- reação que é, exatamente, a formação da religião. Mas não é minha intenção levar mais adiante a investigação do desenvolvimento da ideia de Deus; aquilo em que aqui estamos interessados é o corpo acabado das ideias religiosas, tal como transmitido pela civilização ao indivíduo. (FREUD, [1927] 1996, p. 33)

As exposições dos formandos em psicologia explicitou a importância da religião em suas constituições.

Aí desde pequena sempre é..... me levavam, né, pra igreja e tal. Aí quando eu vim pra Goiânia, que eu morei sem eles, eu saí um tempo da igreja eu quebrei meu vínculo, e tipo desisti, dei um tempo. Mas aí depois aquilo retornou e assim, aliás, até mais forte. Foi parece que foi a minha oportunidade de ter certeza que aquela escolha tinha me conquistado ,né. (Poliana)

Então, isso significa muito pra mim. Primeiro porque eu fui criado em toda a minha vida em escola católica. Então eu tenho essa tradição católica arraigada dentro das minhas representações, aí, sabe. É uma coisa que eu não nego, apesar de eu ter assim me tornado um tanto mais cético, né, mas ainda percebo essa tradição me constituindo assim. E eu acho magnífica essa constituição assim, dessa tríade cultural que nos constitui enquanto brasileiros né. Essa cultura afro, essa cultura indígena e a cultura europeia, né, que hoje num estado de miscigenação, torna até uma religião meio indiferenciada, né, um catolicismo permeado dessas heranças africanas, permeado também desses resquícios indígenas, sabe. Então eu me percebo muito nisso aí, até porque eu tenho na minha tradição também é, essa herança indígena, sabe. (Neruda)

A religião aponta, nesse sentido, a história da civilização, a internalização do sacrifício, a renúncia que o homem realizou para abdicar de seus desejos em nome da própria civilização. A internalização das normas sociais é atualizada na relação de uma geração para outra geração, constituindo, assim, os homens e sua cultura. Tanto a família quanto a escola são as primeiras instâncias a instaurar o recalque mediado pela religião, para que o indivíduo possa viver em sociedade. Por outro lado, um *quantum* de interdição, que ultrapasse os limites, para que possa fundar a sociabilidade humana, materializa a destruição da vida civilizada, a irracionalidade do sacrifício.

A questão fatídica para a espécie humana parece-me ser saber se, e até que ponto, seu desenvolvimento cultural conseguirá dominar a perturbação de sua vida comunal, causada pelo instinto humano de agressão e autodestruição. Talvez precisamente com relação a isso, a época atual mereça um interesse especial. Os homens adquiriram, sobre as forças da natureza, um tal controle, que, com sua ajuda, não teriam dificuldades em se exterminarem uns aos outros, até o último homem. Sabem disso, e é daí que provém grande parte de sua atual inquietação, de sua infelicidade e de sua ansiedade. Agora só nos resta esperar que o outro dos dois 'poderes celestes', o eterno Eros, desdobre suas forças para se afirmar na luta com seu não menos imortal adversário.
(FREUD, [1930] 1996, pp. 157,158)

Mas, por outro lado, a destruição pode se transformar em criação. É possível afirmar, então, que a arte também possui um caráter formativo. Dessa forma, a civilização pode proporcionar possibilidades de sublimação, partindo de um plano real, da produção da industrial cultural, evitando, assim, cair nas armadilhas de idealizar essa mesma realidade. No limite, a arte, por ser alegórica, pode representar a universalidade dentro de uma particularidade histórica que encontra expressão na condição humana, na relação entre os homens e na sua própria produção. Portanto, não se trata de sublimar a civilização, elevá-la a um plano ideal, mas de instaurar mecanismos que possibilitem a civilização sublimar os impulsos hostis presentes em cada indivíduo, de criar satisfações substitutivas para as mais antigas renúncias da humanidade. A arte representa o entendimento dos sacrifícios que o homem realizou em nome da condição civilizatória, tal qual como apontou Freud em "Totem e Tabu":

Apenas em um único campo da nossa civilização foi mantida a onipotência de pensamentos e esse campo é o da arte. Somente na arte acontece que um homem consumido por desejos efetue algo que se assemelha à

realização desses desejos e que faça com que um sentido lúdico produza efeitos emocionais – graças à ilusão artística – como se fosse algo real. As pessoas falam com justiça da ‘magia da arte’ e comparam os artistas aos mágicos. Mas a comparação talvez seja mais significativa do que se pretende ser. Não pode haver dúvida de que a arte não começou como arte pelo amor à arte. Ela funcionou originalmente a serviço de impulsos que estão hoje, em maior parte, extintos. (FREUD, [1913] 1996, pp. 101, 102)

Freud, apreendendo a dinâmica cindida da civilização, não distingue a produção cultural do processo civilizatório, pois a cultura, que é constituída por todas as manifestações humanas, aponta as relações tecidas nas condições históricas. Dessa forma, civilização e cultura não devem ser postas como forças contrárias, como oposição, mas é fundamental compreender que a produção civilizatória materializa o uso de recursos instrumentais que presentificam a intolerância a si própria. Portanto, o processo técnico transformou a cultura em indústria cultural, em produção de coisas. Legitima-se uma tensão entre cultura e ideologia, e a realidade apresentada aos indivíduos, na aparência, tornou-se falsa, opaca, sobre a égide de uma transparência que mascara ainda mais a cultura.

A expressão da liberdade que fala da liberdade de expressão, em outras condições históricas, foi muito suprimida, sendo possível a efetividade da cultura justamente no momento em que ela está colada imediatamente à ideologia vigente, não se diferenciando do existente. Passa a ser a reprodução ao que está solidamente instituído. A ‘utopia da liberdade de expressão’, de uma aparente autonomia que nega as condições materiais e confirma ainda mais a individualidade, não revela a realidade e ainda enaltece a apologia do mesmo. A cultura se transforma, paulatinamente, em ideologia, sendo o controle atualizado em diversas esferas, inclusive na vida privada, que é diluída na vida pública, como afirma Adorno (1998):

A cultura só é verdadeira quando implicitamente crítica, e o espírito que se esquece disso vinga-se de si mesmo nos críticos que ele próprio cria. A crítica é um elemento inalienável da cultura, repleta de contradições e, apesar de toda sua inverdade, ainda é tão verdadeira quanto não-verdadeira é a cultura. A crítica não é injusta quando destrói - esta ainda seria sua melhor qualidade – mas quando, ao desobedecer, obedece. (ADORNO, 1998, p.11)

A obediência cega instaura uma autonomia imediata que, ao contestar a realidade, opera na mesma lógica da barbárie e legitima a materialidade posta. A consciência singular é imanente à universalidade e ao entendimento da

particularidade. No contexto em que a cultura opera, o princípio de humanidade se distancia e se dilui na ideologia.

A cultura, que engendra as ações dos homens desenvolvidas no processo histórico, se constitui no cotidiano do indivíduo, no qual se instauram as possibilidades de experienciar a banalidade, a trivialidade, mas, ao mesmo tempo, de viver as condições de universalidade humana. Nesse sentido, é importante apreender as mediações psicossociais, que constituíram a formação dos graduandos em psicologia. Os meios de comunicação de massa são instrumentos fundamentais para tal entendimento. A preferência por determinados programas veiculados na televisão e por determinados filmes, o uso da internet, a identificação com uma determinada produção musical, o teatro e a leitura de uma determinada forma de literatura apontam o processo formativo dos formandos. Seguem as falas que apontam especificamente a relação dos mesmos com os programas veiculados nos canais televisivos:

Agora com relação á TV aberta eu não tenho muito contato, eu não gosto muito. É porque eles, eles trazem uma visão assim distorcida da realidade pra gente, apesar da TV fechada também trazer, mais eles trazem mais, eles trazem mais essa carga. Eu vejo muita manipulação da política em cima desses canais abertos. Então eu dou prioridade pro canal fechado. Só que esses canais abertos também eu pego, com é... eu me divirto assim no sentido de , eu... utilizo como lazer mesmo. Como eu já te falei antes a TV aberta pra mim é lazer. Agora a TV fechada e mais pra conhecimento mesmo. (Francisco)

Eu desenvolvi alguma coisa. Na república, não tinha TV no quarto. Aí tinha uma TV só na sala de televisão, e era uma dificuldade. Se pensa cem pessoas brigando por canais diferentes. Então, aí eu quase que não assistia. (Carla)

A televisão, enquanto um dos meios de comunicação de massa, evidencia o deslocamento das experiências que poderiam ser vividas no mundo público para a esfera da vida privada. É recorrente esse veículo de comunicação estar localizado nos interiores das casas, especificamente nos quartos, lugar de privacidade do homem moderno. Nesse sentido, os indivíduos recebem os conteúdos de forma passiva, estando a forma mais íntima do mundo privado veiculada ao mundo público fechado, no seu próprio mundo.

No que se refere ao uso da internet, os formandos evidenciaram o uso desse meio tecnológico como uma das formas de comunicação com outras pessoas e

também como fonte de pesquisa.

Não. Eu nunca gostei muito de orkut, de msn, de bate-papo não. Porque eu acho que expõe muito a vida da gente, né. É só um meio de pesquisa mesmo. (Flávia)

Eu uso como forma de me comunicar e de me aproximar de pessoas que eu tenho contato fora do computador também, tá. Eu acho que não tem ninguém que eu mantenha contato hoje em dia só por internet não. É mais por aí, e mais uma das formas que eu uso pra me comunicar com o meu círculo de amigos. (Karina)

A internet é um dos meios que também atualiza, ao mesmo tempo, o espaço público e o espaço privado. A relação estabelecida entre as pessoas ocorre num plano virtual, no qual os sentidos humanos, como a audição, a visão e o tato, estão limitados. Os formandos, ao utilizarem a internet, apontaram a necessidade de preservarem sua vida privada e, ao mesmo tempo, indicaram as facilidades que esse meio de comunicação possibilita, inclusive, no que concerne à pesquisa. Por outro lado, foi recorrente em suas falas a importância do contato com o outro, na realidade, em espaços que possibilitem a sociabilidade humana de forma efetiva. A história não é uma narrativa virtual, ela é história concreta, de homens concretos, de relações concretas, embora, na sua materialidade, constitua produções que presentificam essas mesmas relações no tempo e no espaço, de forma diferenciada, encurtando distâncias e repondo o isolamento.

A preferência por determinadas músicas também desvela a constituição da experiência formativa dos graduandos. O sentido mais aguçado no homem, ao ouvir uma música, é a audição, que abre possibilidades para a construção de imagens de forma mediata e não imediata, como ocorre na televisão e no cinema. Mas isso implica na forma e no conteúdo de uma determinada musicalidade. A audição regressiva engendra o sucesso comercial, a imediatividade e o embotamento dos sentidos humanos. A confluência do tempo, do passado, presente e futuro, se dilui num eterno presente, ausente de universalidade humana.

Colocam-se a serviço do sucesso, renunciam ao impulso insubordinado e rebelde que lhes era próprio, conjuram-se para aprovar e sancionar tudo o que um momento isolado é capaz de oferecer a um indivíduo isolado, que há muito tempo já deixou completamente de existir. Os momentos de encanto e de prazer, ao se isolarem, embotam o espírito. (ADORNO, 1980, p. 167)

Por outro lado, a música pode representar outra esfera de valores culturais. A

intensidade da produção musical pode tecer as experiências concretas e efetivas da e na condição humana. A música, na forma e no conteúdo, que materializa o fetiche, ameaça os valores culturais, que se transformam em mercadoria. A audição regressiva representa um obstáculo não só aos bens culturais, tal como apontou Adorno (1980), mas também à condição sagrada da música, que tece a sujeição e o recalque dos instintos mais primitivos do homem. Adorno (1980), ao narrar a produção de Mahler, enquanto emblema de uma possibilidade que tenciona a singularidade, a particularidade histórica e a universalidade, aponta a música como arte que atualiza o escândalo e o horror oculto na aparência de toda a estética musical burguesa. Sua produção atualiza uma sedimentação do absurdo.

Tal música consegue assumir os elementos depravados e formar um conjunto realmente novo, mas é incontestável que o seu material é tirado da audição regressiva. (...) A sua música dá forma àquela angústia, àquele pavor, àquela visão clara do estado catastrófico ao qual os outros só podem escapar regredindo. Chamam-lhes de individualistas, e, no entanto, a sua obra não é senão um diálogo único com os poderes que destroem a individualidade – poderes cujas “sombras monstruosas” se projetam, gigantescas, sobre a sua música. As forças coletivas liquidam também na música a individualidade que já não tem chance de salvação. Todavia, somente os indivíduos são capazes de representar e defender com conhecimento claro, o genuíno desejo de coletividade face a tais poderes. (ADORNO, 1980, p. 191)

Embora a audição regressiva não aponte a liberdade e a autonomia humana, é, por dentro dessa lógica, possível apreender a produção de sentido que possibilite estranhar o que está solidamente instituído, o que implica em formação. As falas dos formandos evidenciam, de certa forma, essa possibilidade, inclusive de articular o trabalho do psicólogo com a produção musical.

Música é muito importante assim, sabe, em todos os sentidos, eu acho que ela, principalmente para um profissional da Psicologia, a música é um recurso muito saudável, em se desenvolver uma sensibilidade maior, né, pra essas questões humanas, pra esses conflitos. Então quer dizer hoje nós temos a músicas que podem ser ditas, expressadas, sublimadas. Então eu tento relacionar isso, inclusive, no trabalho direto com a Psicologia. A música ficava evidente que dentre as demais atividades era as que mais despertavam interesse das crianças, sensibilizava mais. E eu acho que essa questão auditiva, né, a música, ela proporciona um estado alterado de consciência, uma percepção diferenciada que é fundamental pra um desenvolvimento humano mais saudável, né, inclusive mais sensível também. (Neruda)

Nesse sentido, ficam expostas as preferências dos formandos por determinadas produções musicais, que revelam as tendências das condições

efetivas postas nesta sociedade.

Adoro, gosto muito de música. Me faz muita falta se eu não tiver algumas músicas que eu tenho ouvido assim, por exemplo, as músicas que eu tenho gostado nessa época, se eu não tiver.....Eu uso música pra tudo assim, pra trazer um sentimento ruim à tona, pra comemorar alguma coisa. Eu ouço quase todos os tipos de música, eu não separo muito. É, por exemplo, eu ouço sertanejo até porque a minha família toda ouve, mas eu procuro ouvir as que têm umas letras mais legais assim. Tipo, acho que Cristian e Ralf que tem um pouquinho disso. (Karina)

A música, por aguçar a audição, permite atualizar o lapso do tempo, o passado no presente, permite confluir a memória da experiência vivida não só enquanto nostalgia, mas enquanto experiências ontológicas, que tecem com singularidade numa determinada particularidade histórica. Tal fato implica nas identificações construídas entre as pessoas e também entre os lugares exclusivamente humanos, como uma morada, capaz de conferir ao homem um sentido de pertença, de acolhimento e uma identidade singular que ele pensava ter perdido, enfim as relações concretas que as constituíram.

Música sempre. Desde criança assim, a minha relação com a música era muito forte. Era não, é muito forte ainda. Quando eu era menor eu escutava muito os cds assim, os discos do meu pai, os vinis. Ele gostava de música clássica, sempre tava ali acompanhando música clássica. (Murilo)

Então, música eu escuto mais são os flash back dos anos 80, e realmente é a questão dessa melancolia da época, dessa época repressiva e tudo. Ela ficou marcada pra mim, porque eu vivi um pouco também disso. Eu gosto é daquela música assim mais rebelde, aquela música que traz, que tenta expulsar pra fora esse, esse ser humano que era reprimido na época. (Francisco)

Benjamin (1980) afirma que a experiência está intrincada com conteúdos vividos no passado singular, mediados na memória, com os do passado coletivo. Tece, inclusive, a conjunção de gerações, mas as informações que remetem ao passado nada conservam dele. O acontecimento se torna efêmero, há uma emancipação da vivência, uma reposição do mesmo. Nesse sentido, a memória, segundo Benjamin (1980), se transforma em lembrança voluntária, em que os conteúdos conscientes são atualizados e os inconscientes continuam latentes, na presença de impressões isoladas. De acordo com o autor, “a memória é essencialmente conservadora, a lembrança é destrutiva”. A figura emblemática do

narrador, na sua materialidade, confirma a tese benjaminiana sobre a importância da memória na construção da experiência.

Quando alguém faz uma viagem, então tem alguma coisa para contar, diz a voz do povo, e imagina o narrador como alguém que vem de longe. Mas não é com menos prazer que se ouve aquele que, vivendo honestamente do seu trabalho, ficou em casa e conhece as histórias e tradições de sua Terra. Se quer presentificar estes dois grupos nos seus representantes arcaicos, então um está encarnado no lavrador sedentário e o outro no marinheiro mercante. De fato, os círculos vitais de ambos, de certo modo, produziram sua própria linhagem de narradores. Cada uma delas conserva algumas de suas características ainda em séculos bem posteriores. (BENJAMIN, 1980, p.57)

Portanto, a experiência é tecida somente na esfera cultural e, quando o distanciamento dessa esfera se dá, emerge a dimensão do belo, o valor intrínseco cultural da arte, em que o fascínio e o horror aos conteúdos desconhecidos, na sua forma imediata, se instauram, possibilitando, assim, a expressão da universalidade humana posta na mediação. Por outro lado, a produção da indústria cultural repõe as vivências isoladas e transforma o acontecimento em fatos desprovidos de história, empobrece as experiências. A informação é abreviada, descartável, não tece correspondência entre as notícias que ordenam o cotidiano, é higienizada e fugaz, ela se dá pela sensação e a atrofia dos sentidos.

No entanto, é no cotidiano ideologizado, que infere à cultura uma repetição do mesmo, alienando os indivíduos e impossibilitando-os de viver seu caráter universal, que pode emergir a possibilidade de autonomia. Decodificar a relação entre os acontecimentos, estabelecer uma unidade de coesão entre uma informação e outra, a partir da materialidade, implica em formação.

O cinema é também um dos meios de comunicação fundamental no mundo moderno. A produção dos filmes implica na mesma lógica da materialidade deste mundo, uma produção em série que remete, inclusive, à produção dos mecanismos psíquicos que constituem o indivíduo. O cinema, na sua materialidade, atualiza os lapsos de linguagem, por aproximar das condições efetivas as cenas realizadas por cortes, bem como ocorre na fala, abrindo, assim, uma perspectiva profunda para se apreender o psiquismo humano. Segundo Benjamin (1980), o cinema enriqueceu o entendimento do inconsciente no vasto fluxo das coisas percebidas, por meio de seus métodos concretos, e ampliou a esfera da análise freudiana.

Alargando o mundo dos objetos dos quais tomamos conhecimento, tanto no sentido visual quanto no sentido auditivo, o cinema acarretou, em consequência, um aprofundamento da percepção. E é em decorrência disso que suas realizações podem ser analisadas de forma bem mais exata e com número bem maior de perspectivas do que aquelas oferecidas pelo teatro ou a pintura. Com relação à pintura, a superioridade do cinema se justifica naquilo que lhe permite melhor analisar o conteúdo dos filmes e pelo fato de fornecer ele, assim, um levantamento da realidade incomparavelmente mais preciso. (...) Graças ao cinema – e aí está uma das suas funções revolucionárias – pode-se reconhecer, doravante, a identidade entre o aspecto artístico da fotografia e seu uso científico, até então amiúde divergentes. (BENJAMIN, 1980, p. 22)

A produção cinematográfica permite instaurar mecanismos que possibilitam a crítica revolucionária das concepções antigas de arte. O como se fosse, a imitação mediada na sua interioridade e exterioridade, característica fundamental de todas as produções artísticas, *não* está presente no cinema de forma imediata. Portanto, os movimentos das cenas possibilitam abrir um vasto campo, o qual não era possível se imaginar antes no cinema. O espaço e o tempo se alargam e o efeito do movimento assume novas dimensões, que escapam à percepção imediata.

Fica bem claro, em consequência, que a natureza que fala à câmara é completamente diversa da que fala aos olhos, mormente porque ela substitui o espaço onde o homem age conscientemente por um outro onde sua ação é inconsciente. Se é banal analisar, pelo menos globalmente, a maneira de andar dos homens, nada se sabe com certeza de seu estar durante a fração de segundo em que estica o passo. Conhecemos em bruto o gesto que fazemos para apanhar um fuzil ou uma colher, mas ignoramos quase todo o jogo que se desenrola realmente entre a mão e o metal, e com mais forte razão ainda devido às alterações introduzidas nesses gestos de flutuações de nossos diversos estados de espírito. É nesse terreno que penetra a câmara, com todos os seus recursos auxiliares de imergir e de emergir, seus cortes e seus isolamentos, suas extensões do campo e suas acelerações, seus engrandecimentos e suas reduções. Ela nos abre, pela primeira vez, a experiência do inconsciente visual, assim como a psicanálise nos abre a experiência do inconsciente instintivo. (BENJAMIN, 1980, p. 23)

Baudelaire (1995), poeta francês, apontou os impasses do mundo moderno, das produções da modernidade que atualizam os mecanismos de projeção, conceito já desdobrado pela psicanálise, que se refere também à própria produção cinematográfica. O poeta, em suas construções poéticas, expõe as contradições deste mundo.

(...)E vou deitar, orgulhoso de ter vivido e sofrido em outras criaturas. Agora, haveis de perguntar-me: - 'Estás certo de que essa história seja a verdadeira? Que importa o que venha a ser a realidade colocada fora de mim, se ela me ajudou a viver, sentir que sou, e o que sou. (BAUDELAIRE, 1995,p. 325)

Nesse sentido, os formandos em psicologia revelaram, em suas falas, as implicações que o cinema atualizou em seu processo formativo, enquanto possibilidade de refletir sobre as condições postas na materialidade, tanto nas suas singularidades quanto na particularidade histórica. A produção cinematográfica aponta as possibilidades de se apreender essa realidade, tecida dentro dessa mesma lógica.

Amo cinema (risos). Mas não pergunta nome de ator (risos), desses atores, esses trem não, não pergunta não, nem diretor. O filme que, eu não assisti não foi no cinema, foi até uma professora.....de.....qual foi a disciplina gente? Com a professora do nosso curso aa Pamela ela passou, de psicanálise. Ela passou esse filme e eu assisti e até hoje eu nunca esqueço desse filme, o tanto que foi fantástico. Que é as Horas. (Luciana)

Eu geralmente eu gosto de usar os filmes também pra ver o meu limite e a minha opinião sobre as coisas. E assim pra ver se eu me coloco em situações, e vejo o que eu acho e o que eu sinto. Geralmente quando eu descubro, quando um filme me faz descobrir alguma coisa sobre mim que eu não sabia, aí pra mim é um filme ótimo. (Karina)

Ficou evidente, nas falas dos formandos, que o cinema permite uma apreensão crítica da realidade. Portanto, o sujeito se funda no limite privado de sua própria existência, em sua interioridade. Foi recorrente também, nos relatos dos graduandos em psicologia, o quanto a produção cinematográfica aguça o sentido da visão e as construções imagéticas que são dadas na sua imediaticidade. Nas reflexões benjaminianas sobre a Paris de Baudelaire, estão postos o tema:

Na grande cidade, os olhos perdem a capacidade de olhar; Baudelaire descreve olhos " dos quais se poderia dizer que perderam a capacidade de olhar. Pode-se dizer que tanto mais subjugante é um olhar, quanto mais profunda é a ausência de quem olha. (MATOS, 1999, p.115)

As condições materiais que organizam o cinema possibilitam aos indivíduos assistir aos filmes em um espaço público. Embora a tela cinematográfica atualize o distanciamento do público, as pessoas, ainda assim, podem compartilhar umas com as outras as sensações, os choros, os risos, os gestos que o filme desperta. Por outro lado, é recorrente, na modernidade, os indivíduos assistirem aos filmes em suas casas, na esfera da vida privada. Há um deslocamento produzido em todos os meios de comunicação, nos quais a tendência é reduzir os espaços do mundo público para o mundo privado. Os homens estão separados uns dos outros e de si mesmo.

Alguns filmes eu faço questão de ver no cinema. Mas a maioria, computador. (Murilo)

Mas é aquela velha história assim, eu não tenho tempo, eu sou mais de ver filme em casa. Porque cinema eu vou muito pouco em relação assim às outras pessoas. (Poliana)

O cinema, no mundo moderno, alcançou uma expressividade inimaginável. Inicialmente, permitiu às pessoas compartilharem os mesmos espaços, exigindo o filme, do público, um esforço maior de atenção para ser apreendido. Nesse sentido, a massa é matriz em que se pode construir um novo sentido em relação à arte, embora a contradição se faça presente: a multidão busca a diversão, mas a arte exige a concentração.

Olha tem um filme que eu considero muito importante, inclusive a formação psicológica que... O filme "Sonho de Akira Colossala", eu acho que é um filme de relevância. "O laranja Mecânica" também do Kubrick e... Entre outros, né. Do Tarantino, do Antonioni, desse pessoal que eu acho que faz uma crítica social de uma forma muito sensível, né, muito poética inclusive, eles conseguem trazer isso, traz essa criação. Uma linguagem também cinematográfica mais refinada, né. TV é essa linguagem assim tão didática né, que considera o telespectador como um bossal, que ele tem explicar tudo. E não tem que explicar tudo. O cinema é uma arte e como arte ele permite qualquer coisa né. E quanto a isso eu acho que pode deixar o telespectador ter a liberdade pra interpretação, né. Talvez um cinema mais artístico permita isso. Algo que permita o telespectador uma relação mais ativa com aquilo e menos passiva, né, de apenas absorver verdades e construções pré-prontas assim. (Neruda)

Mas o homem que se diverte, ao mesmo tempo em que se distrai, pode incorporar hábitos, valores e costumes. Enfim, é fundamental para a produção cinematográfica chegar a contento, pouco a pouco, transformando-se em arte e possibilitando, assim, um modo de percepção diferenciado.

Por essa espécie de divertimento, pelo qual ela tem o objetivo de nos instigar, a arte nos confirma tacitamente que o nosso modo de percepção está hoje apto a responder a novas tarefas. E como, não obstante, o indivíduo alimenta a tentação de recusar essas tarefas, a arte se entrega àquelas que são mais difíceis e importantes, desde que possa mobilizar as massas. É o que ela faz agora, graças ao cinema. Essa forma de acolhida pela seara da diversão, cada vez mais sensível nos dias de hoje, em todos os campos da arte, e que é também sintoma de modificações importantes quanto à maneira de percepção, encontrou, no cinema, seu melhor terreno da experiência. Através do seu efeito de choque, o filme corresponde a essa forma de acolhida. Se ele deixa em segundo plano o valor de culto da arte, não é apenas porque transforma cada espectador em aficionado, mas porque a atitude desse aficionado não é produto de nenhum esforço de atenção. (...) Aí está, evidentemente, a realização perfeita da arte pela arte. Na época de Homero, a humanidade oferecia-se, em espetáculo, aos

deuses do Olimpo: agora, ela fez de si mesma o seu próprio espetáculo. Tornou-se suficientemente estranha a si mesma, a fim de conseguir viver a sua própria destruição, como um gozo estético de primeira ordem. Essa é a estetização da política, tal como a pratica o fascismo. A resposta do comunismo é politizar a arte. (BENJAMIN, 1980, pp.26-27)

O teatro também possibilita aos indivíduos desenvolver a sensibilidade, sua capacidade crítica. Dessa forma, o teatro, na sua materialidade. Permite. Inclusive. uma aproximação com o público. O cenário é vivo, na medida em que os atores estão presentes na cena, diante do público, o que não requer a mediação dos mesmos mecanismos que ocorrem na televisão e no cinema. O tempo e o espaço são produzidos no momento em que o espetáculo está acontecendo. O como se fosse do cenário, dos atores, não oculta a realidade, mas revela a produção, tanto na forma como no conteúdo, condições efetivas em que foram criados. O caráter lúdico do teatro permite ao ator brincar com a irrealidade da ilusão, dando sentido à ingenuidade da não-ingenuidade, de apresentar a aparência no como se fosse e não naquilo que é. O teatro é uma das produções artísticas mais antigas da humanidade, o que possibilita apreender a universalidade da condição humana na sua historicidade. A máscara que reveste o rosto dos atores, na representação, aproxima o orgânico do inorgânico, o efêmero e o eterno coincidem, criando-se, assim, o rosto do personagem.

A máscara, como réplica inorgânica do rosto orgânico, tende a constituir-se como unidade e também como identidade do vivo com o morto, do ser com o nada. Daí o culto barroco da ruína e dos escombros – o que resiste à destruição. Em toda máscara há essa contemporaneidade do rígido e do móvel, uma síntese de natureza sincrética: a máscara é inquietante porque, ao mesmo tempo, é fixidez da morte, inexpressividade, e também comunica-nos algo sempre novo, mostra-nos uma identidade cambiante e imprevisível, mostra escondendo e esconde mostrando, com a mesma aparência, mas nunca idêntica a si mesma. (MATOS, 1999, p.119)

Os formandos em psicologia apontaram, em suas falas, a importância do teatro enquanto possibilidade de instaurar a experiência formativa, mas, por outro lado, a maioria deles não frequenta teatro.

No teatro, realmente a gente tá muito próximo assim. Então a gente participa inclusive. Então a gente tem esse, a gente vê manifestar nos artistas alguma coisa que se manifesta na gente, e a gente tem a possibilidade de falar isso. Porque lá a gente é muito próximo dos artistas, né. (Francisco)

Raramente. Teatro é muito raro. Nossa, eu ia mais na época de escola hoje não. É muito raro. A última vez que eu fui foi num festival, não sei se era bem um festival, tal. Eu nem lembro que peça era. Foi aqui em Goiânia no..... acho que no Cine Ouro. (Murilo)

O teatro possibilita a experiência formativa e tece a realidade da condição humana, aproxima o público da produção artística tanto na forma quanto no conteúdo. A tragédia e a comédia tecem uma narrativa em que o espectador participa do texto vivo e ganha expressão na performance dos atores. Há uma identificação mediada na aparência entre a história vivida pelos personagens e a própria história do público. Por isso, também o teatro é um elemento fundamental na experiência formativa.

A preferência por determinadas formas literárias também explicita o processo formativo dos indivíduos no mundo moderno. Trata-se de apreender uma esfera que tem, na sua materialidade, os processos de socialização. Nesse sentido, a literatura clássica tece, na construção dos seus elementos, uma narrativa diferente, constituindo, assim, as possibilidades da experiência formativa.

Os homens, ao viverem as contradições inerentes à sua própria condição singular e particular, atingem as possibilidades vitais da universalidade humana. É o entrelaçamento da matéria da vida vivida presente nessas formas literárias. A narrativa metafórica da literatura revela o cotidiano dos homens, os compassos da rota, o círculo dos rituais que os orientam nas cidades, desvelando, assim, sua totalidade. Por isso, a linguagem nos caracteriza como humanos. Sendo natureza que age, pensa e transforma a realidade, ela instaura o movimento do vir-a-ser como abstração da realidade concreta. Portanto, a linguagem é a contradição do mundo moderno, ao mesmo tempo em que é o seu ápice e sua destruição. As ruínas que emergem do caos urbano são materializadas nas palavras faladas, nas palavras escritas. A solidão, o amor e a dor são matérias vivas para o poeta. As metrópoles, com suas paisagens áridas, taciturnas, expressam a fugacidade da vida, o eterno e o efêmero, a transitoriedade.

Fixar residência no numeroso, no ondulante, no movimento, no fugidio e no infinito(...) ver o mundo estar no centro do mundo e permanecer oculto ao mundo(...) compará-lo a um espelho tão imenso quanto essa multidão: a um caleidoscópio dotado de consciência, que, a cada um dos seus movimentos, representa a vida múltipla e o encanto cambiante de todos os elementos da vida. (BAUDELAIRE, 1995, p.957)

Ao revelar a “caducidade do moderno”, a “perda da aura”, Benjamim, segundo Matos (1999), narra à experiência da pobreza. O paradoxo do tempo e do espaço expressa as ruínas, o que foi destruído pelos choques e envolve tanto a lembrança singular quanto as impressões minemônicas.

Esse momento de transitoriedade é o “ponto mais profundo para o qual a história e natureza se convergem”. A noção de transitoriedade da natureza é fonte de sofrimento, mas, ao mesmo tempo, porque sua essência é transformar-se, é fonte de esperança. (MATOS, 1999, p. 120)

Os formandos revelaram as afinidades com determinados gêneros literários, que indicam, por um lado, uma apreciação por narrativas que desvelam a universalidade humana e, por outro, livros com conteúdos “modernos”, que apontam a tendência contemporânea.

Machado de Assis é um cara que eu gosto muito de ler, porque ele conversa, ele mantém, é uma escrita diferente, um tipo de narrativa diferente. (Murilo)

Mas eu adoro Literatura, em especial, eu tenho um livro que eu aprecio muito que é os Cem Anos de Solidão do Garcia Marques. Eu acho que é um referencial da Literatura hispânica, né. E..., Bom, entre outros assim, como eu disse estou encarando muito a leitura Científica. Agora, que “eu estou me permitindo um pouco né,” A Divina Comédia do Mutantes”. (Neruda)

Eu gosto na verdade é de livro de história (risos), né. Eu gosto de ler Machado de Assis, eu gostei de ler Dom Casmurro que tem a Capitu, a historinha da Capitu. Eu gosto assim, não muito, não pratico muito a leitura, quando eu era mais nova eu praticava mais, agora eu estou cansada de ler. Depois que eu passei a fazer o curso de psicologia parece que eu me voltei toda assim pra psicologia, sabe, e acabei que não lia mais esses livros de literatura. Gostei de ler Helena também do Machado de Assis, só que assim eu achei muito complicado a linguagem (risos), tem coisa assim que eu não entendia muito bem, mas eu gostei. Mas o livro que eu mais gostei assim de todos que eu já li, foi o Capitães da Areia do Jorge Amado, gostei muito. (Maria)

Tem um, esse é um pouco ligado com psicologia, mas não é pra psicologia que eu li, acabei lendo como lazer, que é da Clarissa Píncola. Ela fala sobre.....é.....mulher lobo, como que é o título?.....Você não conhece esse não ? Na porção animal da mulher, é muito por aí. Ela conta histórias, histórias é..... um pouco baseadas na teoria junguiana, é por aí. (Karina)

Agora eu estou pensando em ler um livro, eu vou comprar (risos), eu ouvi falar e eu falei assim: eu acho que eu vou comprar. Ele chama: Mulheres ousadas chegam mais longe. Algo assim. (Luciana)

A literatura revela, tanto na forma quanto no conteúdo, narrativas

diferenciadas, em que as palavras são símbolos e códigos de um tempo. Desvela a rigor o belo, a composição que tece a experiência formativa.

Se com a palavra enigma somos conduzidos à de destino, é no sentido em que ele designa não o caráter inevitável do que acontece, mas seu caráter imprevisível (tanto na história individual quanto coletiva). A aura aparece em lugares e detalhes inesperados que são figuras de sua redenção. (MATOS, 1999, p. 121)

Nesse sentido, a linguagem e os costumes articulam a materialidade nesta sociedade e expressam as possibilidades da criação do espírito. O esvaziamento que hoje dilacera o nosso mundo não é produzido imediatamente pelos produtos da indústria cultural, mas por aquilo e por todos aqueles que se servem da indústria cultural sem refletir sobre seus conteúdos. Portanto, é possível apreender os acontecimentos sociais que instauram a perda da aura, a saber, a necessidade de aprisionar seu caráter único. A lógica que predomina é a transitoriedade e não a continuidade no tempo, a unicidade. Apropriar-se do momento sem remeter-se ao passado é abdicar da tradição, é abdicar do próprio homem, uma vez que sua história é esquecida. O passado se tece no presente e o presente é uma transição para o futuro. Obviamente, é fundamental refletir sobre as condições históricas em que os meios de comunicação foram produzidos, revelando-se, assim, a importância da experiência formativa nesta sociedade.

Por serem produção humana, a TV, o cinema, o teatro e a literatura permitem desvelar, a partir das falas dos formandos, o processo formativo dos mesmos.

As narrativas que seguem apresentam as análises subseqüentes, desvelando as mediações no que concerne à adesão dos formandos a determinadas práticas e teorias, a partir da realidade que constitui a subjetividade dos mesmos, a formação em psicologia. Enfim, a explicitação dessas mediações e a organização do texto a partir das categorias que as sintetizam são a proposta de desenvolvimento e conclusão deste trabalho.

As condições objetivas em que são produzidos e reproduzidos os sentidos acerca da formação e do trabalho são fundamentais para apanhar as mediações que constituem esse processo, no qual estão em causa as internalizações e objetivações que constituem os indivíduos. Jacoby (1977) aponta essa questão fundamental, quando retoma a concepção de Marx acerca do método dialético:

Esta frase, do jovem Marx, é muitas vezes citada: ser radical é ir até a raiz das coisas, e na raiz está o próprio homem. Neste nível, há pouca discordância entre Marx, os existencialistas e os liberais. Contudo, surgem diferenças fundamentais entre todos esses “humanistas”. Em resumo, está em questão a mediação. O caminho de volta desde o mundo das coisas até a fonte humana--o sujeito – não é, por assim dizer, uma linha reta. Se a realidade social deriva-se em última análise dos indivíduos, não é de maneira imediata; antes, ela tem uma tendência, um ímpeto, um peso próprios. Por esse motivo, ela tem ‘leis’ de desenvolvimento que não são idênticas às ‘leis’ da psique individual. Em face do mal-entendido tanto dentro como fora do marxismo, torna-se necessária aqui uma clareza absoluta; as leis do desenvolvimento social não são idênticas às leis das ciências naturais. O conteúdo das leis sociais não é a natureza, mas a *segunda natureza*; ou a história coagulada. As leis sociais são feitas pelo homem, mas também fazem o homem; são dialéticas, são ao mesmo tempo sujeito e objeto, nem totalmente um ou outro. (Jacoby, 1977, p. 72)

Dessa forma, o sentido produzido a partir dos relatos dos formandos em psicologia aponta a concepção do que seja formação, instigando um entendimento a respeito das identificações, inclusive passando pelas figuras substitutas. Nesse sentido, é desvelar as categorias que se entrelaçam, configurando a formação das histórias dos formandos em psicologia. Portanto, trata-se de desvelar a identificação que os concluintes do curso de psicologia constroem com determinados professores, aderindo também a certas teorias e determinadas práticas.

Está em questão a formação e o trabalho no sentido amplo, enquanto constituição subjetiva desses indivíduos e implicações postas na experiência formativa. Sendo assim, segue a exposição dos sentidos produzidos pelos formandos, no que se refere à constituição da subjetividade de cada um deles e o que isso implica na dinâmica de suas identificações.

Essas categorias se referem às produções dos sujeitos em relação aos núcleos temáticos propostos nesta pesquisa. Foi possível desvelar a subjetividade singular dos formandos a partir da objetividade que os constitui.

CAPÍTULO IV: FORMAÇÃO E SUBJETIVIDADE

O último capítulo expõe as falas dos formandos no que se refere à apreensão do processo de formação e da subjetividade dos mesmos. A análise das categorias permitiu esclarecer as questões implicadas na constituição do indivíduo, suas formas de sociabilidade e, concomitantemente, seu processo de formação. Para tanto, o material empírico está organizado a partir do entrelaçamento da história de vida e a vinculação com a formação operada no curso de graduação em psicologia. Essas categorias se referem às produções de sentido dos indivíduos em relação aos núcleos temáticos propostos nesta pesquisa: a constituição da formação e da subjetividade.

1) Karina

Karina estagiou na área clínica e teve como base teórica o psicodrama. A formanda relatou acerca de suas preferências por determinadas práticas e certas teorias. Nesse sentido, evidenciou-se a experiência formativa de Karina, apontando a constituição da formação a partir de suas identificações.

Eu acho que desenvolvimento é fundamental, mas não me ensinou muito. Eu acho que o tanto que é fundamental, acho que às vezes inclusive, eu percebo isso pelo tanto que me faz falta, que eu acho que são disciplinas assim fundamentais. É.....acho que as disciplinas de psicologia geral e experimental, foram fundamentais pra que eu tivesse clareza é, o quê que significa objetividade, o quê que significa o quê que é seu e o quê que é meu. Pra consegui olhar pra um fenômeno sem, não sem, mas tentar separar as coisas que existem nos fenômeno. Tentar, é, uma capacidade de observar as coisas assim com mais clareza. Porque eu acho que me ajuda muito, mesmo estando dentro de outro raciocínio de outra abordagem, me ajudou muito.

Karina pontua os motivos pelos quais escolheu a área clínica para realizar o estágio:

A área clínica?..... Eu tinha interesses em outras áreas, principalmente na escolar. Foi uma, não foi um mérito só da área não, foi mais uma congruência de fatores. Foi a Tânia, que eu passei a admirar muito no final do curso, porque eu queria aprender com a postura dela. Não tanto a abordagem, a abordagem acabou me seduzindo depois. Depois que eu tomei realmente o contato, porque eu não conhecia, eu não conhecia clínica quase nada. Aí eu falei: nossa, é interessante, realmente bati comigo também. Mas eu queria aprender da postura dela, eu queria ficar por perto e

eu queria aprender porque eu via nela realmente algo que eu vejo como uma psicóloga. Eu falei :não, pra mim psicóloga é assim e é assim que eu quero aprender a e é disso que eu quero aprender a me aproximar, dessa postura, como pessoa mesmo.

Com relação à escolha da teoria, o argumento se atualiza, apontando mais uma vez sua identificação com a supervisora que a acompanhou durante o estágio. Outro ponto considerado pela formanda foi à aproximação do psicodrama, a partir da fenomenologia, à abordagem gestáltica.

Foi como eu te disse, algo como uma consequência. Bom até eu entrar no estágio eu tinha assim, muito gosto e muita facilidade com a comportamental, tenho ainda, gosto ainda. Nenhum gosto, nenhuma intimidade com a psicanálise, inclusive uma dificuldade com a postura das pessoas que me ensinaram psicanálise. Pouco conhecimento de qualquer outra coisa. E um pouco de aproximação com a Gestalt. Através da aproximação com a fenomenologia eu percebi, e percebendo que Gestalt e Psicodrama ficavam muito próximas aí dessa visão mais humanista Eu...., e tendo algum conhecimento do Psicodrama, pelo menos sabendo do que o Psicodrama não se tratava, e tendo conhecimento do objetivo final do Psicodrama que era a espontaneidade. É, eu falei: não, Psicodrama pode ser uma boa experiência, porque eu achava que a comportamental ia me seduzir para posturas que eu não queria ter. Por exemplo, posturas mais rígidas, é.....eu achei que ela ia me levar para um lado que eu já tinha uma tendência a ir, que é o lado racional. Eu achava que eu precisava mais era trabalhar minhas emoções. Eu percebi isso quando eu tive algumas aulas com a Tânia. Eu falei: não, eu preciso é dessa facilidade de lidar com as emoções, eu não posso me deixar seduzir por algo que é uma facilidade que eu já tenho.

O culto às emoções se repõe. A abordagem behaviorista e o psicodrama são racionalidades que se complementam, segundo o entendimento de Karina. O foco do argumento está concentrado nas questões relativas às emoções, à espontaneidade referida diretamente ao indivíduo, mas que, ao mesmo tempo, implica na universalidade, enfatizando, assim, o caminho para o ser humano ser “saudável”.

Espontaneidade, foi.....Bem profundamente, eu fui fundo nisso assim. Como que eu explico? Eu fiz uma explicação, levei a espontaneidade até a questão universal dela, algo que tem a ver com as moléculas, com as menores partículas, que tem movimentos é com a unicidade com a individualidade do ser humano, de coisas assim bem básicas. Porque a minha intenção era justificar em primeiro lugar pra mim mesma, porque eu já enxergava isso, mas eu não tinha muita clareza, é a necessidade da espontaneidade. Então assim, ter clareza de algo que eu já vislumbrava e mostrar pra quem pudesse ler o meu trabalho essa ligação e, portanto, essa necessidade de ser espontâneo pra ser saudável.

Nesse sentido, a constituição da subjetividade de Karina passa pela

identificação com a supervisora, assim como por certas racionalidades postas nessa área de formação.

É muito mais uma postura de, uma, uma postura..... Uma postura, uma forma de viver, uma..... Eu acho que depende muito de habilidades pessoais. Tanto que eu vim parar no estágio com a Tânia, um dos motivos foi esse, a abertura dela com relação a outras coisas, pelo menos de deixar no ar, de falar: a, não sei muito bem. Ou então de dizer: é pode ser, a, isso encontra com aquilo com que aquele outro autor falou. E conseguir juntar as coisas. Porque pra mim é assim que as coisas deviam funcionar.

Nesse sentido, no que diz respeito à instituição família, Karina apontou a construção de seus vínculos e as implicações no que concerne ao processo dessa mesma construção.

Mas, é sempre foi um ambiente muito harmonioso, principalmente quando eu era criança e logo que os meus pais deixaram de conseguir ter uma harmonia dentro de casa, eles se separaram. As pessoas chegavam pra minha mãe e falava: vocês não brigam? Suas filhas não brigam? Que coisa esquisita é essa! A gente era muito companheira. Então eu acho que uma das coisas que marcam é isso. A gente sempre foi muito é, uma família muito reflexiva, assim, de pensar as coisas. Meu pai e minha mãe têm ambos essa postura. Então eu diria que de certa forma eu já fui criada desde pequena um pouco psicóloga. Apesar da profissão deles não ter nada a ver, sempre foram voltados um pouco pra esse lado.

Em outro momento, Karina discorre sobre o “jeito de viver do pai”, que, segundo ela, sempre foi muito instável emocionalmente.

Eles se separaram e fizeram um acordo mesmo pra que depois o meu pai não ajudasse. Ele teve herança, ele tinha uma herança grande, mas nunca conseguiu, nunca conseguiu é.....aprender a ganhar dinheiro, digamos assim, sabe. Sempre foi muito instável emocionalmente. E foi perdendo dinheiro até que uma hora ele virou e falou assim: olha, eu vou comprar essa confecção pra você que é a área que você está, e eu vou te dar mais isso, isso e isso, e aí você cuida das meninas, porque eu,..... não dou conta,.....eu não tenho capacidade pra isso.

A intimidade é algo recorrente na fala de Karina. Embora, anteriormente, ela tenha afirmado que, quando começou a haver conflitos entre seus pais, eles não conseguiram manter um relacionamento. Para Karina, intimidade está vinculada ao aprofundamento das relações entre as pessoas.

Assim contato com a natureza também, eu tenho uma calma sempre, que eu acho que vem muito disso. É, foi um trauma pra mim. Quando eu me mudei pra cá. O social sempre foi algo complicado e eu acho que com raiz

nisso assim, é algo que me marca. No primeiro momento o social é difícil por conta de ter saído da fazenda e vir morar na cidade e depois em vários, nos mais variados ambientes. Pra mim sempre foi mais fácil lidar, estar num ambiente com menos pessoas, de quem, e até criar intimidade com alguma pessoa que eu não conhecia antes, mas criar intimidade pra mim é fácil. Agora manter um relacionamento social mais superficial pra mim sempre foi muito difícil.

De acordo com Karina, não há vinculação entre religião e psicologia, mas, ao mesmo tempo, ela associa as questões religiosas às psicológicas, inclusive recorrendo a termos da física quântica. Tanto que, ao discorrer sobre o tema do seu artigo, utiliza termos como moléculas e menores partículas. Há uma vinculação implícita entre o que ela chama de espiritualidade ligada à natureza e a forma como a mesma internaliza e externaliza o conhecimento psicológico. Nesse sentido, a adesão inicial de Karina ao positivismo e, posteriormente, ao psicodrama, que tem como pressuposto o mundo das emoções e a espontaneidade, pode ser unificada.

Eu tenho uma forma de explicar isso, assim, mas muito com base no ser humano mesmo. Eu acredito numa força nossa que a gente não conhece. Mas uma força muito, até biológica, uma coisa assim muito, materialista talvez. Sabe, em termos de ser algo sólido mesmo. É, e aí é por aí. Eu confio, eu acho que o meu Deus seria a natureza. Eu confio muito no poder do ser humano e deixo essas outras coisas.

Para Karina, formação humana significa criar condições que instaurem o bem-estar para as pessoas, possibilitando, inclusive, a redução do seu próprio estado de angústia.

Então falei bom: se eu mudar dez pessoas na minha vida ou o que seja (risos), eu vou estar fazendo alguma coisa, não vou ter que me sentir mais tão angustiada com tudo de ruim que acontece no mundo. É trabalho de formiguinha, mas é o único que eu consigo ver que realmente vai fazer a diferença. Porque as pessoas mais felizes, elas passam a modificar o mundo. Se você modifica um, ele vai e modificar mais dez.

Enfim, Karina revela as contribuições fundamentais para a sua formação em psicologia.

Meus pais e a concepção deles de todas as coisas. ÉAs minhas experiências. A minha atenção as minhas experiências e as experiências dos outros. O meu hábito de observar e de refletir sobre o que acontecia a minha volta e dentro de mim. E por fim, em cima dessas duas, as teorias que eu aprendi, mas principalmente essas teorias através das pessoas com quem eu convivi. Não muito a questão no papel, mas como aquilo me foi passado por profissionais que eu admirava ou não.

2) Neruda

Neruda realizou estágio na área clínica e buscou seu referencial teórico na psicanálise. Posteriormente, seguem as mediações que constituíram a subjetividade de Neruda:

Ficou explícito, a partir das afirmações de Neruda, que sua experiência formativa foi marcada por questionamentos, buscando constituir sua trajetória a partir das identificações com determinadas teorias e, particularmente, com o trabalho com crianças e o atendimento clínico. A partir dos relatos de Neruda, foi possível apreender que as identificações com determinados professores foi algo secundário na sua formação, embora, no final da entrevista, ele dê indícios da importância que alguns docentes tiveram na sua formação. E, ainda, Neruda discorre sobre as disciplinas fundamentais durante a graduação.

Eu posso falar que, de modo geral, é várias disciplinas me marcaram é, de forma mais ou menos positivas também, né. Com as disciplinas behavioristas, eu tive conflitos muito grandes assim. Então me marcaram de forma negativa, porque eu não concordava com aquilo, não gostava, não aceitava, havia uma imposição acadêmica, né..As abordagens psicanalíticas me causaram uma impressão muito boa, não é à toa que hoje eu trabalho com psicanálise, né. E de um modo geral essas disciplinas me desenvolveram interesse de trabalhar com a psicanálise. É..... As disciplinas como Psicologia do Trabalho, por exemplo, na Organizacional, eu pude diminuir o preconceito que eu tinha com relação a Organizacional que era muito grande, sabe. Então, isso era uma coisa que não me interessava, sabe. Trabalhar dentro dessa perspectiva. Mas depois eu pude amadurecer um pouco essa visão é com um professor muito bom, aí, é, com o Carlos, Psicologia do Trabalho. Então, ele me mostrou outras perspectivas e das limitações disso também, do que a gente não consegue fugir mesmo tentando desenvolver um trabalho diferente em cima disso, daí. E... Eu acho que as disciplinas foram essas. Na comunitária, eu pude aprender um pouquinho daquilo ali também, e vivenciar, de alguma forma esse contexto.

Ao argumentar sobre a escolha da área clínica para realizar o estágio, Neruda aponta a relevância de atuação na mesma, inclusive para trabalhar em outras áreas. Segundo ele, a experiência clínica possibilita ao psicólogo desenvolver uma capacidade técnica e consistência teórica para compreender a subjetividade humana. Portanto, ele não menciona as diferenças qualitativas da formação em clínica. Aponta somente os aspectos quantitativos, ao afirmar que, na área clínica, se concentra o maior número de estagiários. Para Neruda, a clínica psicológica é fundamental para a formação do profissional em psicologia. Ficou implícita também a diferença que ele faz da escuta clínica e a atuação na clínica, ao dizer que a

atuação na mesma é importante, inclusive para atuar em todas as áreas e não somente na clínica.

Olha, porque a Clínica. Porque eu acho que o profissional em Psicologia que não tem experiência Clínica, ele é um profissional incompleto em Psicologia. Porque mesmo quando você vai atuar nas organizações, na Psicologia Comunitária fica pressuposto, inclusive, no imaginário daquelas pessoas que você tem habilidades Clínicas. E o Psicólogo que não desenvolveu a habilidade de acessar a subjetividade do sujeito e compreendê-lo segundo essa sensibilidade e com a consistência técnica de determinada abordagem, eu penso que ele é um profissional muito limitado. É, fica complicado falar nisso né, porque perpassa também o gosto de cada um e as identificações e tal. Mas acho que a Clínica em Psicologia, eu acho que isso é até revelado por um número muito maior de graduandos que optam pela Clínica do que pelas outras abordagens.

De maneira particular, Neruda assume uma posição crítica em relação aos sentidos produzidos sobre a relação imediata entre psicologia e a área médica, ficando evidente no relato que segue:

Mas é, eu acho que diante da predominância de um modelo médico em determinado dos demais modelos da saúde, do modelo positivista que inclusive é o modelo predominante nas ciências médicas e que eu acho que a psicologia fica sempre ali, sabe, correndo atrás do seu espaço nessa área médica, quase sempre renegada, mal dita, mal falada. Então a gente, com esse termo talvez, ele vem embutido de uma sensibilidade, humana, no sentido de colocar em questão essa interioridade, essas representações, sabe, quase sempre contida, a psicologia mais sofrida, mais dolorosas em detrimento dessas outras questões, quer dizer, até uma psicologia mais contida de uma forma tão fria. E, porque a Abordagem predominante é o Behaviorismo. E eu tive muita dificuldade com isso, principalmente nos primeiros períodos do curso onde as abordagens são predominantemente positivistas, dos PGES da vida. Eu tive muita dificuldade. Entrei num conflito terrível, inclusive, a ponto de pensar em parar o curso, porque eu não suportava cursar essas disciplinas, sabe. Isso vai contra a minha concepção de humano, a minha concepção de sujeito, as minhas concepções de transformação, de subjetivação, de como as pessoas se relacionam em sociedade. Então eu acho que isso daí ficou bem empobrecido durante toda a graduação, sabe. O que eu aprendi acerca disso é, foi, mais uma busca pessoal mesmo, sabe, é foi minha, meus critérios de investigação.

A escolha do referencial teórico é fundamentada a partir do entendimento que Neruda tem com relação às contradições próprias da condição humana, remetendo, inclusive, à compreensão que ele tem da sua própria história.

Bom, eu acho que a abordagem ela se relaciona a minha compreensão do humano assim, sabe, como o que eu percebo as minhas relações na sociedade, sabe. Como que eu, é identifico essas transformações, essas experiências mais sensíveis, subjetivas. E, necessariamente o inconsciente, né, que é o núcleo da abordagem psicanalítica. Então de alguma forma eu

concordo com isso, eu concordo que há algo mais do que simples relação de causa e efeito, estímulo, resposta e consequência. Então eu penso que há algo que está no nível do inconsciente, em um nível mais profundo, um nível que uma pessoa não tem consciência daquilo, de como ela está agindo, porque que ela está agindo, porque ela esta passando por um processo tal de angústia, conflito, sofrimento. Então eu acho que nesse sentido a abordagem que eu optei, que é a Psicanálise, se relaciona intrinsecamente com a minha compreensão do humano.

O entendimento de Neruda com relação à contradição humana é deslocado para as questões experienciadas dentro do próprio processo formativo.

Como eu te disse, foi uma tentativa de desmistificar um pouco o labor psicanalítico, o trabalho psicanalítico, o de como fazer, sabe, em psicanálise. A gente ouve tanto falar das, como eu já te disse, desses conteúdos metapsicológicos, dessa coisa abrangente em psicanálise, pouco relacionado com a prática Clínica na sala de aula. E eu quis colocar em xeque exatamente isso, a minha prática. Será que estou fazendo certo, será que eu estou fazendo errado. Como fazer? E pretendo desenvolver alguma coisa nessa linha, sabe, de verificar aí alguma coisa próxima da terapêutica essencial da clínica psicanalítica que é a interpretação.

Embora Neruda tenha uma crítica mais consistente com relação à condição humana, inclusive apontando algumas contradições existentes na *praxis* psicológica, ele afirma também que ser psicólogo é ter a capacidade de perceber o outro na sua experiência mais profunda por meio da linguagem, desconsiderando as condições materiais nas quais a mesma experiência é produzida.

Olha, ser psicólogo pra mim é algo muito importante, muito importante mesmo. Eu acho que é ser um agente transformador na sociedade, sabe. É ser um sujeito sensível capaz de perceber, vivenciar e dialogar as experiências humanas mais profundas, traumáticas, ambivalentes, contraditórias. E nesse sentido ser psicólogo.....É.....Estar aberto ao outro, sabe, ter a capacidade de perceber o outro na sua experiência mais profunda. Então eu acho que é isso, sabe. São relações humanas mais sensíveis em busca de transformações em direção ao vir-a-ser. Mas digno e mais humano, no sentido de conceber essas experiências ambivalentes da saúde e doença, da alegria e tristeza, é, da angústia e da ansiedade. Questões tão eminentes hoje na nossa sociedade, né, que se expressam, através do pânico, né, na hiperatividade nas crianças, do sujeito neurótico. Então eu acho que é isso, ser psicólogo é aquele capaz de..... Numa relação dialética perceber o outro e a si mesmo de uma maneira mais profunda.

A elaboração de Neruda no que se refere à teoria e à prática lhe possibilitam um entendimento da religião enquanto expressão humana. Por outro lado, Neruda, de certa forma, ao colocar as expressões humanas recorrentes nesta sociedade, reduz o indivíduo aos seus sintomas, a partir do momento em que as condições

existentes que produzem esses mesmos sintomas não estão presentes. E é nessa perspectiva que ele manifesta a importância das “transformações do vir-a-ser”, possibilitando, assim, o desenvolvimento da alteridade. A materialidade da vida, na forma como ela é produzida nesta sociedade, se faz ausente.

O formando aponta a relação entre psicologia e religião no que se refere à importância de respeitar as questões que o paciente traz para o setting terapêutico. Posteriormente, ele aproxima a psicologia a técnicas primitivas desenvolvidas por religiões, tal como o candomblé. Assim, Neruda evidencia suas argumentações no que concerne à aproximação entre psicologia e religião, pontuando ainda a necessidade de não abarcar técnicas e conceitos, que, segundo ele mesmo, não são aceitáveis para a psicologia enquanto ciência.

Entre Psicologia e Religião? Eu acho que tem uma aproximação, não sei se religião propriamente. Mas eu acho que a religião ela aparece na Clínica Psicológica, né. Ela aparece porque o sujeito ele vem de uma tradição religiosa, ele traz isso pra nossa Clínica. E como que a gente trabalha com isso? Trabalha com isso respeitando absolutamente a idéia religiosa daquela pessoa, né. Sem questionar, sem nada, a gente simplesmente aceita e considera aquilo dentro da nossa abordagem, né. E...Mas essa proximidade entre Psicologia e religião talvez se aproximasse mais dos estudos culturais antropológicos. Sabe, de uma forma mais científica. Talvez com Jung houvesse certa aproximação mais mística da religião, mas eu acho perigoso, sabe. Eu acho que a gente tem que ter muito cuidado nesse sentido, mas uma vez que a religião nos permeia, está aí no nosso meio social, sem dúvida ela tem uma relação intrínseca com a psicologia. E principalmente eu acho que tem a relevância na terapêutica primitiva psicológica, e aí eu me refiro a pajelança principalmente ou as curas nos terreiros de candomblé. E a partir daí eles constituíam talvez uma primeira terapêutica psicológica, né, primitiva. Nesse sentido, eu acho que a psicologia pode dialogar muito com a religião.

A história de vida de Neruda aponta uma identificação com a música, filosofia, a poesia, o trabalho com crianças e também com o atendimento clínico embasado na psicanálise, marcando, inclusive, uma experiência formativa que, de certa forma, estranha e questiona o *status quo*, mas, ao mesmo tempo, em alguns momentos, adere à realidade instituída. O formando revela em sua fala, inclusive, a impertinência de enfatizar o termo humanizado na terapêutica psicológica. A importância do entendimento da relação sujeito e objeto é explícito em suas afirmações, o que caracteriza a apreensão do método, tanto na forma como no conteúdo, e revela os nexos que constituem a realidade. A objetividade e a subjetividade são compreendidas a partir das categorias que evidenciam a relação

indivíduo e sociedade. O trabalho, a produção dos psicólogos e suas visões de mundo são caracterizados pela expressão objetiva daquilo que o homem está sendo em um dado momento histórico.

Quando a gente fala de psicologia, intrínseco, a gente trata de humano. É igual falar em tratamento humanizado. Poxa se o tratamento não for humanizado o que é em então? Né. Um tratamento desumanizado! Bom, então eu pensaria talvez lá na 2ª guerra mundial onde eles estavam incinerados pessoas, né. Eu acho que a psicologia intrinsecamente é uma abordagem humana. Talvez falar em atendimento humanizado é uma redundância em psicologia, né, é um exagero. Porque que a gente tá.....Então daí a gente tem que pensar, né, porque que a gente tem que destacar o humano. Porque talvez os nossos atendimentos psicológicos os que tratam de subjetividade humana estejam desumanizados, ou seja, perdemos o foco? Trabalhamos com o humano, investigamos o humano e agora nós temos que fazer um atendimento humanizado! Mas é, eu acho que diante da predominância de um modelo médico em determinado dos demais modelos da saúde, do modelo positivista que inclusive é o modelo predominante nas ciências médicas e que eu acho que a psicologia fica sempre ali, sabe, correndo atrás do seu espaço nessa área médica, quase sempre renegada, mal dita, mal falada. Então a gente, com esse termo talvez, ele vem embutido de uma sensibilidade, né, humana, no sentido de colocar em questão essa interioridade, essas representações, sabe, quase, sempre contida, a psicologia mais sofrida, mais dolorosas em detrimento dessas outras questões, né, quer dizer até uma psicologia mais contida de uma forma tão fria, né. No behaviorismo com essa questão de estímulo-resposta-consequência, né. Pêra aí né. Na abordagem psicanalítica também, né, com aquela questão do psicanalista tão ali distante, né, como um ser supremo, capaz de errar as interpretações acerca da psique do sujeito em questão, né. Eu falei que em psicologia não há validade alguma, muito pelo contrário o que há é uma relação de intersubjetividade. E dentro dessa relação e que vai se constituir as transformações em direção ao vir - a - ser, né. E nesse sentido devemos pensar numa dialética do trabalho psicológico. E a partir daí, talvez, no futuro nós possamos deixar de lado a redundância do trabalho humanizado.

Por fim, Neruda apontou as contribuições fundamentais para sua formação em psicologia, inclusive discorre sobre a importância da supervisora. Ele enfatiza também a necessidade do formando em psicologia estar fazendo análise com o intuito de compreender melhor seus próprios conteúdos e assim desenvolver melhor seu trabalho. Relatou a relevância de compreender a própria subjetividade, pois as mesmas indicam o porquê das escolhas feitas durante a vida.

Olha, eu acho que na minha formação em psicologia, eu deveria falar (risos) em primeiro lugar da minha própria subjetividade, que foi ela que conduziu as minhas escolhas. Eu tenho um apreço muito especial com trabalho com crianças. E acho que esse estágio foi algo assim muito importante, sabe, porque me permitiu esse contato direto com as crianças, né, ainda não de forma Clínica e sim de uma forma mais educativa, pedagógica como era o contexto da creche. Mas me permitiu muito vivenciar muito o ser criança, né. E depois eu acho que muitas coisas contribuíram para a minha

formação, desde as disciplinas. Eu acho que antes das disciplinas é o contato com os colegas, sabe, o contato com os amigos da psicologia, os diálogos, os debates, entendeu. E mais uma identificação aqui e outra ali com alguns professores e algumas disciplinas, né. E especialmente o meu estágio em psicologia aqui no CEPPI, que foi um período muito especial. Eu tive a honra e o privilégio de ter tido como orientadora a Lúcia e a Gláucia. Então eu aprendi muito, de uma maneira muito especial, com duas pessoas muito especiais. E também não posso esquecer-me da minha análise pessoal. Estar vivenciando isso também, inclusive, como uma forma de aprendizado, né. Porque obviamente quando a gente vai lá, a gente aprende também o como fazer, uma vez que há um profissional lá, há trabalho. E mais do que isso você tem como perceber suas fantasias, seus desejos, né, seus conflitos, a sua subjetividade, a sua interioridade.

3) Francisco

Francisco realizou o estágio na área clínica. Seu referencial teórico foi a fenomenologia. A experiência formativa de Francisco, a partir de suas falas, relevou sua identificação com a área organizacional, embora não tenha nela realizado seu estágio. Revelou também suas afinidades com certas disciplinas.

Pra mim foi uma disciplina que se chama desenvolvimento. Então eu vejo que eu aprendi um pouco, um pouco a mais com elas. É porque eu pude perceber algumas outras visões de alguns outros autores diferentes desses que depois a gente cansa de ver. E lá eu vi um pouquinho da diferença, um pouquinho de autores diferentes.

Posteriormente, Francisco argumentou o motivo pelo qual escolheu a área clínica para realizar seu estágio. Segundo ele, a clínica é o campo de atuação mais nobre da psicologia, embora sua primeira opção fosse a organizacional, até porque já havia trabalhado em uma empresa na área de seleção de pessoas. Nesse sentido, Francisco relatou a importância da experiência na área organizacional, que possibilitou a transferência da mesma experiência para a atuação na clínica. Vale ressaltar que a mesma lógica que organiza o mundo administrado é deslocada para a clínica. O estado de indiferenciação, no que concerne à área, é deslocado também para a escolha do referencial teórico. Francisco afirma que a fenomenologia, enquanto “abordagem”, possibilita a busca do conhecimento em outras teorias. Argumentou que a escolha da abordagem fenomenológica tem a ver com o fato dele não conseguir ficar preso somente a uma teoria, evidenciando assim a rigidez de outros referenciais e a “flexibilidade” da abordagem fenomenológica.

Bem foi realmente o que me motivou no estágio, estágio não, que me motivou no curso foi eu saber que tinha essa possibilidade em clínica, inclusive, é a mais nobre da psicologia. Então antes de fazer o curso eu já tinha o interesse na clínica em psicologia. Só que no momento de fazer as

escolhas, eu estava mais voltado para a psicologia organizacional. Aí na última semana, semana de fazer as inscrições, aqui no Cepsi, eu mudei de idéia. Então realmente essa parte de seleção ela traz pra gente alguma coisa de clínica. Essa relação do contato da pessoa, da pessoa com o selecionado, é porque eu não gosto muito da palavra paciente, eu não gosto, eu evito falar. Mas então a gente, a gente aprende muito com outras abordagens diferente daquela que a gente tá seguindo. Acho que tudo é uma carga, a gente vai juntando as pecinhas e vai se encaixando. Eu sempre busco formas diferentes, inclusive, na abordagem. A própria abordagem, na fenomenologia. Mas também tenho um pouquinho de conhecimento com relação ao psicodrama, que já é outra abordagem. Também a psicanálise e também a comportamental. Então eu acho que eu aprendi muito com as abordagens.

A partir das afirmações de Francisco, ainda sobre a fenomenologia, ficou explícito que o todo, em seu entendimento, se transforma em tudo, justificando assim sua afinidade com esse referencial teórico. Em nenhum momento Francisco faz referência à fenomenologia como eixo epistemológico, mas é recorrente em suas falas mencioná-la como abordagem. Fica implícito o desconhecimento de Francisco no que se refere à questão dos métodos.

E porque eu acredito que ela abre como eu já falei uma gama de informações e de esclarecimento acerca do homem e dos objetivos da psicologia também, que é conhecer esse homem de perto. Então a fenomenologia me mostrou que é possível conhecer esse homem e explorar esse homem em suas possibilidades, ou seja, na totalidade desse homem. E não priorizando alguns aspectos como é priorizado, por exemplo, na comportamental. Eu não estou dizendo que eu sou contra, que eu já disse que eu tenho afinidade também com ela. Só que minha maior afinidade é com a fenomenologia. Por isso, por enxergar esse homem de forma total, de forma holística.

Francisco afirmou que a escolha do supervisor foi aleatória. Mas, por outro lado, relatou que havia escolhido uma pessoa para acompanhá-lo durante o estágio, mas não deu certo. O supervisor que ele escolheu se aposentou no momento em que ele o estava realizando. Vale ressaltar que o pai de Francisco também estava se aposentado nessa época.

Essa escolha de supervisor pra mim foi aleatória. Porque eu tinha escolhido um supervisor, só que não deu certo. Porque ele priorizou alunos dele anteriormente. E eu não tinha sido aluno dele ainda, que era o professor Tamires. Só que depois que eu comecei fazer com a Carmem eu ia mudar pra ele, que eu realmente eu fiz uma amizade com ele. Fiz uma disciplina com ele. Então eu tinha uma ligação com o Tamires. Só que ele aposentou. Aí eu fiquei com a Carmen e não me arrependi e gostei muito, gostei muito. Aprendi muito com ela. Eu acho que foi até melhor eu ter feito com a Carmem mesmo. Ela é muito boa, mas é da educação. Eu queria na verdade era o Tamires, mas ele aposentou.

Francisco falou também sobre sua afinidade com outra abordagem, a transpessoal. Dessa forma, fica explícita a relação que Francisco estabelece entre a psicologia e a espiritualidade.

Foi através da supervisora, através de outros professores. Porque eu manifestava um interesse por algumas abordagens como, por exemplo, a psicologia transpessoal. Aqui tem, só que a abertura é muito pequena, não tem muita. Realmente talvez seja pela base científica, porque não é uma coisa comprovada empiricamente e tal. Então às vezes é discriminado por isso. Porque a Universidade realmente ela se baseia em... Ela é uma universidade que tem uma visão totalmente positivista, totalmente.

O deslocamento produzido, das questões espirituais para a psicologia, parte também da compreensão que Francisco tem da própria fenomenologia. A associação entre ciência e religião é fundamentada, inclusive, a partir da crítica que Francisco faz à ciência positivista. Por outro lado, ele se identifica com teorias que se sustentam em um subjetivismo abstrato, que incorpora o todo no tudo, articulando espiritualidade e ciência, como dirá o próprio Francisco, uma ciência transcendental, configurando um estado indiferenciado. A tensão existente nos conceitos é banida do conhecimento. Há um equacionamento entre teoria e prática, eliminando assim o estranhamento no que se refere à *praxis*. De qualquer forma, é uma adesão essencialmente individualista, que pode unificar tudo, excluindo assim a lógica universal. A frieza que nutre esse subjetivismo se instaura a partir da negação em se entender os mecanismos sociais que criam essa mesma frieza.

Quando a gente fala especificamente da abordagem existencialista dentro da psicologia, então a palavra correta seria é fenomenologia existencialista. Que é uma das abordagens que eu estudei também um pouco. Dentro dessa abordagem a gente encontra alguns autores, alguns pensadores que caminharam pro lado da religião, como o exemplo de Kierkegaard, que era muito religioso e tal, e elaborou toda uma, toda uma estrutura, todo um estudo em cima da religião, da educação em cima do homem. Então eu vejo que partindo da fenomenologia existencial, a gente pode ver alguns pontos de encontro da religião com a ciência. Não essa ciência positivista, como é colocada pra gente. Mas uma ciência, além disso, uma ciência transcendental. Quando eu entrei então na faculdade, quando eu tive esse contato eu pude alterar minha visão.

Os sentidos produzidos por Francisco acerca de sua formação apontam um estado de indiferenciação no que se refere à compreensão que ele tem da abordagem da área, inclusive da própria psicologia enquanto ciência e profissão.

Ser psicólogo pra mim é ser ético em primeiro lugar. Ter conhecimento daquilo que você está fazendo. No caso ter conhecimento da psicologia, ter consciência da psicologia. Saber situar a psicologia como você falou, é..., nas suas áreas de aplicação. Porque quando a gente fala em ser psicólogo, isso implica em ser profissional em primeiro lugar. Então se a gente não tiver claro isso, a gente não é psicólogo, a gente apenas é um colaborador aí da sociedade. Não sei que palavra que eu utilizo, mas não é psicólogo. E ser ético é ser fiel, a uma, ser fiel a uma abordagem. Que eu digo não é no sentido de ser fiel à fenomenologia (risos). É praticar a fenomenologia. Mas é ser fiel a uma abordagem que prioriza o ser humano em primeiro lugar, dentro dos seus direitos e dos seus deveres.

Posteriormente, Francisco afirma que, hoje em dia, com relação à religião, ele se nomeia espiritualista. De certa forma, ficou implícita a identificação de Francisco com o pai, buscando uma aproximação com ele, inclusive, na religião.

Antes da faculdade eu seguia a religião católica, seguia mesmo, frequentava, fazia parte de todos aqueles rituais deles, fiz todas aquelas etapas lá de crisma, primeira comunhão, tudo aquilo. Só que saindo da universidade, agora eu já, eu já modifiquei um pouco a minha visão. E eu estou mais voltado para o espiritismo. Então eu comecei a frequentar também o espiritismo, e comecei a seguir também, tá certo. Hoje eu não sigo, mais eu digo hoje, é hoje mesmo eu não sigo mais com aquele ardor de antigamente, mais ainda tem uma afinidade com eles. Então é, hoje eu digo que eu sou um espiritualista.

Meu pai que já é mais assim um pouco, mas mesmo assim, mais ele tem a crença dele, ele é cristão, acredita em Deus e tudo. Só que ele não tem aquela freqüência, aquela permanência, aquele segmento na religião. Inclusive ele é maçom. Então a maçonaria também ajuda a pessoa se formar em cima da religião. Então é por isso que puxa um pouco ele pro lado da religião.

*Pesquisador: Você também é maçom?

Ainda não. A maçonaria funciona na forma de convite. Então é quando eles vêem que a pessoa tem uma certa afinidade, tem um certo grau de conhecimento, um certo grau de instrução mais elevado, aí eles chamam a pessoa, eles fazem o convite.

Francisco sempre praticou esporte, principalmente até os 19 anos. Depois, relata que o pai também é um atleta. Mais uma vez, Francisco faz referência ao pai.

Eu fui atleta também de caratê, fui atleta de atletismo também. Então eu passei por muitos esportes diferentes, futebol de salão também. Eu sempre quis fazer esporte. Meu pai é um atleta também.

No que se refere às questões pertinentes ao trabalho e à formação, Francisco deu alguns indícios, inclusive apontando o motivo pelo qual sua primeira opção para realização do estágio seria na área organizacional.

No momento não. Eu trabalhava numa empresa de telegrafia até o ano passado. Aí por razões de término aí do curso, eu preferi abrir mão disso e

terminar o curso. E eu era um entrevistador, eu fazia seleção pra ele, para a empresa. Eu sempre tive muita, muita afinidade com essa área, área organizacional. Hoje estou desvencilhando um pouco dela. Mas antes eu tinha muita afinidade. Então eu passei por algumas empresas de telegrafia. Uma foi como estagiário. Agora a outra foi como efetivo. E o foco do meu trabalho era realmente seleção. Só que na época eu não tinha ainda a formação. Porque hoje eu tenho o bacharel, né. Na época eu não tinha ainda a formação em psicologia. Então, é não se pode, é antiético, né. Então eu trabalhava no sentido de selecionar as pessoas apenas numa primeira etapa do processo. Não concluir o processo. O processo era concluído pelo profissional.

No momento, Francisco não está trabalhando, devido à finalização do curso de psicologia.

Realmente foi pelo tempo. Porque o período lá era integral e a universidade hoje pra mim também é integral. Estou fazendo, é meu turno é vespertino, como eu disse. Então estou fazendo estágio à tarde e tenho disciplinas à noite, tenho aulas à noite e às vezes de manhã também. Estou com o tempo todo preenchido.

Por fim, Francisco expôs os nexos constitutivos do seu processo formativo, colocando em primeiro lugar a família.

Uma coisa foi a família. A outra coisa foi a universidade. E a outra coisa foi, foram os pensadores, esses autores que eu busquei. No caso, dentro da família tem as pessoas assim que realmente me ajudaram mesmo com relação ao curso. Dentro da universidade, tem os colegas e o supervisor. E dentro dos autores tem as abordagens. E como eu falei, aquela hora, todas as peças vão se encaixando aí. E formam esse profissional. Pra mim essa formação humana ela está incluída na formação profissional. Então eu não vejo separação entre a humana e a profissional. Eu integro o profissional ao ser humano. Porque o profissional também é um ser total, aquele se que eu estava falando, total. É o ser que sente, que vê, que enxerga, é esse ser que participa... do mundo, participa da sociedade. Então, pra mim isso, isso é muito importante, essa formação pessoal pra formação profissional. Eu não vejo separado não. Eu vejo integrado. Então a gente aprende pra vida pra gente aprender também pra profissão, que faz parte também da vida. Então não é algo separado, é junto. Não tem jeito de separar.

4) Luciana

Luciana estagiou na área clínica a partir da abordagem comportamental. As mediações que seguem são importantes para compreender a formação de Luciana em psicologia.

Foi cognitiva comportamental, foi fundamental pra mim (risos), decidi o que eu queria (risos). Essa eu gostei, eu fiz com a Gisele. Nossa foi fantástico, foi fantástico. Foi, eu acho que foi a melhor, as melhores aulas que eu tive.

Eu também gostava da psicanálise com a não é psicanálise o nome da teoria, o nome da disciplina é..... a eu não lembro gente. Mas era com a Paula da psicanálise. Também gostava, mas assim eu gostava porque eu acho ela assim, ela entende bem a psicanálise. Mas assim, eu gostei mais da cognitiva comportamental porque foi uma área que eu segui, que eu identifiquei com ela e com a Gisele.

De acordo com as exposições de Luciana, a tendência se atualiza. A afinidade com uma determinada disciplina ocorre na associação direta com o professor que a ministra. Posteriormente, Luciana aponta as implicações por ter escolhido a área clínica para realizar o estágio.

Clínica? Por que será? Porque eu acho bonito ajudar as pessoas assim (risos), ter contato direto com aquelas pessoas, ajudar. Ela chegar, falar das queixas e a gente tá ali pelo menos pra poder ajudar. Apesar de que nem tudo a gente consegue, né, resolver. Mas o que a gente puder fazer.

O argumento de Luciana, que dá consistência à escolha da abordagem para a realização do estágio, retoma, mais uma vez, a questão da práxis psicológica. A psicologia é usada como uma caixa de ferramentas acoplada ao seu manual de instrução, à qual os psicólogos podem recorrer, de acordo com suas próprias necessidades. E, nesse sentido, sustentam a lógica desta sociedade. O que realmente importa são os resultados rápidos.

Eu escolhi essa abordagem porque é uma abordagem que faz com que eu acredito no resultado da psicologia, ela é assim, é uma coisa assim mais lógica, entendeu, que a gente vê o resultado mais rápido, tem sentido, tem mais sentido. É isso. E a minha abordagem é a cognitiva comportamental. Tem mais sentido. É isso. Apesar de a Gisele ser da comportamental, mas eu já,..... são poucas coisas que diferenciam, né. Ela, no entanto, ela falou também da cognitiva comportamental e eu me identifiquei.

Luciana não aproxima as questões implicadas na religião e na ciência.

Não. Eu não tenho muita fé não, na religião não. Eu não acredito muito não. Eu acho que só, eu acho que só assim uma questão de distrair ou algo a mais que a gente se apegar. Mas assim, que é essencial, é tudo, pra mim eu não vou, eu não sigo muito pra esse lado não.

Relatou também que, no estágio, aprendeu mais sobre as questões teóricas do que no próprio trabalho. Por outro lado, o entendimento das questões práticas ficou mais evidente na experiência que teve e tem vivenciado no trabalho. Ficou explícita a recorrência da cisão entre a teoria e a prática, na fala de Luciana.

Eu aprendi muito assim na questão clínica, comunitária, eu aprendi muita coisa lá, com ela, com a psicóloga de lá. Na época, essa psicóloga que eu aprendi muita coisa é a Doralice. Ela agora tá no cais, mas eu aprendi muito, muito com ela mesmo. Embora no estágio eu aprendi mais aqui, eu aprendi mais no estágio, mas assim antes do estágio eu aprendi muita coisa com ela. Não teórico, né, mas assim a parte prática mesmo.

Ficaram evidentes as contradições na experiência formativa de Luciana, inclusive quando ela evidencia sua aversão à psicologia social. No entanto, trabalha com grupos.

No entanto psicologia social eu nunca gostei. Quando eu tava eu acho que no 4º período, no 5º período eu detestava psicologia, principalmente pelo fato de ter psicologia social. Eu reprovei nessa matéria, social III. Eu fui começar a gostar do curso eu acho que foi no 7º período mais ou menos. Aí quando vinha psicologia social então que vinha essa questão de marxista, positivismo, falava de grupos dessas coisas assim, nunca nem me chamou a atenção, não gosto até hoje, não gosto (risos). Mas eu gosto mais é da área clínica, né, lá tem atendimento clínico. No entanto se for pra eu trabalhar, eu penso em trabalhar em hospital e não na área comunitária.

Com todas as questões apontadas anteriormente, Luciana discorreu sobre as contribuições fundamentais para sua experiência formativa.

Primeiro foi a minha dedicação. Segundo foi.....eu acho que foi.....foi os professores mesmo, nessa orientação, os professores. E o terceiro o estágio. O estágio foi o que mais, foi o mais importante. Porque eu acho que foi assim, foi.....sei lá eu acho que foi a relação da teoria com a prática. Foi assim você conviver naquilo mesmo. Tá atendendo casos clínicos mesmo, entendeu. Tá atendendo, tá relacionando com a prática, com a teoria. E também, não sei, a minha supervisora, a Corina, foi fantástica. Ela foi excelente (risos).

5) Maria

Maria estagiou na área clínica, tendo como referencial teórico a gestalt. Posteriormente, apontou suas afinidades com certas disciplinas e também com certos professores.

A eu gostei muito de psicopatologia especial (risos), gostei muito de psicanálise teórica I, né, que eu peguei com a Vânia.. É psicopatologia..... não como é que é o nome daquela que eu esqueci. É.....a tem uma que eu esqueci que eu peguei com a Lisa, de gestalt, que eu esqueci (risos), nossa mas eu não lembro dela, mas foi muito boa também. A eu gostei que eu lembro dessas.Gostei muito de psicopatologia, que eu mais gostei, se eu enumerasse uma ia ser psicopatologia.

Ao apontar sua preferência por certas disciplinas, Maria as associa

imediatamente aos respectivos professores.

Hospitalar não tinha jeito. Aí eu gostava de gestalt-terapia, porque eu tava pegando aquela matéria que eu não me lembro o nome com a Lisa. Apaixonei na Lisa. Mas foi ela que me levou, digamos assim, pra gestalt. Mas ela é uma ótima profissional. Só que eu não, eu não sou digamos assim adepta ao jeito que ela trata alguns alunos. Tipo você apresentar trabalho e ela falar sobre do jeito que você deveria fazer com o seu paciente, eu acho que ela acaba pegando pesado. Eu acho que são poucos professores na faculdade que têm respeito assim com aluno.

No que se refere à aproximação entre a psicologia e a religião, Maria aponta a importância de entender essa mesma aproximação, para facilitar principalmente a compreensão do desenvolvimento dos “transtornos dos pacientes psiquiátricos”. Mas, por outro lado, aponta a religião e a psicologia como possibilidade de cura para o ser humano, aproximando ciência e espiritualidade. E ainda afirma que a psicologia pode resgatar a mesma espiritualidade do ser humano, revelando uma aplicabilidade de conhecimentos da referida área, a solução de problemas religiosos e vice-versa.

Eu acho que depende em relação a alguma coisa eu até vejo, tipo: as pessoas que têm transtornos nessas clínicas, essas pessoas assim, eu acho que elas têm muito digamos delírios, alucinações direcionadas ou que têm a ver, alguma relação com religião. Até porque quando você vai conversar com alguma pessoa que tem algum tipo de transtorno, você já reparou, eu não sei se você já reparou que eles falam muito de Deus, essas coisas e tal. Então eu acho assim que tem alguma coisa a ver, mais pro lado do espiritismo, né. Se você olhar em relação que a psicologia pode resgatar também o lado espiritual e que o lado espiritual pode trazer digamos, se a pessoa tem... tem, que ela vai digamos causar uma melhora nela mesma em relação a isso, eu acho que sim. Porque eu também acho que, a psicologia também tem que abranger, né, essas áreas. Quando a pessoa tá bem assim com a sua religião, alguma coisa faz bem pra ela, né. Tem a ver muito, eu acho que sim.

As mediações anteriores revelam o sentido produzido por Maria no que se refere à sua própria construção em ser psicóloga. Para a formanda, essa construção está vinculada ao humanismo, pelo fato de o mesmo ver o ser humano como o centro de todas as questões. Fica implícito que Maria também se vê no centro da família. Talvez tal fato possibilite o entendimento da constituição de sua subjetividade, alimentando sua compreensão do mundo, positivando-a. Sua identificação com um suposto humanismo vinculado à gestalt aponta, inclusive, uma negação das condições materiais que produzem a existência. Em nome de um otimismo, busca-se desesperadamente uma felicidade meramente subjetiva,

conformando com os interesses individuais como um fim em si mesmo. De acordo com essa lógica, o ser humano pode ser o centro.

Eu acho até que por isso que eu fui pro lado mais da gestalt, porque a gestalt tem esse lado, né, humanista de ver as pessoas, ela resgata o que é de positivo no ser humano. Então, e coloca o ser humano no centro, né, de tudo assim.

Em última análise, Maria revelou que, na sua experiência formativa, foi fundamental buscar sua própria terapeuta como referencial.

O acolhimento digamos do ser humano, acho que eu aprendi muito com relação a isso. Nossa, eu melhorei bastante a tratar os meus pacientes. Ainda mais quando eu comecei a fazer terapia, aí eu tirei a minha terapeuta (risos) como modelo e percebi (risos) que eu não era a terapeuta acolhedora que eu achava que eu era. Mas essa questão de acolhimento a gente tem que tomar cuidado. A questão, digamos do sigilo que eu acho que é muito importante. Eu acho que eu aprendi muito, o que eu formei assim em relação à psicologia foi a questão também que eu achei muito estranho no começo, tipo fora do mundo, fora da realidade, foi a questão de ter contato com as pessoas que têm transtorno, sabe, isso mexeu muito comigo. Porque eu nunca tinha entrando numa clínica que tinha gente que tem esse problema, que tipo eu pensava que era louco, sabe. Aí eu conheci os nomes desses tipos de transtornos, né. Até então eu via essas pessoas como loucos, né, como todo mundo via e tal. Mas depois eu vi que são problemas, né, da pessoa, que ela nasce com transtorno e tem esquizofrenia ou é bipolar e aí vai.

Para Maria, nomear um transtorno é o suficiente para compreender a questão. Ela ainda argumenta que esses mesmos transtornos são inatos, sem remeter às condições materiais dos quais eles são produzidos. Por fim, expôs algumas mediações que constituíram seu processo formativo, revelando uma formação que se justifica no humanismo e também o deslocamento das teorias para os professores, como fonte de identificação.

6) Flávia

Flávia estagiou também na área clínica a partir da abordagem cognitiva comportamental. Posteriormente, apontou algumas mediações que constituíram sua trajetória no curso de psicologia, mencionando algumas disciplinas com as quais teve afinidade.

Eu acho que eu posso dizer é.....as matérias de desenvolvimento. Desenvolvimento I, II e III, que falam muito da, por eu ter tido uma filha agora, né, então me ajudou, muito com relação à psicologia. As matérias

da área organizacional e do trabalho que eu fiz também, como eu já disse que é uma área que eu gosto muito. A psicanálise pra eu assim tirar algumas dúvidas, as matérias relacionadas à psicanálise, pra eu tirar algumas dúvidas que eu tinha e pra eu esclarecer muita coisa. Porque eu acho que na psicanálise tem muito coisa que se você não tiver estudado mesmo, não estudar, se você não tiver dentro de uma matéria relacionada à abordagem, você não entende nada. Então me esclareceu muito.

A importância da disciplina “Desenvolvimento” é referida pelo fato de Flávia relacioná-la ao entendimento das transformações pelas quais sua própria filha está passando, ou seja, se justifica numa problemática individual.

No mesmo sentido, Flávia expõe o motivo pelo qual buscou no estágio a comportamental-cognitiva como referencial teórico, apontando sua identificação inicial com a psicanálise.

Eu falo que eu caí meio de pára-quadras nessa abordagem. Porque eu não tinha pegado nenhuma matéria relacionada à área comportamental-cognitiva. Eu ia fazer na psicanálise. Mas aí quando eu peguei uma matéria que aprofundava mais na área da psicanálise, foi aí que eu comecei a não concordar com algumas coisas, entendeu. E aí, eu ainda tenho muito o quê aprender a respeito da área. Se eu tiver oportunidade eu vou fazer cursos pra poder atender. Porque é uma área que eu gostei muito, é uma abordagem que eu gostei muito. Tipo de conhecer.

Posteriormente, Flávia relatou o que significa para ela a identidade profissional, revelando uma compreensão voltada para as implicações individuais e, especificamente, a atuação na clínica.

Eu, assim, eu sempre falo que psicólogo ele não tá pra dar conselho. Ele não é conselheiro. Ele ajuda a pessoa, no caso o paciente a perceber o que tá atrapalhando ele, na vida dele, entendeu. O que está causando aquele problema pra ele. Psicólogo tá ali pra poder fazer você enxergar o que tá ocasionando esse problema na sua vida.

A adesão de Flávia ao curso de psicologia tem a ver com o fato dele ser um curso que não exige muito investimento pessoal para aprovação no processo seletivo. Nesse sentido, quando o indivíduo opta pelo curso de medicina e não consegue uma resposta satisfatória, a tendência posta é buscar o curso de psicologia, até pela associação entre os dois cursos. Essa associação não está referida apenas na consciência dos homens, mas na forma de como se produz a existência, higienizada, em que há uma contínua apologia da medicalização da vida. E a psicologia também está referida a tal fato.

É difícil falar. Porque assim, é um curso que sempre me encantou muito. Por trabalhar com pessoas, entendeu. Mas na verdade o que eu queria mesmo era algum curso, alguma área que trabalhasse com criança, que eu sempre adorei criança. Só que pra fazer pediatria eu teria que fazer medicina. Então pra eu passar num curso de medicina eu achei que era assim um pouco complicado pelo fato de eu nunca ter sido muito assim de estudar, de ficar grudada muito nos livros, que é essa a necessidade de passar na medicina. Então eu achei um pouco complicado e resolvi fazer psicologia, a minha segunda opção era psicologia. Mas dentro da psicologia eu posso trabalhar com criança. (Flávia)

A religião da qual Flávia segue os princípios é a evangélica. No entanto, a formanda apontou a inviabilidade de aproximar a prática psicológica aos princípios religiosos.

Eu vejo uma aproximação, mas eu acho que assim a gente não deve misturar, né. Porque de vez em quando eu vejo aqui em alguns prontuários de triagem os próprios pacientes pedindo pra que sejam atendidos, por exemplo, da religião evangélica. Então, aí eu procuro não pegar os prontuários. Sempre procurei não pegar pra poder não ter aquela é.....misturar, entendeu. Não saber diferenciar. Eu sempre tive medo disso. Do próprio paciente, do cliente não saber diferenciar o psicólogo da religião, entendeu. Então eu acho assim, pode ter uma relação sim, mas tem que saber essa diferença.

Posteriormente, Flávia apontou o significado de formação, associado diretamente à “qualificação profissional”.

Se você tiver algum tipo de formação. Por exemplo, eu quero procurar um emprego, eu quero crescer na minha área profissional, mas se eu não tenho uma qualificação, se eu não tenho uma formação que se adeque aos requisitos pedidos pra certos cargos, é mais complicado pra gente conseguir, entendeu.

E, ao fim, Flávia aponta as contribuições fundamentais para sua formação.

Eu não sei se poderia entrar, mas eu acho que uma das coisas que me formou foi..... A minha dedicação, o meu esforço pra poder concluir o curso, né. Eu acho que eu não fiz o curso assim, não muito da maneira com que eu esperava ter feito, porque eu tive muitos problemas durante o curso. Eu sei que todo mundo tem. Eu tive muitas dificuldades. Mas eu acho que uma das coisas foi isso, a minha dedicação. As outras duas eu não sei se entraria. Mas, é.....o apoio dos meus pais. Me formou enquanto pessoa e com relação ao curso. E a outra coisa, eu acho não, eu tenho certeza que eu posso colocar isso, foi o companheirismo do meu marido. Que ele, mesmo assim, antes da gente casar ele sempre teve comigo, na, assim, nos momentos que eu achei que eu não ia conseguir terminar o curso mesmo. Ele conversou comigo: não, vamos em frente, você tem que conseguir, você tem que terminar. Se você quer ser uma profissional, você tem que terminar.

A constituição da subjetividade de Flávia revelou as contradições por ela vividas. A começar com o motivo pelo qual escolheu o curso de psicologia, apontando desejo em fazer medicina, mas não foi possível porque precisava se dedicar muito. Então, por isso também escolheu psicologia. O mesmo ocorreu com a escolha da abordagem no estágio. Flávia se identificou com a psicanálise, mas, pelo fato de ter que investir mais nos estudos e também por discordar de algumas questões que a professora “colocou”, sobre alguns conteúdos da abordagem, preferiu não aderir a esse referencial teórico. Nesse sentido, a formanda buscou, na comportamental-cognitiva, um entendimento que fizesse mais sentido, de acordo com sua própria racionalidade.

As análises anteriores revelaram os sentidos produzidos, pelos formandos que estagiaram na área clínica, sobre suas respectivas experiências formativas. Nesse sentido, foi possível apreender as mediações que constituem o processo formativo na clínica-escola. Os formandos que realizam o estágio na área clínica podem, inclusive, escolher o supervisor e também o referencial teórico. Já nas outras áreas é comum os estagiários escolherem somente o campo de atuação, não vinculando imediatamente essa mesma escolha aos supervisores nem aos referenciais teóricos. As análises indicaram que as condições para a realização do estágio na área clínica possibilitam a presença de mecanismos de identificação imediata entre os estagiários e os supervisores, já que grande parte deles já foi professor dos formandos durante o curso de psicologia. Nesse sentido, fica posta a atualização do estranhamento de um formando, que estagiou na área comunitária, com relação à forma e ao conteúdo que instituem o estágio nesta universidade.

Então eu achava assim. Que tinham, que as áreas aqui de estágio, não era dividida entre escolar, clínica, organizacional e comunitária. Eu achava que dependia do seu orientador né, que não existia esses blocos e dentro desses blocos os sub-blocos assim. O cara trabalha com psicanálise, não tá: mas aí você quer trabalhar com psicanálise, procura um orientador psicanalítico. Mas aí você quer trabalhar com a psicanálise na clínica ou na hospitalar, entendeu. Aí não, você chegava num supervisor de psicanálise que daí ele te encaminhava pra alguém que trabalha com psicanálise no hospital ou psicanálise na clínica ou psicanálise na organizacional. (Murilo)

As análises revelaram também uma aproximação na produção de sentido dos formandos com relação à formação que estagiaram a partir dos referenciais teóricos, do psicodrama, da gestalt e da fenomenologia. Os três formandos, a princípio, não tinham intenção de atuar na clínica, justificando a escolha da área pela identificação

direta com o supervisor. A relação com a teoria é secundária e se justifica pelo fato de as três abordagens mencionadas anteriormente se fundamentarem no humanismo, ressaltando que a fenomenologia é compreendida enquanto abordagem e não como eixo epistemológico. Nesse sentido, a racionalidade, que institui a adesão dos formandos a essa *praxis*, é pautada na negação do método positivista, afirmando contraditoriamente o mesmo a partir do momento em que se exclui o entendimento das condições objetivas em que estão postas as relações entre os homens.

Os outros formandos, tanto da comportamental quanto da comportamental-cognitiva, também indicaram, a partir das análises dos sentidos produzidos pelos mesmos, que a busca pela área clínica aconteceu também pela identificação imediata com os supervisores, embora essa questão não tenha ficado tão evidente com esses mesmos formandos. Já o formando que estagiou na psicanálise apontou outras mediações, inclusive uma identificação com a supervisora mediada pela teoria. Nesse caso, a escolha do referencial teórico se sobrepôs à afinidade direta com o supervisor. Inclusive, esse formando procurou trabalhar com um professor que supervisionasse atendimento com crianças.

Ainda com relação à área clínica, foi possível analisar que as condições de estágio na clínica-escola facilitam o primeiro contato dos estagiários com seus respectivos objetos de investigação, isto é, são os pacientes que buscam atendimento no CEPSI. Já, nas outras áreas, a realidade se configura de outra forma, ou seja, são os formandos que buscam o primeiro contato com o objeto a ser investigado, deparando-se com muitos impasses nessa trajetória.

Enfim, as análises apontaram que as diferentes condições objetivas, no que se refere às diversas áreas, instaura a possibilidade de os formandos internalizarem de forma diferenciada os mecanismos formativos, constituindo assim o processo de formação.

Posteriormente, seguem os relatos dos formandos da área comunitária, hospitalar, e, por último, da organizacional, revelando as mediações fundamentais que constituíram a experiência formativa desses formandos.

7) Murilo

Murilo estagiou na área comunitária e realizou seu estágio em uma delegacia. Revelou, a partir de suas falas, algumas contradições que experienciou

durante seu processo formativo. A começar pelas disciplinas que o formando considerou como as fundamentais na sua experiência formativa.

Os dois psicodiagnósticos. Falando em teoria e prática eu acho que foi as duas matérias que juntou mesmo teoria e prática. Quando sei lá, quando Freud descreve o ato falho ou a transferência e aí você vai pro psicodiagnóstico e de repente você tá vendo aquela transferência acontecer e a contratransferência acontecendo e tal. E aí você pensa assim, né. Tá mostrando, mas é a mesma coisa: cadê professor na ora pra chegar e falar assim: e aí, é isso? E mesmo nos testes assim, principalmente projetivos, dá pra ver muita teoria.

Murilo argumenta que foi possível articular teoria e prática nos psicodiagnósticos, revelando o motivo da importância dessas disciplinas. Posteriormente, Murilo narrou as experiências contraditórias que vivenciou, ao escolher a área para a realização do estágio.

Aí é igual eu no estágio, né. Eu pensei assim: não, eu quero fazer estágio lá na facção e tal, tal, tal. Daí mas que área que é? Comunitária. Mas eu odeio comunitária. Como assim é da área comunitária? Porque daí a comunitária se divide em jurídica e bla, bla, bla. Então o exemplo de que não ficou claro (risos), nem um pouco claro. E porque eles consideram assim. É da área comunitária e aí dentro da área comunitária você tem a jurídica. E aí bla,bla, bla, vai pra jurídica. Mas isso só depois que você descobre. Agora a clínica é perfeitamente definido, porque é o que você mais tem de exemplo na faculdade.

Posteriormente, o formando relatou seu desconhecimento com relação à abordagem da sua própria supervisora. Afirmou que, por conta própria, buscou seus referenciais teóricos na psicanálise e na comportamental, “misturando os dois referenciais”. Apontou também que, na área comunitária assim como na hospitalar, escolar e organizacional, existem dois supervisores: o de campo e o da universidade. Essa condição, de acordo com o formando, cria alguns impasses, repercutindo principalmente na formação do estagiário.

Eu não tenho, eu acho. É uma mistura. Minha supervisora não tem abordagem, apesar, que eu nunca procurei, perguntei. Eu falo assim, pessoalmente eu tenho muito, uso muito da comportamental, muito da psicanálise e o pouco que eu estou aprendendo da bioenergética. Gestalt e psicodrama, não, não. Só comportamental e psicanálise, misturado. É que no método positivista misturado, sei lá, com a dialética, né. Não sei. E o meu supervisor é o Uberlino. Ele dava aula aqui. E..... a supervisora aqui me pegou assim por conta disso, desses esquemas, que daí ficou sendo a supervisora de campo e a supervisora da faculdade seria a Jussara. E ficou assim.

Murilo revelou que, na área comunitária, não se escolhe supervisor, o que impede, inclusive, a construção de vínculo entre o estagiário e o supervisor.

Eu fui escolhido. Eu fui escolhido assim. É.....tinha um professor da jurídica e ele dava um estágio supervisionado aqui na católica. Então eu fui procurar e tal, tal, tal. Daí o semestre que eu entraria no estágio, ele estava saindo da faculdade. Então acabou que eu fui pra mão do outro supervisor. E aí esse outro supervisor, eu nunca tinha visto na vida, nem nada. E nem sabia nada o que ele fazia e tal, tal, tal. Nossa, meu estágio, agora vendo assim, meu estágio foi muito zoadado.

Posteriormente, o formando apontou as contradições que viveu durante sua formação, pontuando o quanto o conhecimento é passado de uma forma superficial, quase sem aprofundamento.

Eu acho que a faculdade ela dá só o conteúdo assim, o conhecimento, sabe. Ela te indica. Ela fala assim: existe, existe isso, existe isso e existe isso. Se você quer saber mais vai atrás. Se você não quiser, tudo bem, eu já te disse que existe. Sabe eu vejo, eu vi, muito isso assim na formação.

Remetendo à análise anterior, com relação aos impasses vividos durante seu processo formativo, Murilo pontuou a inacessibilidade ao comitê de ética, que, segundo ele, dificulta a produção de pesquisa. Murilo foi o único formando que mencionou a existência desse comitê.

Pra produção de conhecimento é fundamental. Só que o principal empecilho é o comitê ético.

Enfim, ao discorrer sobre as contribuições fundamentais na constituição da sua experiência formativa, Murilo aponta a identificação com um professor durante sua experiência formativa em psicologia.

A partir do sentido produzido por Murilo, no que se refere à sua afinidade, pode-se observar, implicitamente, que a constituição da sua formação se deslocou para a atuação na clínica.

Três coisas assim, três matérias. Personalidade III, que foi com a Lúcia Helena, que daí que eu tive contato com Freud. Realmente e aí tipo aquilo me despertou e tal. Segunda, neuropsicofarmacologia, com o João Prado. Que ele, o dia que virou pra gente e falou assim: é o paciente, ele que tem que convencer que ele está doente. Você não tem que acreditar nele. Eu tirei isso como.....o cara me ensinou a ser psicólogo, sabe. Tipo de fazer uma anamenese, de.....é, diagnosticar alguém de algum transtorno.

E olha que a matéria dele nem era suficiente assim, vamos dizer assim. Era assim: os fatos lá e tal, fazer esqueminhas. Mas ele assim, tipo assim, a matéria dele foi a principal na formação. E a terceira, psicodiagnóstico infantil. Que foi tipo assim, o entrelaçamento entre teoria e prática. Pra mim, foi perfeito. Foi onde que eu vi assim o: não isso é psicologia, isso é psicologia acontecendo, isso são mecanismos do inconsciente acontecendo. Aqui você tá vendo o superego do moleque falando. Aqui você tá vendo o id dele falando. Foi puro assim.

Foram essas mediações apresentadas anteriormente que constituíram a formação de Murilo, revelando uma subjetividade, em que busca distanciamento do grupo em todos os sentidos. Mas, por outro lado, revelou também uma busca por referencial que se desloca para a figura de autoridade do professor. Estas e outras foram algumas das questões apresentadas com relação ao formando, que estagiou na área comunitária. Vale ressaltar que o formando não resistiu em responder ao roteiro de entrevista, pelo fato de ter conhecimento das dificuldades na trajetória da realização de uma pesquisa. O mesmo ocorreu com os formandos da área hospitalar e da área organizacional. A realidade na área clínica instaura justamente o contrário. Todos os formandos da área clínica apresentaram resistência para responder o mesmo roteiro.

8) Poliana

Poliana estagiou na área hospitalar. Posteriormente, seguem-se os sentidos produzidos acerca da sua formação:

Eu lembro que desde pequena, só que eu não sei te falar porque, que eu falava que eu ia ser Psicóloga, desde criança. Mas eu sei que eu tinha um primo, e assim, ele era muito legal, sabe, ele o jeito dele, de conversar muito, ele trabalha com motivação. Então ele tem um jeito assim sedutor. Então eu, eu acho, que eu me espelhei nele. Aí chegou na universidade eu olhava aqueles outros cursos, na universidade e não no 3º ano e pensava em Direito. Parece que não era a minha cara, né. Eu pensava nos cursos de exatas também não queria tanto. Aí eu fiquei meio balançada por sociologia, mas aí eu acabei decidindo mesmo e não me arrependi.

No que se refere à sua trajetória formativa, Poliana mencionou as disciplinas que tiveram maior relevância durante o curso de psicologia.

A última pra mim que eu não queria ter passado sem ter feito foi Como que chamava? A gente, a gente é estudou transtorno depressivo, à luz da psicanálise. Agora eu não me lembro o nome da disciplina, foi com a Fabiana. Foi quando eu estava mais aberta pra ouvir, pra aprender a psicanálise Um curso de Licenciatura que a gente estudou as leis, as leis orgânicas da Educação, que também foi muito bom. É

..... é Psicopatologia, teve o I, psicopatologia II, quando eu estudei com a Mara. Foi mais na área comportamental. Eu também gostei muito. Deixe-me ver..... As matérias de Organizacional eu não aprendi (risos), eu tentei mas não consegui. Embora fosse imprescindível. Com a..... , a, tá é Social I. É que quando eu estudei com a Ilda, também foi muito bom. E depois com a Lara, só. Foram as que, foram as fundamentais.

Com relação à escolha da área de estágio, a formanda afirmou que, inicialmente, queria fazer na comunitária. Posteriormente, Poliana apontou alguns impasses que teve na transição do estágio I para o estágio II, revelando outros motivos para a realização do estágio na referida área. Ficou evidente, em sua fala, que ela não delimita as áreas de atuação.

Na verdade eu queria fazer comunitária e eu já tava no grupo de pesquisa com a professora. E ela me contou de alguém que tava com o trabalho que era no limite, né. E aí eu falei: não então, tá próximo do que eu quero, né. Logo eu conheci essa colega minha e ela se deu bem. E como o trabalho era também na comunitária, aí eu o escolhi.

* Pesquisadora: Mas você está matriculada na Hospitalar.

Na saúde. Ah não, dividi? É porque a gente fica alguns dias na Santa fé, né. Então ficou entre saúde, comunitária e hospitalar. Porque, porque saúde tá dentro né.

Poliana apontou algumas questões relativas à realização do estágio I, principalmente a dificuldade que teve para encontrar outro supervisor que concordasse em supervisioná-la nessa transição para o estágio II.

Eu fiz o estágio I, aí eu fechei. Fiz a introdução. Aí eu parei por um ano, foi traumático meu estágio I (risos), realmente eu não consegui, sabe. Não que eu não tenha gostado, porque eu gostei tanto que sempre eu corri atrás, eu mexi. Mas eu fechei a nota, fiz o estágio I, mas parece que a professora também concordou que, ela disse que não era pra eu permanecer na área clínica, entendeu. Mas eu, eu, daí eu parei, decidi parar. Embora assim eu fechei o estágio I por uma questão de nota, mas não no sentido pessoal, porque eu queria, eu tinha escolhido aqui o CEPSI, pra mim. Então eu aí parei, fiz as matérias de licenciatura, tudinho, que eu não ia fazer. Peguei outras matérias optativas. Foi aí que eu prolonguei mais seis meses. E só agora eu vim fazer o estágio II. Eu fiz tudo de novo.

Posteriormente, a formanda confirma, a partir de sua fala, seu desconhecimento com relação à abordagem e também sua incompreensão no que se refere aos métodos.

E todo mundo fala que o behaviorismo é uma ciência natural, né. Todo mundo fala isso pra gente, que tá dentro do positivismo. Mas quando eu estudei com o professor Claiton ele falou que não era o positivismo. O

positivismo ele acompanhou a comportamental ou a comportamental pegou alguns princípios dele até por uma questão histórica. Porque onde ele nasceu, o behaviorismo metodológico que foi com é watson, até a década de 50, mais ou menos, ele era positivista, porque ele se propôs a ser científico, né. Então assim, o behaviorismo rompeu com o positivismo, né. Mas assim ele tem aquela raiz lá. Então a gente estuda por todo mundo que é ..., mas o que é mais forte no behaviorismo radical que foi a partir de Skinner, é a relação de comportamento e a consequência que seria o funcionalismo, o pragmatismo.

O desconhecimento da abordagem e dos métodos possibilita à formanda se identificar imediatamente com abordagens que se intitulam com outra roupagem, mas que, ao fim, partem do mesmo fundamento que ela negou anteriormente, ou seja, do positivismo. Foi possível analisar também, a partir do momento em que ela fala “que o positivismo fracassou, pela própria necessidade de ajudar as pessoas, pela própria necessidade de a clínica funcionar, que o positivismo teve que ficar pra trás”, revelando talvez seus próprios conteúdos. A angústia de não conseguir se realizar na clínica é deslocada para o desapontamento com a própria teoria. Nesse sentido, Poliana, a princípio, entendeu o behaviorismo como possibilidade de resolver suas próprias questões.

Mas só que tem uma, tem uma linha do behaviorismo que não é divulgada na Faculdade. E foi essa que eu tinha interesse, entendeu. É que trabalha mais com com, com análise contextual, entendeu. Porque, pelo próprio estudo, aquele positivismo fracassou, pela própria necessidade de ajudar as pessoas. Pela própria necessidade da clínica funcionar ,né, aquele positivismo teve que ficar pra trás.

A formanda confirma a análise anterior, a partir do momento em que aponta a importância de um formando estar passando também por um processo terapêutico.

Eu penso hoje se eu deveria assim, se fosse pra clínica, que a gente deve ir sim, ser atendido por alguém, sabe, pra ouvir, que não é só uma questão racional de você saber. O quê que é mais importante, analisar, ou melhor, o quê que é mais importante você obter daquele cliente ou não. Mas há também uma questão emocional, né. Você tem que ter, eu não diria força emocional, mas você tem que ter adquirido algo em você, sabe, parecendo uma viagem mesmo. A pessoa tem que tá até certo ponto além do conhecimento teórico dela. Ela tem que tá vivenciando alguma coisa que dá condição pra ela, pra ela atender. Foi essa, foi minha dificuldade, porque eu fui atrás de tudo quanto é teoria, mas eu cheguei muito frágil na prática. Eu penso que foi de uma ingenuidade minha, de achar que estudar as coisas na psicologia era igual matemática (risos).

E a formanda ainda revelou o deslocamento das questões psicológicas para a religião e vice-versa, apontando a constituição de uma subjetividade que adere

imediatamente a determinadas racionalidades. Ao se referir ao behaviorismo, Poliana confirma sua “crença” no mesmo, transpondo as implicações da referida ciência para o campo da “fé”, indicando, inclusive, uma aproximação da lógica que estrutura o mencionado corpo teórico e, ao mesmo tempo, o dogma religioso. A naturalização de “Deus” foi possível, na medida em que Poliana vinculou as questões naturais implicadas no próprio behaviorismo à religião.

Nesse sentido, a formanda relatou que, devido aos questionamentos que a faculdade proporcionou, principalmente a partir do próprio behaviorismo, hoje ela entende a “religião de forma mais natural”. Pela suposta satisfação de necessidades imediatas, esse reencontro parece oferecer a Poliana uma sensação de reconciliação com a realidade, de bem-estar.

Psicologia e religião? Eu já pensei muito nisso Parece que teve momentos assim, por ser..... eu acreditava mais no behaviorismo, né, que tem muito uma questão de que as coisas são muito naturais né. Mas não existe assim essa questão de que Deus vai fazer por você. É você quem faz você se comporta, você que conquista, você age de tal forma e aquilo gera uma consequência, né. Só que eu vi que a forma como eu era cristã, como eu acreditava na Bíblia, era ainda imatura. Por isso que aquilo não conseguia se aproximar. Porque é....., Deus era como se fosse uma história de criança, tipo assim, alguém que vai manipular os seres humanos. Hoje eu entendo Deus como através de Jesus, que ele viveu na Terra, como se fosse um Che Guevara, mas que fosse tipo assim uma autoridade espiritual.

Poliana apontou o significado de sua experiência formativa em psicologia.

Eu penso que o psicólogo tá aberto pra que as coisas possam mudar o tempo inteiro, entendeu. É você abrir mão dos preconceitos, e você abriu mão de olhar pra pessoas com seus julgamentos, colocar no lugar do outro, é Você lutar também pelo outro mais do que o restante da sociedade.

Enfim, Poliana revelou, em sua fala, como foi fundamental ter como referência os professores, na sua formação, o que revelou, de forma recorrente a atualização da identificação imediata dos formandos com seus professores. A busca por um referencial teórico é deslocada diretamente para a figura dos professores, sem a mediação da teoria. E, nesse mesmo sentido, Poliana apontou sua “experiência de fracasso”, vivida durante o estágio I, fundamental também para sua formação.

Eu acho que é alguns professores foram primordiais, né. As falas deles mesmo. É simples falar que um professor influenciou, mas é mais complexo. Porque é alguém que você olha, que você admira, e que você quando crescer, quer ser igual. Então você vai atrás dos livros que ele fala que ele leu, você assistiu aos filmes que ele fala que leu. E aí ele te conquista e você vai atrás de uma abordagem porque o professor era lindo, entendeu. Porque ele falava uma coisa que você queria falar e não deu conta, entendeu. Ele defendia uma causa que você sonhava em defender, mas você achava pequena e ele conseguiu e você vai conseguir também. A relação de alguns colegas, eu tenho amizade até hoje. Eu creio que isso também me influenciou assim pra minha formação, no sentido E a terceira? A terceira eu acho que foi a experiência de fracasso que eu tive no estágio I, que eu fiquei mais humilde (risos). E que eu me abri pra outras abordagens. Se eu não tivesse essa experiência, eu não esperava que eu tivesse ido pra psicanálise, né. No sentido de ver que algumas coisas realmente estão presentes na vida da gente.

9) Carla

Carla realizou estágio na área organizacional. Relatou todo o seu percurso e os impasses vividos, apontando, inclusive, que foi através da área organizacional que conseguiu um trabalho que lhe proporcionou mais estabilidade. Atualmente, Carla trabalha como analista de recursos humanos.

Eu vi o cartaz lá na faculdade e fui. Aí eu fui selecionada. Fiquei lá o prazo em que eles tinham determinado, contrato determinado, porque tava muito difícil em Araguapaz, porque eu tava lá um ano, eu tava assim, um estresse total, cabelo caindo (risos). Vim, fiquei. E depois que eu fiquei na Ravan esses meses, que eu consegui um outro. Eu vi também lá na faculdade, um cartazinho pra faculdade Delta. Eu falei: eu vou lá, né, do outro lado da cidade. Daí eu falei: não tem outra saída, vamo. Aí fui. Aí lá eu comecei como estagiária. A Júlia me conheceu, me contratou. E aí no início desse ano a Júlia veio como gerente de recursos humanos da Cintral, e me chamou pra vir como analista, e eu vim. Lá no Delta já tinha a carteira assinada já como auxiliar de recursos humanos. Aí quando eu vim, ela já me chamou pra ser analista de recursos humanos, e foi ótimo. Aí, aqui estou (risos).

Carla aponta que o trabalho na área organizacional, inicialmente, não foi escolha, mas necessidade, pelo fato de ter que pagar as mensalidades do curso.

A não foi uma opção não. Não sei se você viu, mas foi assim, eu precisava.....Se fosse pra mim escolher o quê que eu teria feito na psicologia eu acho que eu teria trabalhado com grupos, eu acho que eu teria trabalhado com a comunidade, mas numa abordagem assim relacionada à psicanálise. Aí, depois eu consegui na área organizacional. E aí eu fui desenvolvendo nessa área e as coisas foram acontecendo. E foi onde saiu, surgiu a contratação, no Delta. Depois a Júlia me chamou pra vim pra cá. Eu acho que ela apostou muito em mim, sabe. Ela, ela fez muito por mim, pra mim desenvolver. Hoje eu sinto a necessidade de aliá isso, de buscar da psicologia, de buscar das minhas vontades, sabe. Porque eu sei a dificuldade também de você trabalhar, de você ter de se sustentar trabalhando na área clínica. Por exemplo, nas outras áreas, né, a gente vê a

dificuldade que é. E quem sabe depois fazer algo que eu goste mais ainda. Porque hoje eu gosto da área organizacional (risos).

Carla “descobriu” que a escolha do curso de psicologia está vinculada aos conflitos que ela teve com o pai, buscando, na sua formação profissional, a possibilidade de resolver seus conflitos familiares.

Aeu acho que.....O Paulo sempre falou isso e eu concordo plenamente com ele. Ele fala que a gente vai pra psicologia fugindo da terapia, né, de análise (risos). E eu concordo plenamente. Eu acho que a história de vida da gente faz a gente fazer opções. É.....hoje eu acho que fiz psicologia pra superar a existência assim junto com meu pai.

Com relação à escolha da área para realizar o estágio, o argumento se repete:

A eu fui escolhida (risos). Hoje eu fico pensando que também não é só dizer que foi escolhida, sabe. Existem coisas que estão por trás das coisas que a gente faz e quer. Porque eu acho que deu certo, porque tá dando certo. Quando eu pensei em fazer um curso eu falo assim, eu faria Psicologia ou Administração. Porque essa parte de organizar, de orientar, de planejar eu gosto muito. É por mais que pra mim não estivesse tão claro que eu quero organizacional porque outras coisas me fisgavam também, só deu certo porque não tinha aí um interesse que não tava tão né, tão transparente, tão, não emergiu assim mais que existia realmente. Então assim as coisas encaminharam de forma que eu vim trabalhar né, na área organizacional. Mas existia assim algum interesse que não estava tão nítido assim. A área organizacional eu sei que tem uma facilidade em consegui.....é, em você adentrar nos primeiros anos de formada. E tanto pela questão de estágio, por não exigir tanta experiência, né, experiência. Você tem que ter conhecimento, mas você não precisa de anos de experiência, de vivência como é na área clínica, né.

A necessidade também “fez” com que Carla trabalhasse na área organizacional, dando-lhe oportunidade de ter “contato com a prática”. No seu entendimento, a atuação nela é direta, não há mediação da teoria.

Eu acho que eu fui atrás, eu tive uma prática, entendeu. No que eu corri atrás, muito pela necessidade mesmo, né, de adentrar, de ter contato com o mercado rápido, ouve sim prática. Mas na formação mesmo, nas aulas, você vê que é aquela coisa..... Que eles até se esforçam sabe pra fazer esse paralelo, pra trazer a prática. Mas fica muito aquela coisa de cumprir com o conteúdo.

Carla apontou não ter tido um referencial teórico durante o estágio. Inclusive, sua supervisora também não tinha uma abordagem definida, que pudesse orientar a formada.

Se eu te falar que eu não , não, não tenho assim uma abordagem é porque eu não tenho realmente, eu não penso sobre isso, sabe. Quando eu estou me comportando eu não me comporto pensando A Fernanda, minha supervisora, ela também não tem uma abordagem (risos). Ela, na organizacional, a gente não tem necessariamente que seguir uma abordagem. Então assim, quando a gente foi buscar livros e referencial teórico, a gente buscou de pessoas de áreas diferentes, sabe. Da área social, da abordagem social, da psicanálise, eu li um da administração que não é da psicologia. Então assim, ficou um mix, sabe.

Posteriormente, Carla discorre sobre as disciplinas que foram fundamentais na sua formação em psicologia, sempre associando-as aos nomes dos professores:

Aisso é fácil de responder. Tem uma disciplina que vai ficar pra história. Ela é como que chama gente?Fundamentos filosóficos da psicologia. Eu acho que é esse nome. Ela é no primeiro período e quem dá essa disciplina é o Gabera. Não sei se você conhece ele? Mas que viu.....que, que pessoa. Eu acho que até hoje eu lembro das aulas dele. Não tem ninguém que não gostava. Eu fui monitora da Ana de PGE, eu gostava do Mário que é dessa área. Na psicanálise tem os seus talentos.. Então eu acho assim, muito pela didática do professor, que sabe colocar a importância daquilo pra gente valorizar as outras. Então assim, se eu fosse dizer as disciplinas que me marcaram eualaria essa de filosofia. Psicologia do desenvolvimento com a Aline, que eu consigo lembrar as falas dela. Psicanálise com o Paulo e PGE, PGE com o Douglas. Tá vendo, está sempre ligada a uma pessoa. Eu acho que é um personificar, não sei se existe o termo não.....personalizar.

Carla relatou também o quanto foi angustiante, durante sua formação, a “guerra” entre os professores, que tinham o objetivo de defender seus territórios, no que se refere às suas próprias abordagens.

A isso fica muito claro, né. Porque é uma guerra de abordagens, né. Então fica muito claro. Tem as áreas e as abordagens, né. Eu acho que fala tanto disso. Pra mim foi um conflito, muito tempo, essa questão de abordagens. O que é pra um, não tem que ser pra todos não, não precisa disso não. A gente tem que, sei lá, aprender a se respeitar mais, ver valor nos outros, nas outras opções. Mas fica muita guerra. Nossa, e como. Menos as abordagens (risos). E é muito nítido, né.

Carla mencionou as facilidades encontradas na área organizacional, para atuar na profissão, apontando uma realidade de absorção rápida pelo mercado, ao contrário da área clínica. A tendência se repõe. O velho argumento que sustenta a conquista de um espaço no mercado de trabalho voltado apenas para a capacidade dos indivíduos é recorrente. Na área organizacional, a atuação se justifica também pela praticidade, pela utilidade que ela tem neste mundo. Em nome da união da racionalidade prática e utilitarista aos instrumentos de adaptação ao status quo, a

formação se curva frente ao progresso e se transforma em uma psicologia conformista.

Tenho assim.....não porque eu fui atrás , muito pelo que eu ouvi dizer. A área organizacional eu sei que tem uma facilidade em conseguir.....é, em você adentrar nos primeiros anos de formada. E tanto pela questão de estágio, por não exigir tanta experiência. Você tem que ter conhecimento, mas você não precisa de anos de experiência, de vivência como é na área clínica.

Por outro lado, no que se refere aos sentidos produzidos com relação ao trabalho, Carla revelou as contradições vividas, ao mencionar que a área organizacional está muito vinculada à administração, condição de trabalho esta que não lhe proporciona muita satisfação. Apontou, inclusive, que seu reconhecimento na objetividade passa por outras formas de objetivação.

Então assim, eu quero aprender a desfrutar, eu quero aprender a desfrutar, a sentir, a fazer as coisas por prazer. Eu acho que é assim. Eu tenho direito pelo menos um dia nesse ritmo. Depois eu vou fazer mestrado, eu vou, eu vou continuar estudando. Eu, eu não penso ora nenhuma em parar. Ou de fazer especialização nessa área, buscar um pouquinho. Porque na organizacional é muito administração. Então assim, eu acho que eu tenho tantas possibilidades, sabe, de trazer um pouco mais de psicologia. Eu acho que vai ser tão diferente, tão rico. Então eu penso nisso. E fazer algo que me dê prazer.

Ao falar da importância da pesquisa na formação, Carla se refere ao seu irmão, apontando outras formas de objetivação.

Muito importante, eu considero muito importante, não pelo que eu vi na faculdade não. Porque igual eu te falei, eu não participei. Mas o meu irmão ele é bolsista de iniciação científica e está fazendo doutorado. Assim, eu vejo o quanto que isso né, desenvolve, dá oportunidade, a pessoa realmente ela tem enfoque, ela pode se desenvolver naquilo, ela tem rumo, um eixo, né.

Carla aponta seu entendimento sobre o significado em ser uma profissional em psicologia.

É isso. É acreditar no potencial das pessoas, nas possibilidades pro homem, sabe. Nas possibilidades de mudanças. De fazer diferente. Dede.....(risos) recordar, repetir e elaborar. Elaborar, sabe (risos). Eu acredito no elaborar, no fazer melhor. Não que eu acho que o ser humano é um bam, bam, bam, que muda tudo, que não tem estrutura. Mas eu acredito nessas possibilidades. Eu acredito assim, que seja uma faísca. Mas existe essa faísca e ela tem de ser valorizada. Porque senão perde muito o

sentido, sabe, porque se não, não há sentido. Se você é só máquina, se você só repete, porque né, por que então? A vida pra mim é mais do que isso. É saber perceber isso, é respeitar, sabe. Só que o psicólogo realmente às vezes ele é muito prolixo né. Eu acho que, que talvez por isso também eu optei pela área organizacional, eu acho mais prático, sabe. Eu acho que às vezes o ser humano precisa disso, sabe. De alguém, de ajudar no como mesmo, entendeu? Mesmo que o como seja simplesmente ouvir. Talvez essa seja a necessidade.

A formanda também não vinculou as questões pertinentes à psicologia à religião.

A, se a gente for parar pra olhar tem muitas aproximações agora, né (risos). Tem psicologia do que mesmo? É..... Psicologia da re.....eu não sei qual que é o nome, mas tá ligado à religião. Agora eu procuro não vincular, eu acho que as coisas separadas, cada um com seu espaço, cada um com seu território. Mas eu sei que tem sim. Não sei aprofundar sobre o assunto não.

E, ao fim, Carla mencionou novamente o quanto alguns grupos foram fundamentais na constituição da sua formação.

Formação humana pra mim é um pouco disso tudo que a gente falou, sabe. É uma questão de formação pessoal, eu enquanto gente, quem eu sou, o que que eu quero, qual é o meu objetivo de vida, o que que eu quero nessa trajetória que é passageira. E nessa formação macro assim, eu acho que a gente ingressa em alguns grupos que são formadores também, né. Que é o trabalho, é a escola, é a igreja e o seu bairro. E assim por diante. Só que isso tem que estar coerente né, tem que tá relacionado. É igual pelo menos pra organização..... que eu não imaginava tomar o rumo que tomou. Eu fui falar de treinamento e desenvolvimento, e por que disso. Porque tem toda uma questão minha, de formação pessoal, de interesse. Então assim, a as formações né, esses locais onde a gente se forma, eles estão relacionados, aquilo que quando você é enquanto pessoa. Acho que todos esses meios são sim formadores. A psicologia tem tudo a ver com isso. Não é a toa que as pessoas procuram a psicologia e ela tem que continuar com esse papel, entendeu. Pra mim é mais ou menos dessa forma. E tudo que você for fazer, tudo que eu for fazer, de alguma forma vai se relacionar de alguma forma, vai se relacionar ao que eu aprendi ali. Então eu acho assim. Hoje tanto que é que varia essa trajetória minha. Acho que eu posso ir pra outros rumos, mas muito da psicologia vai também comigo. E muito mais do que eu vivi antes, eu sei que é muito forte também, entendeu.

Em última análise, Carla apontou as contribuições fundamentais na sua formação.

As pessoas, as pessoas que eu digo os professores e os colegas. As experiências dessas pessoas e a vivência com elas. Eu acho que são essas pessoas mesmo, que têm nome. A segunda coisa que eu acredito é na trajetória, e no que já foi, que já aconteceu, no que as pessoas já se interessaram, sabe. O quê que é pra mim essa

trajetória. E no que aconteceu com Freud, e no que aconteceu com Skinner, com Moreno, com Elizabeth Rodinesco. Enfim é o que elas viveram, e o quê que elas escreveram, que é um pedacinho só do que elas viveram, né. Então eu acho que eles deixaram, pesquisou muito, que às vezes a gente pode chamar de referencial teórico, bibliografia.. E terceiro, o sufoco que eu passei (risos). Mas aí você tem que levantar e passar por um dia que é uma loucura, e ir atrás, e tem horário, e tem que chegar e na casa aquele barulhão. Nossa, um sufoco. Me fez o que eu sou hoje, né (risos).

Essas experiências permitiram indicar as mediações psicossociais, que são fundamentais na constituição e possibilidade da experiência formativa, e apontaram a importância da autoridade enquanto referência para a autoria. Dessa forma, os sentidos produzidos a partir dos relatos dos formandos em psicologia apontaram a concepção do que seja formação, instigando um entendimento a respeito das identificações, inclusive passando pelas figuras substitutas, ou seja, pela identificação que os concluintes do curso de psicologia construíram com determinados professores, aderindo também a certas teorias e determinadas práticas. Nesse sentido, foi possível desvelar as categorias que se entrelaçaram, engendrando a história da formação.

CONCLUSÃO

A história dos formandos em psicologia possibilitou apreender a constituição da subjetividade e o processo de formação nela engendrados. O percurso da formação está vinculado aos espaços de socialização, lugar das relações entre os homens, que aponta, ao mesmo tempo, os obstáculos postos na realidade para essas relações. É recorrente tomar o conceito de sociedade pela soma das partes, que não expressa a totalidade. Nesse sentido, o conceito de indivíduo é desdobrado numa perspectiva isenta de relação, reduzida ao singular e ao particular.

Contudo, é fundamental apreender a socialização como um todo, que constitui o processo de formação. A narrativa das histórias dos entrevistados desvelou que, nelas, os conteúdos estão impregnados de universalidade, dentro de uma particularidade histórica. É na relação entre a natureza instintiva e a cultura pela qual se processa a relação indivíduo e sociedade que se constitui a subjetividade. Tal fato aponta, inclusive, a constituição da identidade dos homens nesta sociedade, pois ele necessita do outro não apenas no início de seu desenvolvimento, mas em todos os momentos de sua vida. A condição de humanidade implica relações que se desenvolvem a partir das formas de socialização postas na realidade. Cada indivíduo é a expressão daquilo que internalizou em nome de certas condições concretas.

E é nesse sentido que se entende que Freud apresentou um modelo “revolucionário” para a compreensão da relação entre indivíduo e a sociedade, que ele buscou, nos mecanismos psíquicos mais íntimos do indivíduo particular, a expressão das forças sociais mais gerais. Porque analisou profundamente o psiquismo individual é que pôde mostrar no que as instituições sociais se converteram e se convertem. Quanto mais profundamente a psicologia sonda as zonas críticas do interior do indivíduo, tanto mais adequadamente pode penetrar nos mecanismos sociais que produziram a individualidade. (RESENDE, 2007, p.11)

Apreender a formação a par da subjetividade que a constitui é desvelar os conteúdos da subjetividade na objetividade. Ficou explícito, na fala dos formandos em psicologia, nos sentidos por eles produzidos, a importância do outro, que tece a constituição da sociabilidade humana, a constituição da formação. Entender o movimento do processo formativo possibilita compreender as mediações psicossociais, suas contradições, na concreta relação indivíduo e sociedade, a

subjetividade na sua totalidade, o que aponta a necessidade de apreender o processo de relação que se estabelece a partir da família, da cultura, da arte, da linguagem, da identidade, entre outros. Nesse sentido, ficou evidente, na exposição dos formandos, a relevância das relações na constituição da subjetividade, da formação.

A alteridade, a constituição de um nós, se instaura enquanto expressão da sociedade e da história em suas bases concretas. O movimento da internalização da realidade e sua externalização aponta a condição de ser do homem, o conhecimento e o reconhecimento de si pelo outro e, ao mesmo tempo, com o outro. O indivíduo encontra, nos indivíduos e no mundo externo, os nexos que constituem a vida psíquica. Na análise e constituição do ser humano, aparecerá sempre “o outro”, aquilo que, originariamente externo, foi internalizado e agora constitui a dinâmica da subjetividade. Se a sociedade só existe nas condições concretas das relações entre os homens, é fundamental compreender como essas esferas se relacionam.

A experiência formativa vivida por esses formandos, em um tempo em que a semiformação impera, é, no seu movimento, contraditória. Nesse sentido, desmistificar a realidade é desmistificar a sensibilidade e a razão. É denunciar a semiformação, que implica na impossibilidade de reconhecimento do indivíduo na realidade. Mas, ao mesmo tempo, a questão pertinente à possibilidade de emancipação não deve ser resolvida, mas apreendida em seu movimento. Há uma constituição recíproca entre história e subjetividade, que estão mutuamente intrincadas.

A autoria, a inscrição da história singular no particular, que tece com a universalidade, se faz no desenvolvimento dos nexos que constituem a relação entre os indivíduos. Dessa forma, somente quando o homem real apreende em si o homem abstrato e transforma a individualidade em universalidade, dentro de condições concretas e determinadas, é que se realiza a emancipação humana como um processo histórico a ser construído e não como um ideal a ser resgatado.

A condição ontológica do trabalho, que é o elemento fundante da subjetividade e da objetividade, numa dada particularidade histórica, aponta a questão das condições concretas de um grande sertão com veredas vivas. A formação do psicólogo está relacionada a essa possibilidade, que engendra e constitui a subjetividade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADORNO, Theodor W.; Horkheimer, Max. **Dialética do Esclarecimento: Fragmentos Filosóficos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- ADORNO, Theodor W.; Horkheimer, Max. **Temas Básicos da Sociologia**. São Paulo: Cultrix, 1956.
- ADORNO, Theodor, W. **Educação e Emancipação**. São Paulo: Paz e Terra, 1995.
- ADORNO, Theodor, W. Crítica Cultural e Sociedade. Em: Prismas. São Paulo: Ática, 1998.
- ADORNO, Theodor, W. Sobre a relação entre sujeito e objeto. In: **Palavras e Sinais: Modelos Críticos 2**. Petrópolis: Vozes, 1995.
- ADORNO, Theodor, W. O Fetichismo na Música e a regressão da Audição. In: **Os Pensadores**. São Paulo: Nova Cultural, 1980.
- Baudelaire, C. Obras completas. In: **As Flores do Mal**. Rio de Janeiro: Aguilar, 1995.
- Benjamin, W. A Obra de Arte. In: **Os Pensadores**. São Paulo: Nova Cultural, 1980.
- Benjamin, W. O Narrador. In: **Os Pensadores**. São Paulo: Nova Cultural, 1980.
- FREUD, Sigmund. **Psicologia de grupo e análise do ego**: Identificação. In: Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, [1921]1996.
- FREUD, Sigmund. **Moisés e o monoteísmo**: um avanço em intelectualidade. Em: Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, [1939]1996.
- FREUD, Sigmund. **Totem e Tabu**. Em: Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, [1913]1996.
- FREUD, Sigmund. **O Futuro de uma Ilusão**. Em: Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, [1927]1996.
- FREUD, Sigmund. **O Mal Estar na Civilização**. Em: Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, [1930]1996.
- HOBBSAWN, E. **A era das revoluções**: rumo a um mundo industrial 1789-1848. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.
- HORKHEIMER, Max. *Eclipse da Razão*. São Paulo: Centauro, 2001.
- HORKHEIMER, Max. **Teoria Crítica**: uma documentação. São Paulo: Perspectiva, Ed. USP, 1990.
- JACOBY, Russell. **Amnésia Social**. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1977.

MARX, Karl. **Manuscritos econômicos e filosóficos**. São Paulo: Martin Claret, 2002.

MARX, Karl. **Para a crítica da economia política**. São Paulo: Abril cultural, os pensadores, 1978.

Matos, Olgária C. F. **O Iluminismo Visionário: Benjamin, Leitor de Descartes e Kant**. Em: *Imagens sem Objeto*. São Paulo: Brasiliense, 1999.

RESENDE, Anita. C. A. (1999). **Subjetividade e trabalho ou subjetividade não é cognição**. Anuário do GT Trabalho e Educação. Anped, n. 1, setembro.

RESENDE, Anita. C. A. **Subjetividade em tempos de reificação: um tema para a psicologia social**. Estudos, v. 28, 2001.

RESENDE, Anita. C. A. **Da relação indivíduo-sociedade**, Em: *Educativa*, v. 10, no. 1, Ed. UCG, 2007, (24-49).

ANEXOS

ANEXO I

Entrevista - Perguntas

*** Dados de Identificação**

Nome:
Data de nascimento:
Estado civil:
Nacionalidade:
Naturalidade:
Turno do curso:

*** Família**

Relação com os familiares
Formação e profissão dos pais.

*** Escola**

Importância da escola
Escolas que estudou
Desenvolvimento na escola
Outras Atividades

*** Religião**

Crenças e práticas religiosas
Aproximação entre psicologia e religião

*** Grupo (Pares)**

Envolvimento em debates políticos e sociais
Participação em grupos de estudo e/ou pesquisa

*** Meios de Comunicação**

Relação com a TV
Relação com a música
Relação com o cinema
Relação com Teatro
Literatura

*** Trabalho**

Você trabalha? Qual é a sua atividade?

*** Formação em psicologia**

Importância atribuída aos métodos

Importância atribuída à técnica - práxis (articulação ente a teoria e a prática)

Importância atribuída à teoria – diferenciar as abordagens

Disciplinas fundamentais no curso

Conhecimento das áreas de atuação

Conhecimento sobre o mercado de trabalho

Conhecimento das Obrigações do psicólogo

Escolha da área de estágio e da abordagem

Importância que atribui a pesquisa

Envolvimento em grupos de pesquisa

Significado de formação

Significado de formação em psicologia

O que é ser psicólogo

Psicologia enquanto profissão

Projetos

Tema do Artigo

As três contribuições fundamentais para a formação

ANEXO II

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Você está sendo convidado (a) para participar, como voluntário, em uma pesquisa. Após ser esclarecido (a) sobre as informações, no caso de participar deste estudo, assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável. Em caso de dúvida você pode procurar o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Católica de Goiás através do telefone: 3946-1071.

Informações sobre a pesquisa:

Título do projeto: Formação em psicologia e subjetividade

Pesquisador responsável: Érika P. Cardoso

O objetivo geral da pesquisa é identificar e compreender os sentidos produzidos pelos formandos em psicologia acerca da formação. Para tal será realizada uma pesquisa qualitativa, abrangendo dez entrevistas. A pesquisa será realizada no CEPSI (Centro de Estudos e Pesquisas e Práticas Psicológicas) e a qualquer momento o participante pode se recusar a dar informações que julgue prejudicar a sua pessoa. Fica ciente também que as entrevistas serão gravadas.

Esta pesquisa visa apreender o processo de formação em psicologia que seja concomitante com a formação humana. Fica claro que uma cópia deste termo permanecerá arquivada com o pesquisador responsável.

Participante: _____

Pesquisador responsável _____

ANEXO III

Termo de Consentimento de Participação

Eu, _____

RG _____

Comprometo-me em participar do estudo sobre formação em psicologia e subjetividade, em que fui comunicado dos objetivos desta pesquisa, tendo a liberdade de fazer perguntas a qualquer momento, sempre que houver dúvidas.

É também esclarecido que a minha participação é voluntária podendo retirar-me do estudo a qualquer momento que desejar. Em nenhum momento meu nome será publicado ou exposto, e caso seja necessário, será trocado como forma de manter minha privacidade. Este trabalho apresenta riscos na possibilidade de haver quebra de sigilo e desta forma cabe ao pesquisador manter em confidência toda e qualquer informação que possa identificar-me individualmente.

Goiânia, _____, _____ de 2009.

Assinatura do Pesquisador

Assinatura do participante

Testemunha (não) _____

Agradeço a ela (A vida), a produção desta,
E que me acordou deste sono letárgico(...).